EMBRECHADOS

DO AUCTOR

O MINUETE, comedia em 1 acto. — Não entrou no mercado.

POEMETOS, 1 vol.

DE BRAÇO DADO, 1 vol. — Collaboração com o Conde de Arnoso.

O PAÇO DE CINTRA, 1 vol. com illustrações de S. Magestade a Rainha, 1903.

NA GUELLA DO LEÃO, 1 vol. Exgotada.

AUTO DA FESTA DE GIL VICENTE, com uma explicação prévia.

EMBRECHADOS, 1908 — 1.ª e 2.ª edição. Exgotadas.

AUTO DA FESTA, 2.ª edição.

HISTORIADORES PORTUGUEZES. — Conferencia realisada na Liga Naval, 1909. Exgotada.

DONAS DE TEMPOS IDOS, 1.ª edição. Exgotada.

GENTE D'ALGO, 1.ª edição, 1915. Exgotada.

AUTO DA NATURAL INVENÇAM, de Ribeiro Chiado. — Com uma explicação prévia, 1917.

DONAS DE TEMPOS IDOS, 2.ª edição. — Com um prologo e contos inéditos, 1918. Exgotada.

NEVES DE ANTANHO, 1918. Exgotada.

GENTE D'ALGO, 2.ª edição. — Com um prologo inédito, 1920.

EMBRECHADOS, 3.ª edição, 1921.

No prelo:

A RAINHA D. LEONOR.

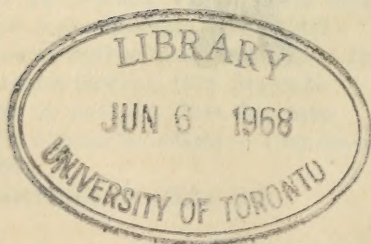
CONDE DE SABUGOSA

EMBRECHADOS

(3.a EDIÇÃO)

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Imprensa PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — Lisboa

EMBRECHADOS

José Joaquim da Silva Botelho

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Embrechados porquê?

Embrechados são os mosaicos caprichosos, as incrustações variegadas, feitas de seixos multicôres, de buzios e conchas, de fragmentos de louças finas, de contas e crystaes coloridos, que adornavam as grutas, os nichos e alegretes dos jardins e quintas portuguezas.

Esses embrechados enquadravam ostentosas cascatas, ao fundo de alamedas cheias de sombra, onde as aguas se despenhavam, murmurosas e espumantes, entre calháos artificialmente dispostos, sobre tanques coalhados de nenuphares, e, golphinos de pedra. N'outras construcções de quintas formavam-se os embrechados de grandes monstros marinhos, titans ou gigantes mythologicos que, com os seus corpos escamosos de silex de côres ruivas ou pardas, sustentavam brazões heraldicos,

escutavam com as suas orelhas feitas de conchas o sussurro das aguas, o coachar das rãs ou o cantar das cigarras sobre as alfarrobeiras; e porventura, nos jardins reaes, o sussurro de algum beijo recebido por açafata ladina, que elles, os satyros, com os seus olhos feitos de contas viam escapar-se furtiva por entre a ramaria verde das arvores, e as brancas estatuas do parque.

Nas casas de fresco sobranceiras aos lagos em que repuxos espadanavam; nas grutas, e nas paredes dos caramanchões dos jardins, alinhados de buxos e murtas recortadas, e postos em complicados labyrintos, onde o escol da sociedade requintada do seculo XVIII *jogava com affectada alegria as escondidas, a cabra cega, o busca trez; revestindo as abobadas das cavernas artificiaes ao fundo dos verdejantes pomares, almoinhas e hortas, onde, rodeadas da pequenada, de numerosas creadas encruzadas sobre esteiras, acompanhadas do rebarbativo e anecdotico capellão, do mordomo e dos escudeiros, as nossas avós contavam, ás horas da merenda, historias das suas avós; adornando nichos dos terraços e varandas de palacios os embrechados, alternando com os azulejos, que recobriam os canteiros e alegretes, eram adorno e graça das quintas nas residencias nobres.*

Desenhados por mãos de ingenuos e piedosos artistas os embrechados enfeitavam tambem, nas recatadas cercas dos conventos de freiras, as capellinhas rusticas onde presepios ostentavam em figuras de barro todos os que vinham adorar o Redemptor — Reis Magos, Centuriões romanos, Marquezas Luiz XV, gallegos com gaitas de folles, saloias com as suas fraldilhas, beatas com os seus biocos, a burra e a vacca do estylo...

Nos mirantes, nos torreões e varandas, nas pluriformes construcções de um neo-classicismo com que a imaginação de nossos avós dos seculos XVII *e* XVIII *povoou os jardins, os parques e os bosques das suas vivendas; os embrechados tinham na ornamentação um papel quasi tão predominante como o imaginoso azulejo. Eram polychromicos ornatos, eram matizados enfeites e adornos, eram figuras humanas, brazões d'armas, animaes mythologicos, eram abundante florilegio de motivos de decoração.*

Ramos frondentes tendo por fundo um chão de seixos cinzentos, recurvavam-se em pedras de côr. As amarelladas conchas, e os pintalgados buzios enfileiravam-se debruando e enquadrando os portaes. Os pratos da India ou antes da China, rodeados de fragmentos de ricos serviços do Oriente, quebrados no uso

dos banquetes, estrellejavam. Retorciam-se os rozarios negros das azevichadas contas, de variegadas missangas em phantasiosos desenhos. Variavam as côres, variavam as materias, variavam os ornatos, na factura dos silhares, das misulas, das cornijas, dos arcos das abobadas com que os embrechados revestiam, coloriam, embellezavam essas edificações, regalo da vista das gerações que nos precederam.

Havia-os notaveis e bellos em muitas quintas do termo de Lisboa, e em algumas da provincia.

Vêem-se ainda na dos Marquezes de Fronteira em Bemfica, junto da capella, onde é tradição que S. Francisco Xavier rezára a derradeira missa antes de partir para a India. Havia-os na Quinta dos Cesares a Santo Amaro, onde ainda hoje restam pittorescos vestigios de muitos d'estes ornatos.

Havia-os na capella da cerca das Freiras de Santo Alberto ás Janellas Verdes, que uma falsa noção de esthetica, e uma completa ignorancia de archeologia levou os architectos officiaes a arrazar. Existiam, ou ainda existem, em Caxias, na Bacalhôa, etc.

Existem tambem n'uma gruta ou casa de fresco, que na Quinta das Lapas junto a Torres Vedras, soberba habitação dos Marquezes

de Penalva, Condes de Tarouca, fica n'um eirado superior ao tanque cuja balaustrada da renascença indica claramente a sua origem anterior ao Palacio actual. Acerca d'esta gruta escreveu o sr. Gabriel Pereira: «N'uma construcção ou pavilhão de fresco perto do jardim fui encontrar no embrechado que reveste as paredes interiores alguns exemplares de contas vitreas coloridas de fabrico egual ao das contas de Chellas, da capella (desapparecida) das Albertas, e da Cascata da Quinta do Meio. Aqui tambem estas singulares contas são acompanhadas de cilindros, discos, etc., de vidro escuro. Continúa para mim a ser um problema a proveniencia de taes objectos.»

São pois os Embrechados incrustações formadas de fragmentos de materiaes hecterogeneos, e de proveniencias varias com que os artistas ingenuos tentavam compôr um todo harmonico.

São assim os artigos d'este volume. Publicados em revistas, jornaes, ou fasciculos, em diversas epochas e com differentes destinos, mas todos de assumptos cá da terra, apparecem hoje reunidos por um mosaista que, para comprazer com um editor amavel, compoz assim alguns Embrechados portuguezes.

*

Tem tambem nos Diccionarios a palavra Embrechado a significação de—entremez—entreacto.

Originou a palavra entremez o uso tão frequente na edade media de entremeiar os banquetes com representações scenicas, que se realisavam nos grandes agapes Regios ou Senhoreaes.

As salas em que estas verdadeiras solemnidades se passavam eram vastos recintos tendo ao fundo a meza real e dos Principes de sangue, e ao longo, perto das paredes, as mezas lateraes para os grandes senhores.

No espaço interior formado por estas trez mezas entravam a cavallo os officiaes móres, que traziam as viandas para a meza do Rei. Retirando elles, e no fim de cada serviço, entre dois manjares, entre-mêts *d'onde vem a palavra entremez entravam bobos, chocarreiros, saltimbancos, anões, homens de prazer, que organisavam qualquer diversão ou mômo, que assim tomou o nome de entremêts e que para nós se transformou em entremez.*

Tem portanto o seu cabimento na portada d'este livro a palavra embrechado, se se lhe quizer dar o significado de entre acto, especie de distracção (se o pode ser) entre dois

pratos da refeição, ou dois actos da comedia da vida.

Tem comtudo ainda a palavra embrechado uma outra accepção. Ai do livro! Significa «visita ou hospede importuno e desagradavel».

Se portanto o destino levar estas paginas a quem, attrahido pelos assumptos que tem de si interesse, achar que elles foram menos bem condimentados, o auctor não poderá ser accusado de ter surprehendido a boa fé do leitor, visto que dando ao seu titulo este ultimo entendimento, abertamente o preveniu de que lhe ia entrar em casa um hospede importuno e enfadonho.

Toiradas em Portugal

I

Em Lisboa, Salvaterra, Almeirim, Queluz, Cintra, Villa Viçosa; nos festejos publicos e occasiões solemnes; nos arraiaes e romarias; como passatempo querido da nobreza, que no correr dos toiros, justas, torneios, e pareo se exercitava para depois passar a Africa ou ir combater algures; como folgar domingueiro das villas ribatejanas; e como fonte de receita para obras de beneficencia, a toirada tem sempre feito parte integrante dos costumes portuguezes. E' o unico divertimente nacional, genuino, caracteristico, que tem acompanhado durante seculos a Historia, sempre favorito de Reis, de Principes, de fidalgos e do povo.

Pela transformação da arte militar acabaram as escaramuças, os jogos de cannas, e os desafios de cartel em que os mantenedores e aventureiros de armas brancas ao som

de trombetas, sacabuchas, charamelas, pifanos e tambores, defendiam em combates simulados as bellas Celindaxas. Desusaram-se os voletins, aquietaram-se e emmudeceram as danças mouriscas, e os esgares dos truões, desappareceram as *alcanzias* em que se luctava com bolas de barro cheias de cinza ou flôres. Juntamente com a cavallaria de gineta e o trajar pomposo do seculo passado morreram as cavalhadas, a argolinha, a cabeça de turco e o pato.

A toirada, porém, posto que tenha perdido a grandeza, a pompa, a solemnidade antigas, e já não seja um passatempo de luxo, uma escola de destreza, e um *sport* das raças finas, é ainda a mais attrahente diversão de estremenhos e alemtejanos; tem um prestigio indizivel de tradição cavalheirosa e galante.

E de facto, folheada a historia dos nossos costumes dispersa pelas paginas dos chronistas, pelos volumes dos eruditos, pelos trabalhos dos academicos, pelos periodos dos litteratos, e documentos extravagantes ainda por explorar, vê-se as corridas de toiros repetirem-se a cada momento na Peninsula, para onde foram trazidas dos amphitheatros gregos, e mais ainda dos circos romanos em que Tarquinio o Soberbo as madava celebrar

para aplacar a furia dos deuses infernaes. *Ludi tauri* (1).

Durante a invasão arabe e o dominio wisigothico correram-se toiros em Hespanha. Sabe-se que em 13 de maio de 1100 houve alli uma corrida celebre (2).

Em Portugal tambem, durante esse seculo XII, tão irrequieto e cheio das correrias e façanhas dos bandos occupados em expulsar o sarraceno, não raro os rudes guerreiros descançavam de correr charneca, e arremetter cidades, na folgança de largar possantes mastins aos toiros furiosos, e de lhes cravar nas espáduas e no dorso as perfurantes ascúmas e ligeiras lanças.

---

(1) No livro X, capitulo VI da *Republica Gentilica* escreve fr. Jeronymo Romano que em Roma se deu principio a estas festas porque havia grande mortandade occasionada de comer carne de toiro. Tornava-se necessario abrandar os deuses infernaes a quem se atribuia a calamidade. Celebraram então as corridas de que tambem falla Alexandre ab Alexandre nos seus *Dias Geniaes*, livro VI, capitulo XIV.

(2) Muitos escriptores, sobretudo hespanhoes, dão ás toiradas na peninsula uma origem arabe. Este povo já aqui encontrou aquelle divertimento. Por talvez já o contar entre os seus costumes, cultivou-o com enthusiasmo, apropriou-o á sua maneira de cavalgar, de trajar, etc., deu-lhe tanto caracter que muitos lhe attribuem a sua acclimação nas Hespanhas.

Alexandre Herculano faz-nos assistir a uma d'essas toiradas em que um toiro sahindo pelo postigo do castro, e correndo atravez do passadiço que assoberbava a barbacan, arremette furioso contra os irritados molossos, livres das trellas com que os cavalleriços os sustinham. Depois da lucta com os cães, descem á liça os cavalleiros dos briaes, que lanceiam com dardos o animal até á morte.

E' fóra de duvida que no principio da monarchia os companheiros dos primeiros Reis se occupam em jogos de tavolado e se exercitavam em tauromachias.

O velho Fernão Lopes, na *Chronica d'El-Rey D. Fernando,* referindo o casamento da Infanta D. Beatriz, conta que no dia do recebimento «o rei e a rainha vieram para as suas pousadas e depois de comer justaram e lidaram toiros e... todo aquelle dia se despendeu em festas e coisas que a todos pertenciam».

D. Duarte, que pelo seu proprio punho escreveu o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella,* por certo não desprezou, embora a não mencione expressamente, uma das mais bellas applicações d'aquelle nobre exercicio, o toireio.

Tinha-o seu neto D. João II em grande

conta, pois Garcia de Resende enumerando as virtudes, feições, costumes e manhas d'El-Rei, diz: «E as festas eram d'elle com grande veneraçam celebradas, e sempre n'ellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos *costumes dos reys seus antecessores* convem a saber, no Natal consoada, na Pascoa Ressurreiçam, dia de Corpus Christi procissão e *touros,* vespera de S. João grandes fogueiras, e no dia cannas reaes. Folgava elle de montear e caçar com galgos, açores e muito mais caça d'altanaria; tinha muito bons cães, muito bons lebreos e alãos que mandava lançar a touros.» Elle proprio não desdenhava apresentar-se em frente de um boi, como o fez certo dia que estando em Alcochete, ia de casa à pé com a Rainha, Damas, e muitos fidalgos, a vêr uma corrida no terreiro junto á egreja. Aconteceu que fugindo um toiro do curro, veiu pela rua principal precedido de muita gente em grita. Foi então que El-Rei tomou a Rainha pela mão, e poz-se deante d'ella com a capa no braço e a espada empunhada com grande segurança, esperando o toiro.

Valente, estimava os valentes. Por isso, d'uma outra vez, estando a correr toiros no terreiro dos passos d'Evora, succedeu estar uma tranqueira mal concertada. Subira a ella

muita gente, quando um toiro arremetteu. Fugiram todos espavoridos e só ficou um homem, que estava atráz dos outros, embuçado n'uma capa e de sombreiro carregado. Pegou elle na capa e na espada, e tão valentemente defendeu a sahida, que fez tornar o bicho atraz. Impressionou isto El-Rei, que lhe perguntou, com as suas fallas vagarosas, e entoadas pelos narizes, quem era e como se achava na côrte. Soube então que em Lamego matára um homem, e andava fugido. Mandou chamar o corregedor a quem recommendou que o livrasse, e depois lhe fez a mercê de o tomar para seu creado.

Prezava muito este Rei todas as manifestações de valentia e destreza: a carreira, o salto, a barra, a desenvoltura a pé e a cavallo. Tudo isso, de resto, já vinha na tradição desde os antigos lusitanos, de cujos jogos gymnicos e hippicos falla Strabão, citando o pugilato, escaramuças e batalhas campaes, que se transformaram no bafordo, alêo, toiros e cavalhadas.

Na sociedade guerreira dos primeiros tempos portuguezes tinham estes jogos o caracter de exercicios de actividade bellicosa, que, praticados entre sortida e sortida, apenas merecem menção. Depois, terminada a reconquista neo-gothica, nas épocas relativa-

mente pacificas que começam com o seculo XVI, a aristocracia, continuando a exercel-os como preparativo para as conquistas d'além-mar e guerras no continente, transformou-os comtudo em festas pomposas, deu-lhes o apparato de solemnidades nacionaes, e por ultimo desenvolveu n'elles o luxo magnificente, as riquezas deslumbrantes, que arruinaram muitas casas nobres no seculo XVIII.

N'uns ou n'outros tempos, em todo o caso, esse divertimento formava (embora o contestem praguentos) homens destemidos; desenvolvia as qualidades physicas de uma raça activa e emprehendedora, exercitando-lhe a coragem, e a destreza, exigindo-lhe superiores aptidões para a equitação, forte musculatura para o combate, distincção e elegancia no manejo do cavallo, certeza no empunhar do rojão á hespanhola, e fina arte no atirar do arremessão á mourisca.

Foi constante o favor de que este divertimento gozou, tendo sempre vencido as tentativas, muitas vezes feitas, para o abolir. Encetou-as o Papa Pio V, que em 1566 prohibiu as corridas de toiros em toda a christandade, lançando excommunhão maior contra os que as permittissem, ou tomassem parte n'ellas. Talvez não fosse estranha a

esta resolução a sua existencia em Roma, onde as tinham introduzido de novo os aragonezes no tempo de Callixto.

Conta Charles Yriarte, n'um livro ha annos publicado, que no dia de S. João de 1500 nas corridas organisadas atraz da Basilica de S. Pedro, Cesar Borgia desceu, sem mascara, á arena, para combater a pé, vestido simplesmente com um perpoem, e fazendo cinco *passes* de muleta matou os cinco toiros que lhe couberam, *aux cris d'une foule en délire.* E de novo toireou, mas d'esta vez a cavallo, fazendo pomposas cortezias, por occasião do terceiro casamento de sua irmã Lucrecia. Como se vê estava de novo arreigado o gosto por estas diversões na Roma dos Papas, como o estivera na dos Cesares. Não sei se a prohibição lançada pelo successor de Alexandre VI conseguiu o seu fim em Roma. Entre nós sei que foi pedida a Gregorio XIII uma bulla que novamente permittiu em 1573 as corridas de toiros sob duas condições: 1.ª sendo-lhes préviamente serradas as pontas; 2.ª serem corridos unicamente na presença do monarcha.

A Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya tinha tambem decidida aversão a este divertimento, nascida mais em dissabores offensivos do seu orgulho e do seu coração,

que no aborrecimento pelo proprio espectaculo.

Alguns casos caracteristicos explicarão esse odio.

D. Affonso VI, lê-se n'um manuscripto, tinha uma amante freira no convento de Odivellas por nome D. Anna de Moura, fazendo-lhe continuas assistencias com grande indecoro e geral reprovação de toda a côrte. E com tantos extremos da freira, que certo dia em que a referida religiosa fazia annos, indo El-Rei toirear para o pateo d'Odivellas, tendo dado uma queda e vendo-se por isso obrigado pelos cirurgiões a sangrar-se, a freira para fazer uma fineza ao Rei, sangrou-se tambem (1).

Um bisbilhoteiro do tempo, má lingua, mas interessante, conta mais que tendo chegado o tempo de a cidade de Lisboa fazer festa a Santo Antonio em 1667, assistiram aos primeiros toiros suas magestades e sua alteza. Acabado o dia soube a Rainha que em uma janella do paço estivera, vendo a festa, uma mulher conhecida «tanto pelo nome como pela vida, celebrada pela alcunha de *Calca-*

---

(1) Manuscripto da bibliotheca da Ajuda, citado por Bernardes Branco — *Affonso VI*, pag. 21.

nhares, sustentada para feitiço de sua magestade. Sentiu tanto a Rainha o desprezo, que apaixonada se manifestou achacosa, sendo seu desgosto a suspensão da festa» (1).

Mudando de marido não logrou maior socego, pois que vindo para Alcantara no 1.º de junho de 1672, seguiu D. Pedro a sua «arriscada inclinação pelo que esteve perigosissimo, buscado dos cornos d'um toiro que lhe rompeu o freio do cavallo, e este desbocado o despenhára se o Principe se não apegasse a uma columna, largando a cella do cavallo (2).» Mais tarde no Côrte Real de novo se viu arriscado e sahiu com necessidade de sangrias que não quiz tomar.

E como o Rei D. Pedro, refere um viajante (3), dotado de uma força extraordinaria, gostava immensamente de ir algumas vezes agarrar um toiro *á unha,* a Rainha receando alguma desgraça maior, tanto trabalhou que obteve a suppressão d'essas corridas, excepto nas occasiões de nascimentos de Principes ou Princezas.

Sobejas razões tinha ella, como se vê, para

---

(1) *Monstruosidades do tempo e da fortuna,* pag. 11.
(2) *Ibidem,* pag. 198.
(3) *Description de la ville de Lisbonne.*

não estimar muito o espectaculo, e o exercicio querido de seus dois maridos.

A prohibição não lhe sobreviveu durante muito tempo, e já no reinado seguinte eram de novo esses espectaculos tão frequentados pelos lisboetas, que o frade xabregano Fr. João de Nossa Senhora, typo popular, heroecomico, que percorria as ruas, poetando, prégando a cada canto, vociferando contra os desvarios do seculo e seguido d'uma turbamulta de rapazes e de mulheres, não teve bastante força na sua eloquencia para afastar do Rocio, onde se corriam toiros, as gentes, que no seu pensar caminhavam para a perdição; e achando-se com resumidissimo audictorio na egreja da Victoria onde prégava, improvisou as seguintes quadras:

No Rocio se faz festa
Na Victoria prégação;
Pouca gente assiste n'esta,
Mas n'aquella multidão.

Trez vezes divertimento
Bem se pudera escusar:
Tanto rir, tanto folgar
Póde parar em tristeza.

Na doutrina de Maria
Tenha Lisboa certeza,
Que toda a sua alegria
Ha de parar em tristeza.

Não faltou depois quem visse n'estes versos a profecia do terremoto d'esse anno. Entretanto, pela Rua Nova, e por todas as encruzilhadas que levavam ao Rocio, a multidão formigava sequiosa das commoções do circo, e descuidada das funebres queixas do *frade arengueiro*.

Passaram annos, e o terremoto, que tanto demoliu, não acabou essas festas.

Já na época constitucional, talvez mais demolidora ainda do que aquelle flagello, se pretendeu abolil-as de vez. Assim, o decreto de 19 de setembro de 1836 referendado por Manoel da Silva Passos, considerando emphaticamente que as corridas de toiros são um divertimento barbaro e improprio de nações civilisadas, e que semelhantes espectaculos servem só para habituar os homens ao crime e á crueldade, determina que fiquem prohibidas em todo o reino.

Mezes depois as côrtes geraes, extraordinarias e constituintes, votam a revogação d'este decreto (1).

Actualmente está pendente da approvação das côrtes no limbo das commissões parlamentares uma proposta abolindo as toiradas em Portugal.

---

(1) Carta de lei de 30 de junho de 1836.

Entretanto em cada cidade, em cada villa da Estremadura e Alemtejo, e até mesmo no Porto, se tem construido novas praças de toiros, que se vão enchendo todos os domingos de verão.

E assim o povo, que é ainda quem em Portugal conserva alguma individualidade caracteristica, resiste com o instincto das raças fortes ás doutrinas dos que querem ministrar-lhe á força uma educação de feitio cosmopolita, cuja adaptação indigena só tende a transformar em palratorio de *meetings*, em trocadilhos obscenos de theatros baratos, em danças pretenciosas de bailes familiares, o folguedo das romarias, feiras e arraiaes, a inspiração dos descantes, os requebros dos bailaricos, a algazarra, a chufa, a unidade do sentir das praças de toiros, unico logar onde em Portugal se manifesta a expansiva alegria do povo.

II

UMA TOIRADA D'EL-REI D. SEBASTIÃO

Corria o anno de 1575. Meava-se o mez de abril, e ainda el-rei D. Sebastião se demorava em Evora, triste pela morte de seu mestre

Luiz Gonçalves da Camara, já todo occupado nos projectos da sua phantasiosa empreza, para a qual a expedição a Africa no anno anterior lhe excitára os brios, mal humorado ainda com as combinações matrimoniaes de seu tio Filippe II.

Deixára-se invadir talvez com toda a ardencia das naturezas castas e reservadas pelo mysterioso sentimento votado á filha do conde da Feira, que lhe evitava o despeito por saber casada Margarida de Valois, sepultada n'um convento a viuva de Carlos IX, e promettida a outrem sua prima Isabel de Hespanha.

Porventura para resistir a esse crescente amor, recusava-se a vir para Lisboa, para onde o chamava o que hoje diriamos a opinião publica: exhortações de sua avó, queixas dos fidalgos, murmurações do povo, e até exclamações dos prégadores do alto dos pulpitos. Escriptos metaphoricos que lhe introduziam nas camaras, trovas mui persuasivas e doutas chamando-lhe «pastor descuidado de ovelhas», pouco o commoviam.

Resolveu então a cidade ordenar o festejo grave de toiros em Xabregas, defronte dos paços da Rainha. Convidado El-Rei não julgou dever recusar.

Mandou logo a camara formar um terreiro

largo em frente dos paços em que morava a Rainha D. Catharina. Mais de trezentos homens trabalharam durante muitos dias para entulhar de lenha e terra toda a praia, para onde era necessario alongar a arena. Rodearam-n'a de palanques altos de trez sobrados e adornaram-n'os de vistosas colgaduras, guademecis e tapeçarias com quadros symbolicos.

No dia 24 de junho começaram logo de manhã a encher-se os degraus dos palanques baixos, e todo o recinto destinado ao povo, que acorria pressuroso á sua festa. E emquanto a côrte não chegava, uns saccavam dos dados para arriscar alguns chavos e dobrões ás escondidas dos espias de João de Olmedo, que ha pouco contratára o estanco das cartas de jogar. Outros relembravam as festas e jogos de cannas dados trez annos antes em Santo Amaro pela chegada do vice-rei D. Luiz de Ataide, victorioso dos reis da India, e duvidavam que estes festejos pudessem ser mais brilhantes. Os edosos affiançavam que nenhum espectaculo melhor os divertia, que um auto de fé bem fornecido de judeus, como aquelle do reinado anterior, em que o medico de S. Cypriano levára trez horas a arder. Os rapazes novos que tinham espreitado os toiros encurralados vinham informar

da sua ferocidade, e declaravam que nunca os tinha havido mais bravos do que estes que a cidade offerecia a el-rei D. Sebastião. E em todas as conversas este nome echoava, commentando alguns ainda com azedume a sua longa ausencia da côrte, contando a maior parte com sympathia as suas doidas excursões fóra da barra n'um batel em que arrostára com o mais forte da tempestade, e com a surriada de tiros despedidos das torres sobre o seu barco, empregado em fiscalisar, elle proprio, as ordens sobre a entrada de embarcações. Referiam tambem as caçadas em Tancos e em Cintra montando cavallos sem ensino, e a energia com que em Almeirim justava durante trez horas seguidas.

N'aquelle enxame humano, buliçoso e irrequieto, com trajos de côres garridas, tabardos pittorescos, capuzes e luvas vistosas, a vozearia ia crescendo, confundindo-se no ar as chufas, os gritos as pragas das mulheres da Ribeira, os sons estridentes das trombetas bastardas com que as *folias* do Cartaxo e Montemór, e as *chacótas* de Leiria e Pombal vinham annunciar a corrida. Os vendedores de bebidas frescas pregoavam, servindo com azafama a multidão sedenta, de guelas sêccas pela calma ardente d'aquelle dia de verão. Destacavam-se aqui e alli as cabeças negras

dos escravos sorrindo humildemente, com os seus dentes muito brancos, das graçolas pezadas dos remadores das galeotas reaes, e dos ditos desdenhosos dos mercadores da Rua Nova que, movidos já pelo demonio de imitar a nobreza, ostentavam ricos gibões, calças, roupetas e ferragoulos alastrados de passamanes d'um gosto duvidoso.

Corriam os grupos dos mais abastados os beatos, com as suas opas de burel, e os mealheiros, e osculatorios ornados com imagens de santos, que davam a beijar, excitando a devoção. Os soldados de D. Luiz de Ataide, com as caras bronzeadas pelo sol da India, referiam presumpçosos a derrota do Idal-Kan, e os que tinham acompanhado a expedição do moço Rei a Tanger e Ceuta contavam com vozes avinhadas as caçadas ao javali, e as façanhas dos Portuguezes contra as tropas do governador de Mequinez.

Lá dentro nas estrebarias relinchavam alegres os cavallos, que haviam de figurar nos jogos e na lucta, animados pelas palmadas afagadoras dos cavallariços, e excitados pelos mugidos ferozes dos toiros encurralados. E, como o sol ia subindo, os olhos procuravam com ancia os trez sobrados dos palanques superiores destinados á Rainha D. Catharina, á Infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel,

á Casa da India, tribunaes, e senhores da côrte. Começavam esses palanques a povoar-se. Das innumeras cadeirinhas que havia na cidade forradas de damasco e de brocado, das liteiras luxuosas, e dos raros côches apeava-se, rodeada de escudeiros, creados, escravos mouros e negros, a fina flôr da sociedade portugueza. Lá no alto das tribunas principiaram a assomar as personagens da côrte. E para cada uma havia entre o povo commentarios; uns benevolos, cheios de veneno outros. As virtudes dos homens e as reputações femininas eram pasto de conversas, de ditos, por vezes até de imprecações violentas abafadas no alarido geral.

A entrada de D. Juliana, filha do duque de Aveiro, d'uma belleza melancholica, levantou exclamações de admiração. E a sua paixão infeliz pelo moço Rei coroava-a de uma aureola de sympathia a que não eram indifferentes moços nem velhos.

— Por Deus! — dizia a um soldado da guarda real, o velho mordomo da casa d'Aveiro, que de Setubal viéra assistir ás festas — que se o coração d'El-Rei se deixasse captivar das virtudes e belleza da minha senhora D. Juliana, talvez este Reino fosse mais feliz, e as emprezas em que elle e os fidalgos se arriscam menos perigosas, estando assegurada a succes-

são por um casamento vantajoso como era este.

—Captivo está El-Rei—affirmava o soldado —mas é pela propria filha do Xerife de Tanger, com quem se tomou de amores, quando lá esteve. Bastas vezes vem d'alli a Lisboa um mensageiro ao qual El-Rei vae fallar de noite, sómente acompanhado do seu copeiro-mór D. Sancho de Tovar. E dizem que é além, defronte de Belem, no Caes da Pedra que elle recebe noticias da moura.

—Romances!—cortou um alviçareiro, mettendo-se na conversa.—Por uma aia da Rainha sei eu quem enfeitiçou o coração de sua alteza. Logo verão entre as Damas D. Joanna de Castro, filha do conde da Feira. Pois é essa e não outra a quem El-Rei por sua graça folga de fallar mais. Ainda ha pouco, merendando sua alteza com a Rainha e as Damas, de tal modo olhava para ella com attenção que a D. Joanna lhe deu um vagado de que teve um desmaio.

—Para mal de nós todos—sentenciou o mordomo—nem portuguezas nem mouras, nem fidalgas, nem princezas, que se D. Aleixo de Menezes o creou cavalleiro, os dois Camaras malditos o fizeram avesso a mulheres...

Foi interrompida a palestra pelo appareci-

mento nas tribunas do capellão-mór D. João de Castro e de D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, mordomo-mór.

Logo depois apparecia D. Manuel de Portugal dando o braço a um homem precocemente alquebrado, cujo cabello e barba arruivados começavam a branquear, cego do olho direito, e com um gibão coçado, de côr escura desbotada.

Entre o povo alguns o conheciam. Era um soldado da India, chegára havia cinco annos na nau «Santa Clara», acompanhára, diziam, a ultima expedição a Tanger, e parecia que mezes antes dera á estampa um poema intitulado os *Lusiadas* que já tinha duas edições.

Não raros gabavam-lhe o engenho, e consideravam-n'o valente. Contavam que estando El-Rei em Cintra, alli fôra lêr os seus escriptos, e que era agora muito estimado na côrte. Que lhe davam, porém apenas quinze mil réis de tença, murmuravam, emquanto o bobo d'el-rei tinha já ao peito a cruz de S. Thiago. Os que o tinham conhecido em moço relembravam os seus amores, as suas aventuras, os degredos...

Calou-se repentinamente o borborinho. Emmudeceram todas as vozes no circo, emquanto os sons das trombetas, anafis, e cha-

ramelas vibravam, e os tambores annunciavam n'um rufo a chegada da Rainha, d'el-rei e da Infanta D. Maria.

Acabaram de encher-se de subito todas as tribunas.

Em torno da velha Soberana, vestida de velludo negro, com amplo manto, de aspecto severo, e em cujo rosto emmoldurado na toalha de cambraia fina, os desgostos e as saudades tinham cavado profundas rugas, apinhoavam-se as Damas e officiaes da sua casa: D. Philippa de Ataide, camareira-mór; D. Francisca de Aragão, que os poetas exaltavam pela extraordinaria belleza, e a quem D. Manoel de Portugal cortejava assiduamente desde havia alguns annos; D. Joanna de Lima, a irmã da lendaria Nathercia, que avivava no coração do poeta dolorosas lembranças; D. Joanna de Castro, filha do Conde da Feira, em cujo olhar enigmatico todos, até a propria Rainha, tentavam lêr o segredo do amor d'El-Rei, e de quem o Embaixador de Castella D. João da Silva não desprendia a vista, ancioso por obter qualquer indicio que transmittisse ao astuto Filippe, seu amo. E mais e outras a quem acompanhavam o veador da fazenda D. Nuno Alvares Pereira, o secretario Pedro d'Alcaçova Carneiro, e todos a quem a edade ou os

cargos impediam de seguir D. Sebastião na arena.

Mais a um lado fazendo côrte á douta, á erudita, á captivante Infanta D. Maria, elegante com um vestido de meias mangas abertas ao meio, com rêde d'ouro, installava-se todo o seu esquadrão volante, toda a espirituosa academia dos seus paços de Santa Clara: Angela e Luiza Sigêa a *Toledana;* versada na lingua grega e hebraica, e que havia pouco merecêra do Papa Paulo III uma carta em agradecimento do seu poema descrevendo Cintra; a celebre Joanna Vaz alcunhada a *Latina,* mestra das outras Damas; D. Leonor de Noronha, filha do Marquez de Villa Real, traductora do Marco Sabelico; a *Tangedora* Paula Vicente, filha de Gil Vicente, e todas as *donzelas* discipulas de Antonio do Valle, o famigerado mestre de dança.

E essa Côrte requintada e brilhante, esquecida já da severa pragmatica que no principio do reinado tentára reprimir o luxo, ostentava brocados e sêdas, saias ornadas de torçaes custosos e golpeadas de mosqueta, corpetes e gibões que pareciam cossoletes pelo ouro e prata dos recamos, pennas de abestruz e leques da China, arminhos da Suissa e damascos de Genova, fivelas e topes

ricos nos chapins, collares, luas, gargantilhas e afogadores d'oiro, bracelletes carissimos nos pulsos, arrecadas, anneis, frascos de cheiro, capotilhos, toucas e volantes.

Alguns cabellos negros das morenas portuguezas tingiam-se de louro. Em muitas pelles brancas destacava-se o velludo preto das mascaras; e os signaes á franceza espiritualisavam os sorrisos. Conversavam umas com os noivos, discutiam outras com os sabios e eruditos, riam as mais das figuras dos anões e corcovados, que passavam aos pulinhos, e das allusões que os jograes e chocarreiros despediam como lancetas, emquanto os truões e maninellos faziam tinir os cascaveis.

Evacuada a praça entrou magestosa e grave a regia comitiva.

Tinha então o neto de Carlos V vinte e um annos. Era de estatura mediocre, de olhar e sobrecenho algum tanto carregado e altivo, mas de gentil presença, boa côr e muito parecido com D. Joanna sua mãe. Trazia uma capa de panno preto e o capuz com botões de diamantes, rubins e perolas, saio com abotoadura tambem de diamantes, e as faldas até o joelho. Calças vermelhas com poucos rufos, barrete chato de velludo, carregado para a testa até ao sobr'olho, adornado com um cordão d'ouro. As botas eram largas, de

cordovão preto, a espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sella do cavallo de velludo preto recamado d'ouro e perolas. Seguiam-n'o D. Antonio Prior do Crato, já dispensado das ordens sacras e armado cavalleiro de S. João, heroe de mil aventuras amorosas e guerreiras, que o tornavam prestigioso entre as mulheres, e o tinham indisposto com o Cardeal D. Henrique; o Duque de Aveiro, primo d'El-Rei, e que ainda não perdêra de todo as esperanças de vir a ser seu sogro; Christovam de Tavora, o novo valído, seu estribeiro-mór e futuro commandante do terço dos aventureiros; D. Alvaro de Castro, o glorioso filho do glorioso D. João de Castro; o cortezão e lisonjeiro Luiz da Silva; o conde de Sortelha; D. Luiz de Menezes; e muitos outros que se dispuzeram em ordem para as cortezias, que deviam de preceder as cannas reaes.

Dividiam-se em quatro companhias, tendo cada uma á frente o seu guia. Compunham as quadrilhas sessenta e quatro cavalleiros vestidos á mourisca de velludo de varias côres, cobertas as cabeças com turbantes ornados de joias e plumas, embraçando adargas de couro dourado com franjas de prata.

Acompanhava cada cavalleiro uma comi-

tiva de oito pagens e oito lacaios, fazendo ao todo um exercito de mil e vinte e quatro pessoas.

Separaram-se em dois corpos as quatro fileiras, e começaram com disciplinada ordem a sahir dois a dois os combatentes, logo quatro a quatro, e oito a oito, principiando o conflicto com o arremessar agil das cannas, promptamente aparadas nas adargas com elegancia e destreza.

Terminada a lucta, e conferidas pelas Damas aos vencedores as charpas bordadas pelos seus dedos para premio de victoria, a uma ordem d'El-Rei executou a lustrosa companhia complicadas evoluções, deixando depois a praça onde só ficaram D. Sebastião, D. Antonio, o Duque d'Aveiro e os pagens necessarios para os servir.

Montava o moço Rei um cavallo rodado, e cavalgava á gineta, de estribos curtos, esporas compridas sem roseta. Um pagem entregou-lhe um rojão forte e grosso, encimado de aguçada choupa que elle empunhou com denodo, e fazendo galopar o cavallo até á frente do estrado em que sua avó e toda a côrte o seguiam com vista attenta e interessada, descobriu-se n'uma cortezia levando o barrete junto ao peito.

Dado o signal, e rompendo simultanea-

mente em todos os palanques as musicas de instrumentos varios, partiu El-Rei á meia redea contra o primeiro toiro que investiu valente; e levando o cavallo justo, e acompanhado da perna direita executou entre as armas a ferida èm que o ferro se embebeu.

Carregando então o cavallo á parte esquerda o livrou do encontro do boi, que seguiu feroz na carreira. A dôr arrancou ao animal um mugido agudo coberto logo pelos gritos com que o povo applaudia a sorte tão airosamente praticada. Seguiram-se outras dos cavalleiros presentes até que D. Antonio com tanta destreza apontou um garrochão que o toiro cahiu succumbido, emquanto do amphitheatro e das tribunas as ovações acclamavam o cavalleiro.

Agastou-se El-Rei com o vêr que alguem o supplantára em pericia, e temendo que o alcunhassem de menos arrojado, lançou-se com impeto ao segundo boi que, por descuido ou por ordem sua, appareceu com as pontas agudas, contra a prescripção da bulla de Gregorio VIII, que as ordenava serradas. Exultou o povo por vêr o animal armado segundo os antigos usos, e senhor de todas as suas defezas. Sentiu-se contrariada a Rainha D. Catharina com susto do perigo que corria seu neto, e pezarosa por vêr assim na sua pre-

sença desobedecidas as ordenações do Santo Padre. Sem detença deu ordem a um pagem que em recado seu descesse a dizer a El-Rei que mandasse recolher o bicho. Ou ainda se não costumára a Rainha a vêr os seus conselhos desattendidos, ou entendia não dever calar-se sempre que o bem do neto o exigisse.

Não soffria porém o animo fogoso de D. Sebastião ser contrariado nos seus intentos, muito mais quando a obediencia podia ser alcunhada de receio, e alguem soltar contra elle a impertinente pergunta que tempos antes dirigira ao Duque de Alba: «se sabia qual era a côr do medo», ou o degradante epitheto de *cobarde* que atirára ás barbas brancas de D. João de Mascarenhas.

Fazendo ouvidos surdos á voz do pagem, picou de esporas o ginete, correndo em direcção ao toiro que estacára ameaçador; buscou-o com o acerado rojão, e em galopes ao redor d'elle sobre a mão direita, apertando as voltas, excitando-o, expoz a vida cem vezes com a serena audacia dos fortes que tanto seduz as massas, com o sorriso quasi infantil deante do perigo, que era o que na vida mais o attrahia e alegrava. Quando no apertar das voltas já quasi tocava no animal, este, batendo as orelhas para diante, arrancou n'um

impeto violento que a todos se afigurou trazer a morte do seu inimigo.

Pulsaram então muitos corações portuguezes anciosos deante do perigo que ameaçava roubar-lhes o Rei, e mais que todos os das duas rivaes, uma que julgava perder a mão que havia de eleval-a ao throno, outra que sentia afundarem-se de vez todas as doidas esperanças da sua amorosa phantasia. O rosto triste de D. Catharina, dolorido pelo repetido orphanar de seus nove filhos, turvou-se magoado, e no seu pensar antes desejou o neto trespassado gloriosamente nas areias africanas pelas settas dos infieis, do que colhido na arena pelas curvas hastes de um toiro.

Entretanto com a valentia que n'elle era quasi uma loucura, e a promptidão elegante dos mestres da arte, vibrou certeiro o golpe, fazendo afocinhar o boi no momento em que este ameaçava prostrar o cavallo e cavalleiro.

Victorioso, fez então galopar airosamente o ginete em direcção aos palanques, atirando para cima um sorriso intencional, talvez de orgulho satisfeito, talvez de reconhecimento intimo para dois olhos negros que choravam de alegria.

Em toda a multidão que durante alguns segundos emmudecera d'angustia rompeu um

grito unanime acclamando o heroe triumphante.

O ultimo triumpho do moço Rei D. Sebastião!

As quatro syllabas do seu nome fatídico soavam nas boccas do povo com estranha resonancia, retumbando já como a prophecia do echo que se havia de prolongar por quasi trez seculos na alma da nação portugueza.

III

TEMPOS DE D. JOÃO V

Dividia-se a Côrte em dois partidos. Um, presidido pelo Conde de Vimioso, queria o recato, o silencio, a separação dos sexos nos salões regios. Outro, á frente do qual se achava o Conde da Ericeira, desejava os costumes alegres e faceis, aborrecia a severidade, estimava os jogos, danças e conversas, deleitava-se nas praticas galantes e nos banquetes animados, em que eram abundantes as vitualhas da variada cozinha portugueza n'aquella época, e adorava o theatro-academia do Bairro Alto, para onde se dirigia em liteiras armorejadas a ouvir a Petronilla, por

quem El-Rei tivera um capricho passageiro, e a provocante Gamarra, cantora de nomeada. Pertenciam por certo a esta facção o Duque de Cadaval, os Marquezes de Cascaes e Marialva, os Condes de Aveiras e Obidos, cujas aventuras ficaram celebres por essa Lisboa, o Conde de S. Lourenço e o Visconde de Villa Nova da Cerveira. Não era porém, como se tem dito, um bando de arruaceiros, valentões ociosos e ignorantes. Batiam-se no Alemtejo com os hespanhoes, discutiam nas academias problemas da historia nacional, representavam Portugal nas embaixadas e congressos, e partiam para os arriscados postos nos governos ultramarinos.

Nos primeiros annos que seguiram o casamento d'El-Rei, a Côrte foi alegre. Succediam-se as festas no paço; todos os dias havia jantar publico, á noite saraus, representações de comedias, serenins e concertos. Os eleitos ouviam a Rainha D. Marianna d'Austria tocar no cravo e na espineta as canções do seu paiz, e pelas manhãs d'outono, seguida pela Côrte, viam-na a cavallo em Salvaterra correr os javalis ou as lebres, batidas pelos numerosos couteiros e moços do monte.

Se mais para o fim do reinado as operas se transformaram nas sacras harmonias dos cento e trinta cantores e musicos da Patriar-

chal, se na ante-camara da Rainha o cravo emmudeceu perante o bandolim que acompanhava os motetes de clerigos ventripotentes, se as ceremonias da liturgia abafaram as ensoadas e turdiões, nunca da Côrte de D. João V foram degredados os festejos pomposos, as magnificentes solemnidades, os deslumbrantes espectaculos. N'elles apparecia sempre a figura delicada, entre mystica e sceptica, d'El-Rei com annelada cabelleira, fina casaca de sêda, punhos de renda d'onde sahia a mão esguia que se apoiava no precioso castão da bengala, olhos dôces, intellectuaes e espirituosos, nariz levemente aquilino, beiços finos e vermelhos, praticos nas devotas expressões do culto, e nas languidas fallas, nos apaixonados protestos depressa esquecidos, nos beijos prolongados, e no sorriso dirigido ás *francias,* ás *secias* e ás monjas galantes e amorosas.

Emproado, ostentoso, decorativo, balouçava-se nos côches, nas berlindas e estufins pintados a verniz Martin, com rodas de talha dourada, ladeado de estribeiros, precedido das guardas allemãs, annunciado por batedores de fardas vistosas montados em sellas e xaireis de ricos jaezes.

Não era toureiro como seu irmão o Infante D. Francisco, como seu pae e como seu tio,

este espirituoso monarcha que passou a mocidade nas folias estroinas acompanhado do Camões do Rocio, e se comprazia no trato intelligente do secretario das mercês Diogo de Mendonça Côrte Real. Deleitava-o porém o espectaculo inseparavel de todas as solemnidades nacionais, e foi no seu reinado que as corridas de toiros tiveram o grande esplendor que se prolongou ainda pelo reinado seguinte. Ficaram celebres as que se realisaram por occasião do seu casamento em novembro de 1708 no Terreiro do Paço, assistindo toda a Côrte das janellas do palacio.

Na tribuna estavam os Reis e Infantes: junto d'ella a do estribeiro-mór, Conde de Vianna, que dava as ordens para a corrida, e logo a seguir a do Conselho d'Estado e do desembargo do paço sem assentos, e a dos embaixadores com cadeiras rasas de couro, em que estava *Mylord Gallovay* enviado de Inglaterra, e o da Allemanha, bispo de Lubiana. A Infanta D. Luiza irmã d'El-Rei assistiu d'uma janella alcatifada, em cadeira de espaldas, e teve cortezias especiaes que não eram de uso. Lidaram com desembaraço e galhardia os Condes de S. Lourenço e do Rio Grande, e o Visconde de Villa Nova da Cerveira, sendo seguidos de numerosos captivos a que deram alforria.

De grande luzimento tambem foram os festejos organisados para solemnisar os annos da Princeza do Brazil, D. Marianna Victoria, em julho de 1738.

Dirigiu-os o Duque de Cadaval, e foi escolhido o sitio da Junqueira (provavelmente onde depois foi construida a Cordoaria) para se armar o vasto amphitheatro, em que durante mais de dois mezes trabalharam trezentos e quarenta e cinco carpinteiros. Tinha a praça setecentos e quarenta palmos de comprimento por setecentos e vinte de largura. Affixados cartazes impressos nos logares publicos da Côrte, logo no dia seguinte pela manhã começou a concorrer numerosa multidão, achando-se á tarde nos arredores trez mil setecentas e cincoenta e trez seges, côches, berlindas e pacabotes, além de outras carruagens de differentes especies (1). As

(1) E' esta descripção feita pela «Ralaçam verdadeira de toda a festividade dos dias de toiros em que se descreve com toda a certeza e individuação, as magnificas entradas e sumptuoso apparato de carros triumphantes, e cortezias, sortes e tudo o mais para divertimento dos curiosos, e satisfação aos que a não virão». E ainda tambem pela relação transcripta no Summario de Varia Historia de Ribeiro Guimarães, além de varias relações que n'aquelle tempo se distribuiam a 10 réis.

fragatas de Alfama, Cruz da Pedra, Corpo Santo, Romilares e Boa Vista, as bateiras e barcos de Cacilhas, Aldeia Gallega, Moita, Seixal, Porto Brandão e Murfacem, todos os escaleres, botes, lanchas, falúas, catraias, yollas, hiates e bergantins de recreio, algumas muletas de pescar e barcos de Riba Tejo, sommando essas embarcações o numero de trez mil e novecentas, andaram todo o dia conduzindo gente. De Hespanha veiu o Marquez de Riensuela, um sobrinho e mais dois cavalleiros, além d'outros que se conservaram incognitos. Calcula-se em doze mil o numero de pessoas que ficaram sem logar, e que foram obrigadas a assistir ao espectaculo dos muros altos da visinhança, e de sobre as muralhas do forte da Junqueira.

Os precavidos ha muito que tinham segurado o seu logar, como um tal Luiz Lazaro Leitão, cuja versalhada, alheia a regras, mas querida do povo, foi avó legitima das poesias que a moderna imprensa popular tantas vezes publíca. Diz elle:

Fuy mais o meu companheiro
os logares ajustar com um palanqueiro.
Em setenta réis os dois,
ajustey para ver correr os boys

Fiquei á minha vontade
defronte da Regia Magestade
que na tribuna estava sem igual.
guarnecido da Familia mais Real,
que á vista do regio firmamento
tudo o mais que vi era portento,
tudo erão Divindades,
admirey ver tantas deidades,
nos cubiculos tambem sabios vi estar
com as suas filix muito a par.

Antes d'El-Rei entrar, e depois de se terem retirado os oitenta regadores vestidos de chinezes que, formando duas alas, executaram uma especie de dança com o intuito de regar a praça, entraram os dois carros triumphaes, um em fórma de navio, com rodas douradas, tendo na pôpa sobre globos de nuvens, a Fama com uma trombeta, e no meio uma arvore allusiva á serenissima casa de Bragança; o outro representando o Parnaso, tendo no alto Apollo sobre uma cadeira de flôres, rodeado das nove musas. Logo depois os quatro cavalleiros, que eram o Duque de Cadaval, o Marquez de Alegrete, o Marquez de Tavora, e Manuel Antonio de Sampaio e Mello, andaram percorrendo a praça num côche de columnas chamado phaetonte, puxado por seis cavallos cobertos com mantas de retroz

d'oiro e galhardos martinetes de plumas nas cabeças.

Appareceu a Familia Real na tribuna, que era quasi um palacio com salas ricamente mobiladas, e varandas com custosas tapeçarias. A' esquerda as Damas da Rainha e da Princeza do Brasil, os altos cargos, e os tribunaes; e em trez camarotes a seguir, contiguos á tribuna, do lado direito os trez cardeaes da Motta, da Cunha, e Patriarcha; mais adiante o Nuncio Apostolico e depois o resto da Côrte.

Entrou então na praça o sargento-mór e ajudantes com as quatro companhias de granadeiros dos regimentos da guarnição da Côrte, e desempenharam varias evoluções militares.

Em seguida veiu o meirinho da cidade, que por ter appellido — Netto — deu o nome ao cargo, vestido de lustro á cortezã, cocar de plumas no chapéo, vara na mão das redeas e com a direita rebuçando-se na capa até aos olhos. Fez as suas cortezias a cavallo e foi receber do Marquez d'Abrantes as ordens para a corrida, e as chaves do curro.

Entraram depois os toireiros volantes ou capinhas vestidos com gibões de chamalote verde, capas de camelão côr de fogo, meias da mesma côr, e coifas de sêda cahidas.

Logo depois assomou á porta o Duque de Cadaval seguido dos seus gentis-homens, pagens, e duzentos e cincoenta lacaios vestidos uns de casaca ao uso hespanhol, outros á moirisca, de sêdas varias. Montava um cavallo custosamente ajaezado com brocado de frocos, fitas, palhetas e espiguilhas d'ouro e prata, com franjas e galões no xairel. Trajava de castor verde, com forro, canhões e véstia de sêda côr de rosa com um martinete negro no meio guarnecido de diamantes e topazios. Prendia este cocar um botão, que era uma esmeralda rodeada de brilhantes, e assente sobre um laço de fita verde. Polainas brancas com fitas côr de rosa. Fez o Duque as cortezias e logo tomando o rojão esperou o boi mettendo-lh'o com destreza e atrevimento. Emquanto sahiu a mudar de cavallo, lidaram-no os capinhas; vindo elle logo dar-lhe a morte com a espada, a cavallo.

Entraram depois na praça dois lacaios vestidos de galacé de algodão com labyrinthos de varias côres e seis mulas com largos mantos do mesmo galacé, guiadas por dois sotas-cocheiros «e com alegre divertimento levaram de rastos o morto e agarrotado bruto».

Com não menos luxo e galhardia fizeram

as cortezias e correram os seus bois os trez outros cavalleiros. Alguns cavallos ficaram mortos no campo e varias vezes os cavalleiros foram descompostos; mas sempre souberam tirar *brilhante desforra,* diz o auctor da *Relaçam :*

> *E no intervallo entraram danças*
> *Cada vez mais bizarras e mais franças.*

Eram estas primeiro a das Ciganas que bailaram ao som da viola a sua «*costumada xacara*». Vestiam roupinhas de chita encarnada e toucas brancas.

Seguiu-se a esta a das Regateiras vestidas de preto com arcos de flôres.

Vieram depois a das Collarejas, a das mulheres do Terreiro, a dos Pretos da America com arco e flecha, e a dos Gallegos, bailando ao som da gaita, vestidos de branco com calções vermelhos.

Puzeram então na praça oito talhas semelhantes ás da India, com oito meios corpos de barro na posição de chamarem o toiro, que entrando as despedaçou, sahindo d'essas talhas macacos, pombos e coelhos, que foram corridos pelos que se achavam na praça.

Não deixou de haver o toiro para curiosos que Leitão assim descreve:

Os vaqueiros com bem graça
levaram seus boléos ali na Praça.

Acabado o intervallo continuou-se a toirada, sendo corridos vinte toiros. E não se prolongou mais porque sobreveiu a noite. Foram por isso feitas as cortezias finaes, obtendo os cavalleiros grandes ovações.

....

Foi esta uma das ultimas grandes festas do reinado de D. João o *Magnifico.*

D'ahi a quatro annos partia para as Caldas, paralytico, num côche puxado por dez parelhas de machos e precedido pelo cardeal da Cunha, que ia benzendo as estradas por onde elle havia de jornadear. Deixava a Rainha á frente dos negocios, e uma pragmatica contra o luxo.

Entretanto, da côrte de Paris, D. Luiz da Cunha escrevia ao principe D. José recommendando para seu futuro ministro Sebastião José de Carvalho e Mello.

E este deitava a sua lendaria luneta d'oiro para toda essa sociedade elegante e meio devota, que dançava, que rezava, que ria, descuidada gastando rios de dinheiro, vestida de sêdas, coberta de pedrarias e plumas, emquanto o futuro Marquez de Pombal meditava abalar-lhe os alicerces dos palacios, vestil-a de bri-

che, encofral-a nos fortes da Junqueira que agora serviam de palanques, degolal-a nos patibulos de Belem...

IV

A PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

Um dia que o Infante D. Miguel, então acclamado Rei, determinou dar uma toirada em beneficio d'uma obra de caridade, soube que o emprezario da velha praça do Salitre levantava difficuldades e regateava o preço do aluguel.

Mandou chamar o seu amigo Sedwem, cavalleiro celebre, encarregou-o de dirigir a obra de construcção immediata de uma nova praça, sem olhar a despezas, e fez publicar um decreto que dava á Real Casa Pia o privilegio da receita d'aquella e d'outras praças n'algumas legoas em redor. Ficou o D. José Serrate emprezario do Salitre a chuchar no dedo, e o publico contente com o circo novo, e com a pirraça feita ao onzeneiro director.

Nasceu assim a praça do Campo de Sant'-Anna, que ha annos foi condemnada por ocasião da febre de providencias de segu-

rança nos estabelecimentos de espectaculos que succedeu ao desastre do Baquet.

Cahiram os velhos barrotes carunchosos com mais honras que muitos grandes da terra. Tiveram artigos das primeiras pennas portuguezas — Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Antonio Ennes e outros.

Na poeira que levantavam ao desmoronarem-se os muros pintados a vermelho, as táboas azues e brancas, as trincheiras e os palanques iam os ultimos écos de muitas tardes alegres, do estalar festivo dos foguetes, dos trombones desafinados da fanfarra da Casa Pia, mugidos dos bois, pregões do homem dos pastelinhos e agua fresca, assobios estridulos da multidão, *piadas* do *sol* gritadas por vozes avinhadas e roucas troçando do lavrador, do *intelligente,* lançando trocadilhos petulantes, que faziam rir cinco mil boccas n'uma gargalhada.

Só n'uma praça de toiros é que o povo portuguez fala com graça. E a sua voz não tem a melancolia dolente dos *fados*, o funebre entoar dos bemditos, o grito desolador da mulher do Minho despedindo-se dos parentes emigrantes, e o do pescador da Povoa chamando pelos companheiros perdidos no mar.

Alli no Campo de Sant'Anna a *chalaça* sahia jovial, o dito mordente, e as proprias vi-

ctimas, — o Cadete, o Botas, o Caixinhas —, riam com os demais.

Contal-os, seria difficil, escrevel-os impossivel.

E' necessario ser lisboeta, *alfacinha,* ter visto aos sabbados o bando dos toiros cavalgando pilecas magricellas por essas ruas, distribuindo programmas em versos coxos, ter ido ás esperas do Campo de Sant'Anna, assistido ás embolações em que os amadores apreciavam o gado, sentir despertar o appetite pelo estrallejar dos foguetes nos dias quentes de sol e moscas, vêr correr as tipoias dos batedores celebres em carreira desordenada pela rua Nova da Palma, e calçada de S. Lazaro, conduzindo caixeiros endomingados e hespanholas provocantes, vêr as cortezias, ouvir os chocalhos dos cabrestos, assistir ás peripecias da corrida, para sentir todo o sabor de uma piada cheia de inconveniencias apimentadas pela crueza dos termos chulos.

E todos os domingos as havia novas, e as repetidas tinham sempre o mesmo exito ruidoso.

O publico elegia favoritos. Gostava das suissas loiras dos irmãos Robertos, do penteado burocratico do gordo Peixinho.

Tinha tambem antipathias invenciveis.

E ai da victima que pretendia desforçar-se, manifestar mesmo um movimento de mau humor, resistir! Quasi sempre os hespanhoes, a não ser os de primeira ordem, Frascuelo, Lagartijo, Mazzantini, soffriam um confronto desfavoravel nascido já d'um ciume patriotico, já do desconhecimento da differença de escola que lá obriga a cautelas, tidas aqui como receios.

Os forcados quando cobardes eram alvo das maiores injurias. Nenhuma ovação porém era mais colossal que a obtida por aquelle que, com a sua jaqueta de ramagens, calção amarello, e barrete de lã verde, só, na frente dos outros, perante um silencio solemne, avançava resoluto ao meio da praça, um quasi nada pallido, batia as palmas ao boi ameaçador, gritava: «Eh, boi real!», e abrindo os braços cahia na cabeça do animal que avançava marrando baixo, bufando.

Então a praça levantava-se toda, acclamando o valente.

Pégas boas, sem hesitações, sem medos, sem a falsa coragem que dá o vinho, só as havia nas toiradas de curiosos, chamadas de fidalgos por velha costumeira, e porque nas quadrilhas organizadas havia alguns nomes tradicionaes, da antiga nobreza historica: o Marquez de Castello Melhor, o Marquez de

Bellas, o Conde de Vimioso e varios outros.

Para essas toiradas havia preparativos especiaes. Desde a ferra do gado na leziria do Ribatejo os garraios eram experimentados e escolhidos, nas praças improvisadas para esse acto. No dia da apartação separavam-se os melhores e precedidos dos cabrestos chocalhando, acompanhados dos campinos que montavam cavallos magros, ageis, com almatrichas, estribos de pau, redeas de esparto, vara larga sobre os hombros, choutavam por essas estradas até Loures, mansos como borregos, d'aspecto inoffensivo. Começavam então a apparecer alli as primeiras carruagens que de Lisboa os vinham esperar; e a cavallo os amadores, os cavalleiros, os capinhas, e forcados d'ámanhã, que depois regressavam á cabeça dos bois. Nas janellas do Lumiar, pelos muros e mirantes das quintas e hortas de Carriche, e do Campo Grande muitos curiosos viam passar o acompanhamento entre nuvens de poeira, correndo. D'aqui e d'além mão anonyma atirava uma bomba que estalava entre o gado. Os cavallos dos municipaes empinavam-se, fugiam. Alguns bois tresmalhavam-se levando o terror ás familias socegadas que passeavam tomando o fresco. E tudo partia n'um turbilhão até ao Campo

Pequeno onde galgava d'um salto a valla. Ahi pernoitavam para entrar de madrugada em Lisboa.

No seguinte dia tudo a postos. Enfeitada a praça de gala com colchas e damascos. Sobre o curro pendentes as treze *moñas* vistosas, de sêda, espiguilhas d'ouro, laços garridos, dedicatorias impressas nas fitas. Pelos camarotes as senhoras que as tinham offerecido, as que protegiam o beneficio, as parentes dos lidadores, as que por elles se interessavam, em toilettes alegres, esperavam impacientes, n'um palpitar de leques, n'um tagarellar de conversas, n'um pipilar de risadas. Aqui e além raras mantilhas negras traziam á memoria os quadros celebres de Goya, os tempos de Pepe Hillo.

E nas tardes felizes do Marquez de Castello Melhor querido entre os seus, popular no *sol* e *sombra*, os leques voavam á praça, nas mãos pequenas agitavam-se lenços de renda, e borboleteavam os dos amphiteatros com gritos e acclamações.

Com intervallo de poucos annos foram desterrados do Campo de Sant'Anna, que já não se chama assim, dois dos mais caracteristicos elementos ethnographicos da sociedade portugueza — a feira da ladra e a praça de toiros.

Uma passou para as lojas acanhadas do moderno mercado de Santa Clara. Da outra, quando tempo depois da sua demolição alli fui, já não existia senão no logar onde d'antes era a arena, pilhas de traves, montões de táboas; encostados a um lado os cancellos do cavalleiro com duas cabeças de toiro embolado, e cahidas no chão, parecendo enormes, as grandes armas reaes de madeira que se sobrepunham á tribuna.

A velha praça terminára a sua carreira.

Festas de caridade [1]

Panem et circenses! Foi a fórmula com que Juvenal, na sua famosa satyra, symbolisou a degradação dos romanos da decadencia, que, saciados de gloria e exgotados pelo esforço de avassalar o mundo, se compraziam com as depravações do Baixo Imperio, satisfeitos sempre que encontravam pão no *forum*, e jogos emocionantes no circo.

E desde então, mais d'uma vez os conductores de homens, no intuito de amordaçar a plebe incommoda, lhes teem atirado ás guelas, se rosnava, o pão que engana a fome, e diante dos olhos, se irados, feito passar o deslumbramento dos espectaculos estonteantes.

Pan y toros, traduziram os hespanhoes. E ao som das castanholas, entre o ruido das *panderetas* muita vez se tem feito calar essa

---

(1) Publicado na occasião da instituição da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos.*

ingenua creança, que se chama povo, mettendo-lhe na bocca a chuchadeira, e dando-lhe como passatempo o seu espectaculo favorito.

Panem ex circensibus, isto é, tirar das festas publicas o pão que é remedio e não mordaça, será a melhor modificação da antiga formula pagã, transformada assim, por um artificio da grammatica latina, e por uma engenhosa concepção de caridade christã, na divisa adoptada agora por uma collectividade encarregada de encher os cofres da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

*

Festas de caridade! o nome aterra!

E' que esta invenção, de origem relativamente recente, pois não conta mais de um seculo, transformou o prazer humano, e o que os divertimentos tinham de agradavel, n'uma nova especie de tormento, que consiste ordinariamente em estancar a bolsa do paciente, adormecendo-lhe o cerebro com um espectaculo soporifero.

E, ainda assim, quando as mãos torcionarias emergem, crueis mas encantadoras, de rendas amarelladas, ou operam ensacadas nos compridos canudos de pellica, que são as luvas de hoje, perdoa-se-lhes o mal que fazem,

e o tormento é menos atroz porque as *dames patronesses*, se são inexoraveis no sangrar, teem quasi sempre o segredo do balsamo que consola!

Quando, porém, o festeiro usa bigode, e na botoeira da sobrecasaca ostenta vaidosamente um lacinho da commissão, e se saracotêa acatitado entre os premios do bazar, no corropio das valsas estonteantes d'um baile de subscripção, ou nas orgias lyricas dum concerto de amadores, esse algoz é tão odioso, que obrigou muita gente, aliás temente a Deus, a substituir o ingenuo letreiro que as nossas avós, para afastar maleficios, collocavam em todas as portas da habitação: *O' Maria concebida sem peccado, etc.*, por este outro, menos poetico, mas mais energico: — *Não se acceitam bilhetes para beneficios.*

Esta instituição é relativamente moderna, repito, pois que, consultando a historia, não se encontra vestigio de que os jogos olympicos da Grecia se fizessem a favor d'um asylo de cegos de Athenas, nem o producto das Dionisias e das Bacchanaes servisse para resgatar meninos spartanos condemnados a morrer por defeituosos.

Não consta que Aristophanes passasse bilhetes para a representação da sua *Festa de*

Ceres no theatro de Athenas, em proveito do cofre das viuvas; nem que Esopo recitasse as suas fabulas junto do templo de Mercurio, em soccorro dos inundados de Pharsalia.

Heliogabalo, afogando em rosas os convivas do banquete, não soccorre com um beneficio as victimas sobreviventes, ou as suas familias. E Nero, o bem conhecido actor-curioso, subindo ao palco e obrigando os senadores a representarem com elle em publico, e as mulheres d'estes, matronas sérias, a entoarem as canções dissolutas das *festas juvenaes,* não tira d'ahi lucro para a pobreza envergonhada de Roma. Nem a celebre ceia de Sofenio Tigelino sobre o lago de Aggripoa, illuminado a giorno, para melhor mostrar a nudez das cortezãs, consta que fosse organisada para favorecer as familias necessitadas.

O nosso D. João II, promovendo as festas celebres, tão pittorescamente descriptas por Garcia de Resende, em que bois assados eram servidos inteiros, com os cornos doirados, em pé sobre carretas que percorriam a grande sala de madeira, em que o Rei e a Côrte comiam; e organisando depois justas e torneios, não tirou lucro d'essa festança para dotar o hospital de Evora.

E já mais perto do nosso tempo, as touradas, as cannas, e o paréo, em que brilharam

Marialvas, Atalayas, S. Lourenços e Ribeiras, festas deslumbrantes pela riqueza das librés e dos arreios, com que á porfia apresentavam nas arenas numerosa creadagem e cavallos vistosos, empobreciam, é verdade, essas poderosas casas, mas não serviam para patrocinar orphanatos ou *créches*. O povo gostava das suas festas, e depois, para comer, invadia a portaria dos seus palacios, e as vastas cozinhas, onde recebia nas tijelas a sôpa fabricada generosamente, em volumosos caldeirões. Mais tarde, ia cada um, na capella do palacio, rezar o terço com a familia de quem era protegido.

Os tempos mudaram.

As fortunas deslocaram-se.

O povo adquiriu o titulo de *soberano*, mas continua miseravel e faminto como d'antes.

O dinheiro passou das mãos d'aquelles, que o sustentavam e divertiam gratuitamente, para outras mais cautelosas no dar. D'ahi a necessidade de arrancar a essas mãos o pão, o remedio, a consolação para o pobre. E, usando de artificios engenhosos, que se dirigem á vaidade, ao egoismo e ao egotismo, á necessidade de ostentação e ao *snobismo* de cada um, inventou-se essa operação que consiste em tirar dinheiro d'onde elle sobeja, para o levar onde é necessario, e que tomou

o nome de *festas de caridade,* que teem de entrar como elemento indispensavel nas instituições piedosas que querem prosperar.

Nas espirituosas chronicas que Madame Emile de Girardin escrevia pelos annos de 1834 a 1848 com o pseudonymo de *Visconde de Launay,* e que hoje formam uma curiosa collecção de reminiscencias d'aquella época, onde encontramos um echo dos saraus elegantemente discretos da duqueza de Orléans, dos bailes das Tulherias, dos concertos da *sociedade,* e dos desconcertos da politica, achamos já a cada passo citadas e annotadas as festas de caridade, que se chamavam da *lista civil* e em que na sala da opera, armada para baile publico, as grandes janotas do tempo estreiando os seus chapeus vermelhos, mirabolantes, se misturavam com os pares dançantes, ou davam recepções principescas nos seus camarotes, tudo em proveito dos inundados, ou de *«l'œuvre des patronages des jeunes filles de Saint Lazare».* Desde essa epoca, alastrou-se em toda a Europa a mania de emprezas semelhantes, que são ao mesmo tempo um meio de occorrer aos *deficits* sempre crescentes das instituições patrocinadas, e um *sport,* chegando até para o exercer não só a inventarem-se festas para soccorrer associações, como a haver associações ex-

pressamente inventadas para organisar festas.

Algumas têem adquirido celebridade. Quando a Princeza de Metternich quiz concorrer com o seu auxilio para uma instituição fundada pela Imperatriz d'Austria em Vienna, abriu com uma festa o seu sumptuoso parque e as suas deslumbrantes salas, estabeleceu o preço das entradas a libra por cabeça, e a receita attingiu em poucas horas uma somma fabulosa. Ainda está na memoria de todos a collecção preciosa de gravuras com que uma revista perpetuou a recordação d'essa linda festa.

Mais tarde, quando a França, n'um movimento de ternura pela visinha Hespanha, que tão cruelmente fôra flagellada pelas terriveis inundações de Murcia, inventou a famosa festa em que actrizes e senhoras da sociedade, lettrados e homens de club, tafues pobres e jarretas ricos, raças finas e novas raças se irmanaram nos seus esforços para o triumpho e esplendor d'essa festividade, as victimas das inundações tiraram abundante colheita, e os caprichos mundanos farta satisfação para a sua vaidade.

D'esta festa contaram-se historias, anecdotas, rasgos de generosidade, de galanteria, de excentricidade que lhe repetiram os echos

pelas quebradas dos tempos. Citava-se o nome de uma senhora que vendêra por cem libras uma rosa que tinha na cabeça; e a ousadia de uma actriz que pozéra em leilão um beijo seu. Fallava-se da bizarria com que um Principe comprára, por muitos luizes, um cabello loiro para atar trez violetas que a dona d'esse cabello lhe vendêra; e a vingança de um banqueiro inglez, a quem uma cantora, que com elle usava requintes de coquettismo exasperador, offerecêra um copo de Champagne, dizendo que visto ella o provar (e poz os beiços no copo) custaria vinte libras, ao que o banqueiro respondêra:

— Tome lá quarenta, e dê-me um copo limpo.

Em Lisboa ficou tambem na memoria a venda que, com o nome de *kermesse*, se fez em favor das créches na Tapada d'Ajuda.

Quando aquella designação de *kermesse* se lançou ao publico, varias vozes protestaram. Clamavam uns, que, sendo escandalosas essas festas populares flamengas, em que o animal humano desregradamente se entrega a praticas licenciosas, e de um tal paganismo que lhes creára fama egual ás *bachanaes*, a moral publica soffria só com o chamar-se assim a festa da Tapada. Outros, os *nacionalistas*, gritavam que tendo nós o tão genuino arraial, o

cirio, a romaria, era estrangeirismo condemnavel ir buscar uma denominação arrevesada, e que, para importação flamenga, accrescentavam, nos bastava o queijo do mesmo nome.

Essas vozes nada fizeram senão apregoar a festa, que foi bella, que rendeu trinta contos, que dotou Lisboa com uma instituição, ainda hoje protectora de muitas creanças. E ficou introduzido o vocabulo, que se aportuguezou, começando a ser usado por varias *commissões de meninas* para designar os seus *bazares de prendas,* nas cercanias de Lisboa. E até houve *kermesses...* nos terceiros andares da Baixa!!!

Outra festa não menos brilhante foi o torneio que se realisou em Pedrouços.

Que linda festa foi essa!

A uma Princeza franceza collocada no throno de Portugal foi pedida protecção para soccorrer os pobres.

E ella, querendo pôr n'uma festa, a que presidia, toda a poesia do seculo XVIII, que, em França, seu berço, e em Portugal, sua nova patria, fôra tão luzido, tão intellectualmente elegante; que fôra frivolo, mas viril; que philosophára com os encyclopedistas, e ao mesmo tempo dançára o minuete nas galerias de Versailles, e nas salas de espelhos de Queluz; que de cabelleira empoada e pu-

nhos de renda se batêra em Fontenoy e em Mazagão, quebrára lanças na praça do Carroussel e corrêra toiros no Terreiro do Paço; essa Princeza, que é hoje a Rainha, querendo resuscitar n'uma festa todo aquelle mundo que se movêra n'uma scena magica e que significára um adeus da cavallaria andante, jogando as cannas, combatendo *por sua dama*, com as crinas dos cavallos enfitadas de seda, emplumados cocares nas cabeçadas, sellas de velludo e oiro, e xaireis brazonados; essa Princeza organisou o *Torneio*, em que Lisboa toda, durante duas horas, olhou enlevada para mais de cem annos atraz.

E a receita foi colossal — excedendo toda a espectativa.

Mas o que foi deveras de pasmar foi quando, annos depois, a Rainha, sentindo reunidas no seu coração todas as dôres com que a tuberculose atormenta os corações portuguezes, e sentindo-se orphã de tantas vidas, que a terrivel doença rouba todos os dias ao seu paiz, chamou por soccorro, e estendeu a mão.

Então, com esse unico grito, com esse simpes gesto, sem organisar festas, nem lisongear vaidades; sem prometter graças nem fazer retinir as soalhas e os guisos do reclamo, sem fazer sair bando, nem echoar o pregão, unicamente com o seu prestigio, pe-

dindo esmola, e pedindo boas vontades, recolheu a mais farta colheita de que ha memoria em subscripções, e a mais incondicional coadjuvação de todos os que ouviram o seu pedido.

E a obra que hoje se chama Assistencia Nacional aos Tuberculosos fundou-se. E a lucta contra a doença foi iniciada.

Como, porém, os duzentos contos a que attingiu a subscripção, contando com o capital entregue, e com o que representam as quotas dos socios, se é muito como resultado, é nada ou quasi nada para soccorrer os cem mil tuberculosos de Portugal, pois que com dois mil réis por cabeça pouco mais se compra do que um dia de vida para cada doente, é necessario lançar mão de todos os engenhos de fazer dinheiro, que n'este caso é fazer a saúde da Nação — Cura para os atacados de hoje, robustez para os que d'elles nascerem ámanhã.

E' por isso que, no organismo d'esta associação, existe uma commissão que tem por fim realisar festas, que constituam uma fonte de receita.

Coube-me a honra de ser designado para presidir a essa commissão, e o encargo de explicar n'um artigo a missão que essa collectividade tem a desempenhar.

O programa é simples.

Poucas festas, para essa commissão não ser considerada uma praga mais terrivel do que a tuberculose.

As que houver — brilhantes, para que cada um gose do dinheiro que dispender, e esse dinheiro leve saúde aos doentes.

Assim, terá essa commissão realisado a sua divisa, recolhendo — *Panem ex circensibus.*

Nupcias de Alexandre Farnesio e de Maria de Portugal

Quando nos catalogos bibliographicos estrangeiros se nos depara uma obra com um titulo relativo a coisas portuguezas, sentimos a mesma surpreza curiosa, que nos aguilhôa, nos Boulevards ou em Regent Street ao ouvirmos a nossa lingua.

Muita vez, ai de nós! caimos nos laços que nos armam os livros sensaborões do barão de Septenville e outros. Tambem não é raro soffrermos o abalo desagradavel com que escriptores de intenções malevolas, amachucam o nosso orgulho.

Agradavel, perfeitamente agradavel ao nosso paladar (de *chauvinistas* para o effeito das relações exteriores) é raro encontrar (1).

---

(1) Depois de publicado este artigo tem-se desenvolvido felizmente um movimento luzophilo no estrangeiro, e os estudos portuguezes tomaram incremento notavel. Vidé *Auto da Festa*, pags. 49 e seguintes.

Promptos sempre a dizer mal do que vae cá por casa, não admittimos que estranhos nos belisquem. Somos todos mais ou menos como aquelle cozinheiro d'um hotel de Lisboa, que tão detestavel achava a sua comida, que ia jantar numa taberna proxima. Não lhe soffria, porém, o animo que alguem censurasse o condimento dos manjares que fabricava.

No folheto de que hoje damos noticia, curioso e interessante, não porque resolva algum problema historico, ou projecte nova luz sobre alguma personalidade desconhecida, mas pelo pittoresco da narração, tambem por vezes, como veremos, a má lingua nos lancéta.

Não é, porém, um pamphleto escripto com essa intenção, e, se o fosse, a distancia a que já está de nós o bisbilhoteiro flamengo do seculo XVI, adoçaria o effeito dos golpes causados pelas arestas da sua malevolencia.

Intitula-se o folheto: *Les noces d'Alexandre Farnèse et de Marie de Portugal, narration faite ou cardinal de Grannelle par son cousin Germain Pierre Bordey.*

Compõe-se de 12 cartas dirigidas ao celebre cardeal que fôra ministro de Margarida d'Austria, a qual, mau grado seu, o exilára, por considerações politicas. Conservou o

habil estadista na côrte de Bruxellas seu primo Pierre Bordey, encarregando-o de lhe narrar minuciosamente o que ali se ia passando.

E' parte d'essa correspondencia, achada na bibliotheca de Besançon, que Augusto Castan publicou num folheto, precedendo-o d'um prologo.

Quem eram os noivos?

Elle era Alexandre Farnesio, Principe herdeiro do ducado de Parma, que completára a sua educação de gentilhomem em Madrid para onde o enviára sua mãe Margarida d'Austria, Duqueza de Parma, filha de Carlos V. Fôra encarregada por Fillippe II, seu irmão, de governar os Paizes-Baixos, quando em 1559 regressára a Hespanha. De tal modo se acclimou o moço Principe em Madrid, que um contemporaneo escrevia d'elle: «il a rappourté une nouriture d'Espagnol par trop, et à la longue se fascheroient les seigneurs de par de çá de si grande arrogance.»

Não era esta arrogancia de molde para tornar sympathico aos nobres flamengos o governo da representante politica do astuto e dogmatico Fillippe. E ainda mais aggravou o descontentamento todo o esplendor com que a mãe de Alexandre Farnesio decidiu celebrar as nupcias de seu filho com a Princeza

portugueza. Pesavam estas festas ruinosamente nos cofres do estado, dando pretexto a que se dissesse: *ce sera une chiere epouse, une chiere dame de nopces avant que d'arriver ici,* e offuscavam as que a aristocracia dos Paizes-Baixos preparava para celebrar a alliança de Floris de Montmorency, com a filha do Principe de Epinoy.

Não era censurada a mãe de Alexandre Farnesio pela escolha da alliança, pois não a podia haver mais honrosa pelas qualidades da noiva e pela nobreza do seu nascimento, mas sim por preparar com extranha sumptuosidade a brilhante embaixada que a Portugal veiu buscar a noiva de seu filho e imprimir um caracter de faustosa grandeza aos festejos das bodas a que foram convocados todos os nobres flamengos. Grave erro politico foi este, pois que reunindo em Bruxellas todos os senhores a quem estavam confiados os governos das provincias, provocou a famosa liga onde foi redigido o celebre «Compromis des Nobles» que havia de custar tanto sangue.

Figuram comtudo n'esses festejos os chefes da opposição, commandando o conde de Egmont (que mais tarde havia de pagar com a cabeça a sua rebeldia á politica do duque de Alba), um exercito de selvagens, e confraternisando com Alexandre Farnesio (o noivo)

que fazia parte juntamente com o Principe de Orange d'um batalhão de amazonas.

Foi depois este Alexandre Farnesio heroe de outros combates mais proprios do logar que occupa na historia. Pelejou na batalha de Lepantó atacando elle proprio uma galera turca, e em 1582, no cerco de Oudenarde, deu provas da sua extraordinaria coragem.

A noiva era neta d'El-Rei D. Manoel por seu pae D. Duarte, Duque de Guimarães, que despozou D. Izabel, irmã do Duque de Bragança, D. Theodosio. Foi este casamento celebrado em Villa Viçosa em 1537 com magnificente pompa, segundo refere Antonio Caetano de Sousa na *Historia genealogica*. A este acto assistiu el-rei D. João III com seus irmãos e Infantes, que foram hospedados principescamente nos Paços de Villa Viçosa, bem como toda a Côrte que o acompanhou. «Houve justas em que El-Rei correo, levando por companheiro o Duque, e o Infante D. Luiz a seu meyo irmão D. Jayme.» Occupa D. Antonio Caetano de Sousa muitas paginas em contar o magestoso apparato das festas e generosidade com que foram tratadas não só as pessoas reaes, mas todos os senhores e grandes do reino que o Duque acommodou em Villa Viçosa «assistindo-lhes com todo o que podesse servir ao regalo e commodidade, mostrando

n'esta funcção a grandeza e poder da sua casa».

D'este consorcio nasceram: um filho, D. Duarte; D. Catharina, que desposou o Duque de Bragança; e D. Maria, que casou com o Duque de Parma, Alexandre Farnesio. Tendo seu pae D. Duarte fallecido, ficaram as duas irmãs com sua mãe no paço, onde eram muito queridas da Rainha D. Catharina, avó d'el-rei D. Sebastião.

Gosavam de especiaes privilegios entrando no quarto da Rainha — «sem mais recado; esta as recebia em pé, e entravam no estrado; as damas lhe chegavam as almofadas de brocado com trez altos com differença das que se davam ás tituladas, que eram de veludo».

«No ouvir da missa e nas refeições recebiam as mesmas homenagens que os Reis, merendavam com a Rainha as proprias fructas na mesma toalha. Nos saráus e festas publicas quando saiam a dançar mandava El-Rei que os seus officiaes as acompanhassem até o logar, e voltassem a elle. Quando saiam se levantavam os Reis da cadeira em quanto passavam; porém, o saráu permanecia em pé até que ellas acabassem.»

Daria um quadro colorido do viver da Côrte, descrever a educação e *estimação* das duas irmãs nos paços da Rainha.

Seguir, porém, capitulo a capitulo a chronica de D. Manuel de Menezes ou as memorias de Barbosa Machado, seria exceder os limites d'uma noticia ligeira acerca d'um folheto, que apenas narra as festas que se realizaram por occasião do casamento da filha de D. Duarte, e relata o que se passou na viagem da esquadra que a veiu buscar a Portugal.

Como já vimos, elegêra a Governadora das Flandres para sua nora a serenissima senhora D. Maria, *por cujos singulares dotes a pretendiam,* com ambiciosa emulação, todos os maiores Principes da Europa. Decidido este casamento por intervenção de Filippe II e antes de partir do porto de Flessing a esquadra, que devia conduzir a noiva, concluiram-se em Lisboa os contractos matrimoniaes. Dá d'elles conta Machado nos seguintes termos: «Ao dia decretado para os desposorios, foy o Embaixador (de Hespanha) buscar a princeza, que sahio do seu palacio acompanhada de seu irmão o senhor D. Duarte, seu tio o cardeal D. Henrique, o duque de Aveiro D. Jorge com seus filhos, o marquez de Torres Novas, D. Pedro e D. Constantino montados todos em soberbos cavallos e caminhando com tão magnifica e numerosa comitiva se aumentou mais o applauso de tão festivo dia com a real

pessoa del rey D. Sebastião, assistindo toda a côrte preciosamente vestida.»

Chegados á capella real celebrou o casamento D. Julião de Alva, capellão mór, tendo procuração do noivo o embaixador de Castella D. Affonso de Tovar.

Na tarde d'esse dia houve sarau n'uma sala do palacio, em que «El-rey dançou com a princeza desposada, admirando todo aquelle luzido congresso o garbo com que este principe regulava primorosamente os movimentos do bayle, animados pela proporcionada cymetria do corpo, a quem communicava maior graça a gentileza do rosto na florente edade de doze annos que então contava. O senhor D. Duarte, irmão da serenissima esposa, antepondo os jubilos do dia á gravidade dos annos dançou com D. Catharina Deza, dama da rainha D. Catharina, que entre todas se distinguia no excesso da formosura. Proseguirão os outros cavalheiros com as mais senhoras este festivo obsequio á princeza até á meia noite».

Seguiram-se outros muitos festejos, entre os quaes uma corrida de 17 toiros, e luzidos jogos de armas no Terreiro do Paço.

Recebidas noticias d'estas festas mandou Margarida d'Austria preparar a esquadra, que devia conduzir sua nora, nomeando em-

baixador e general d'essa esquadra Pedro Ernesto, conde de Mansfelt, que veiu acompanhado de sua mulher, Maria Momorancy, e de seu filho Carlos Mansfelt. Constava a armada de sete naus grandes, trez pequenas e mais trinta navios povoados por mais de mil pessoas.

Diz Pierre Bordey que a capitania se chamava la Béguine. Barbosa Machado, porém, chama-lhe Santa Margarida e refere que entre as muitas camaras era a principal destinada para hospicio da Princeza, armada de velludo carmezim franjado d'oiro com um docel de brocado, coberto o pavimento de finissimos tapetes. A cama era ornada de damasco e tinha a cabeceira pintada de oiro e ultramarino. Depois de 19 dias de viagem chegaram a Cascaes a que o correspondente do cardeal chama Cascay «qu'est le commencement de l'embouchure du canal de Lisbonne, et a pris ce nom d'une forteresse située sur le bord de la mer, pour estre semblale celluy dont elle s'appelle»: E Castan commenta: «Bordey veut dire sans doute que le nom de Cascay a été donné a la forteresse parce qu'elle resemble de loin à un casque.»

Depois de ancorados em Belem receberam a visita de D. Constantino de Bragança, de seu irmão D. Duarte, enviados por El-Rei

D. Sebastião, e do Embaixador de Castella, sendo depois conduzidos ao palacio onde os esperava uma recepção faustosa. Foram o conde e sua familia hospedados no palacio, e o resto da comitiva distribuida pelas casas dos mercadores ricos, por uma especie de aboletamento que os intimava a dar hospedagem e fornecer cavallos para que os nobres estrangeiros passeiassem pela cidade.

E durante todo o tempo que permaneceram em Lisboa succederam-se os banquetes em honra da embaixada; já em casa de D. Duarte, já em casa de D. Constantino, ja na de Damião de Goes.

O banquete offerecido por D. Constantino, diz Barbosa Machado por ter sido de peixe, «onde a variedade de que abunda o Tejo, deu bastante materia ao artificio dos cozinheiros, que ao mesmo tempo saciavam os olhos e os appetites». Não resisto a transcrever a referencia de Pierre Bordey aos effeitos d'estes acepipes. «Le banquet, (diz elle) fut magnifique et opulent, mais quoy que ce fut que nous y mangéames, nous fûmes plus de huit quilz en rapportarent um fluz de ventre estrange avec vomissements, et estoit de ce nombre le comte Charles de Manfels et Camargo. Mais moi j'en eu une si estrange atteincte, que je ne pensais jamais mieulz mourir, me durant

incessamment de fluz et le vomissiment, dés les VIII heures de soir jusques aux six du matin, tellement que me trouvant fort debile de lendemain qu'estait le jour que Damianus a Goes faisait son banquet, je n'y pus estre; il m'envoya visiter deux ou trois fois par son fils le docteur.»

Dispoz este incidente por certo muito mal o narrador para a apreciação dos homens e costumes portuguezes, pois que apezar dos favores desmedidos com que em Portugal foi tratada cada uma das pessoas da comitiva, tornou-se-lhe azeda a critica, e peçonhenta a lingua.

Assim, diz elle da comitiva indicada pela noiva para a acompanhar na viagem, e que por signal era trez vezes mais numerosa que o conde embaixador esperava: «ostez dix ou douze et trent trois femmes qu'elle mesne avec elle tout la reste est canaille, néamoins en leur parole; Idalgos comm'el Rey».

Não fica por aqui a calumnia. Queixa-se o narrador de lhe terem roubado objectos de valor e dinheiro, bem como a varias pessoas da comitiva e classifica pittorescamente o trabalho dos *pick-pockets* do seculo XVI: *bien des tournois des mains crochues assez.*

Não foi este o ultimo forasteiro que pagou a bizarra hospitalidade portugueza com criti-

cas acerbas, e por vezes accusações gratuitas.

As cartas humoristicas de Bekford, o *Portugal a vol d'oiseau* e as correspondencias de Xau, tem, como vemos, antecedentes. Na correspondencia de Bordey encontra-se ao menos com que contrabalançar o peso das queixas, na descripção que faz da hospedagem que recebeu de Ventura Fojas que, segundo a sua propria declaração, o tratou como um rei, e posto que se lamente de não ser contemplado nos presentes distribuidos (o homem era chorão) conta que foram sumptuosos, e no valor de mais de doze mil ducados, pela maior parte oiro e pedrarias, avultando um frasco d'ouro com que El-Rei presenteou o Conde de Mansfeldt.

Apezar d'estas generosidades quizeram os da esquadra quando saiam de Belem eximir-se ás leis fiscaes do Reino. E' curioso esse episodio, que não encontro em nenhuma das *memorias portuguezas,* e que decerto não contribuira pouco para o mal dissimulado desejo, que afinal Lisboa já nutria de ver as pôpas ás naus de tão honrosa quanto incommoda visita. Pierre Bordey ingenuamente o confessa dizendo: «les portugais craignant á la longue que la saison ne se passa et pourtant que serions contraints d'hyverner audicte

Lisbonne, ce quisils ne desiraient nullement, firent venir quatre galléres, les quelles attachées à noz naves, nous tirarent du port du dit Belain et nous conduzirent á celui de Cascaes».

Comprehende-se por isto que não lhe levassem nem um chavo pelo espontaneo reboque.

Foi cheia de peripecias a viagem até Flessing e d'alli até Bruxellas, entrando n'esta cidade a Princeza com muita pompa e celebrando-se as nupcias com desusada grandeza. Seria fastidioso seguir a descripção das compridas festas, torneios, bailes e banquetes dados em sua honra.

Por parte da sua sogra foi acolhida com muito carinho. E ao noivo, que, segundo refere Marillon, ao tempo do ajuste tão mal humorado andava que chegou a desejar ver no fundo toda a armada, fez tão lisongeira impressão a Princeza, que n'uma das cartas ao Cardeal de Grannelle o chronista diz assim: E «n'attendit le Prince le sóir, la faisant de fille femme l'aprés diner».

Bave, um outro informador do Cardeal, refere circumstancias intimas que ainda mais comprovam a fogosa paixão do ardente sobrinho de Filippe II. Essas, porém, são tão cruamente expressas, que é necessario correr sobre ellas um veu.

Almada

> Qui locus Ulyssiponi imminet freto inter fluente Tago, saluber coelo, fontibus exuberans, Musarum otiis commodissimus.
>
> *(Prologo ás obras de Jayme Falcão.)*

Entre os quadros que Lisboa, a linda Lisboa, *Lisbon the fair,* como lhe chamou um escriptor americano, offerece para regalo dos olhos dos seus habitantes, figura o panorama da Outra Banda. Na sinuosa linha que além do Tejo corre desde as indecisas planuras do Montijo, subindo longe ao altivo castello de Palmella, e dobrando pelo Barreiro e Seixal, vem quebrar-se no Pontal de Cacilhas, para, depois d'uma ascenção rapida, se prolongar com acidentes varios ao largo, até ás costas da Trafaria, e alcançar o isolamento do Bugio; n'essa linha que traça uma das mais bellas paysagens do mundo, o olhar de quem

sabe olhar, e de quem sente o que olha, descança docemente n'um dos refegos da encosta, onde se aninha a casaria branca de Almada.

Ou seja nas tardes claras em que a humidade da atmosphera serve de lente e approxima de nós as minuciosidades do quadro, mostrando-nos nitidamente as fachadas das casitas claras, os campanarios graciosos de Santa Maria e S. Thiago, o castello, as copas verdes e ramalhudas das arvores, e mais para a direita do espectador, em contraste com a risonha villa, o severo e sisudo convento de S. Paulo; ou seja, nas manhãs de outomno, em que a paysagem se distanceia mais e uma tenue neblina esbate os contornos dando aos objectos phantasticas fórmas, cheias de indeciso e de mysterio; ou seja nas noites de plenilunio, em que, batidas de luar claro, as casas, a torre e o castello tomam o ar d'um scenario de ballada, e dominam com poesia severa a prata liquida do Tejo; Almada, a loureira visinha de Lisboa, tem sempre um encanto a que só se escapa o paladar embotado de espectador alfacinha que nasceu a ver a Outra Banda, e que, distrahido, n'ella não attenta.

E, comtudo, quem nos carros electricos, percorrendo cada dia a margem direita do

Tejo, levado aos seus negocios ou attrahido pelos seus prazeres, olhar pelos intervallos das monstruosidades que se amontoam ao longo da linha marginal, como biombo asqueroso, e quem subindo a Santa Catharina, onde discreteavam os velhotes do Tolentino, ou ao adro das Chagas, onde galanteava Camões, reparar na margem fronteira, e deixar cahir a vista n'essa pequenina villa, tão garrida, sente decerto, além do pittoresco do espectaculo, aquelle phenomeno de evocação, que nasce das coisas que atravessaram a Historia.

De facto, Almada tem no grande livro dos fastos da Peninsula alguns pequenos capitulos, ou pedaços d'elles, que lhe dão fôro de fidalguia, e chamam o nosso interesse.

Appelidaram-n'a os latinos *Cœtobrix,* ou *Cœtobica,* e os arabes *Hosnel-Madan* (fortaleza da mina) ou *Almadan* (mina de ouro ou prata).

Frei Luiz de Sousa, que ainda quando era o brilhante Manuel de Sousa Coutinho, habitava o seu palacio n'esta villa, dá-lhe como etymologia a phrase dos cruzados inglezes que em 1147 ajudaram Affonso Henriques a tomal-a aos mouros, e os quaes, tendo acabado a faina, e querendo dar-lhe o nome da ventura e bom sucesso, exclamaram na sua lingua — *all is made.* Tudo está feito e acabado!

Na *Monarchia Lusitana* se diz tambem que os capitães inglezes que a povoaram, lhe chamaram ao principio *Vimadel,* que vale o mesmo que — *Povoação de muitos.*

Em materia de etymologia tudo é possivel. Mas como os mouros a habitaram antes da chegada dos inglezes, que depois vieram povoal-a, é mais provavel que a origem do nome arabe venha das minas d'oiro da Adiça, que ali havia proximo, e que deram mais tarde uma corôa a D. Diniz e um sceptro a D. João III. Dizem outros que Almada tomou o nome de um arabe, que a senhoreava, chamado *Almades* ou *Almadão.*

O que é certo é que depois de romana foi arabe, até que os cavalleiros inglezes, companheiros de *Guilherme da Longa Espada,* vindo auxiliar Affonso I na conquista christã, a tomaram, saquearam e depois habitaram.

D. Sancho I doou-a aos cavalleiros de S. Thiago, que alli perto tinham o seu fidalgo castello em Palmella, e D. Diniz encorporou-a na corôa.

Teve destinos varios, sendo devastada em uma investida do Miramolim de Marrocos, que depois foi obrigado a recuar, refugiando-se em Hespanha.

Mas o facto culminante da sua historia é a

heroica resistencia dos habitantes durante o cêrco de Lisboa, em 1384.

UM CÊRCO NO SECULO XIV

Corria o mez de maio, sereno e tepido. D. João I de Castella, depois de se desfazer de D. Leonor Telles, sogra que se lhe tornára inutil e até importuna, desde que d'ella arrancára a regencia do reino, e tendo-a enviado para Tordezillas, a esmagar entre as paredes do convento as suas ambições violentas, a abafar na clausura as paixões ardentes que ainda a minavam, e a emmurchecer na sombra a sua belleza, sempre provocante, resolveu vir de Santarem, pôr cerco a Lisboa.

O exercito hespanhol, numeroso, brilhante e aguerrido, encaminhou-se para a capital, talando os campos, devastando as povoações, matando os habitantes.

Chamára o Rei além d'isso todo o poder de Castella em seu reforço. Ordenou ao Marquez de Vilhena, ao Arcebispo de Toledo e a Pero Gonçalves de Mendonça, que lhe trouxessem pelo menos mil lanças. Mandára que o seu almirante Fernão Sanchez de Toar, se juntasse em Castella com o Conde de Niebla, com

o Mestre de Alcantara, com o Prior dos Hospitalarios portuguezes e com outros, para que depois de tomadas as praças do Alemtejo se reunissem a elle no cêrco de Lisboa.

No dia 26 de maio começaram a entrar no Tejo as primeiras galés castelhanas. A 28 o Rei de Castella, que estava no Lumiar, marchou sobre a cidade. Veiu por Campolide com a sua hoste, a cavallo, acompanhado de muitos peões, e besteiros; e chegando a Monte Olivete, perto de onde hoje é a praça do Principe Real (1), e onde ainda uma rua conserva aquelle nome, ahi se demorou um dia, para d'aquella altura observar uma grande parte da muralha da cidade. Corria ella então por onde hoje está S. Roque, em direcção ao Tejo. E ali perto abria-se a porta de Santa Catharina, junto ao convento da Trindade, onde os frades, animados de ardor patriotico, muito contribuiram para a resistencia heroica da cidade. N'esse dia, os de Castella andaram por aquelles arredores, que então eram campos deshabitados, cortando arvores, arrancando vinhas. Ali se deu a primeira escaramuça com os portuguezes que sahiram da cidade.

---

(1) Actualmente chama-se: Praça do Rio de Janeiro.

Na manhã seguinte desceu El-Rei de Castella a encosta, e mandou assentar o arraial junto do Mosteiro das Donas de Santos, da ordem de S. Thiago, edificio que actualmente é o palacio dos Marquezes de Abrantes (1) e freguezia de Santos-o-Velho.

Era um deslumbramento esse arraial, onde se estabeleceu o Rei, a Rainha D. Beatriz, todas as suas Damas e um numeroso exercito composto de mais de trinta mil homens.

Para El-Rei e Rainha construiu-se uma casa assobradada, feita de quatro traves grossas e cercada de paredes de pedra secca. Em redor as numerosas tendas de senhores e fidalgos que com elles vinham, ostentavam os pendões, as armas e as signas de cada um. O restante do exercito estendia-se por Alcantara e Campolide, em bem alinhadas ruas que davam ao arraial o aspecto de uma cidade de prazer.

Havia a rua dos armeiros, a dos mercadores christãos e judeus, que vendiam pannos, e *folias* e muitas outras coisas. Havia a rua dos *cambadores,* para compra e venda de moedas de ouro e prata. Parece, porém, que minguavam os sapateiros, porque o chronista

---

(1) Actualmente é propriedade da Legação de França.

nota que de *calçaduro* nunca foi o arraial bem abastado.

A justiça, como quem diria hoje a policia, era tão bem feita, que cada um podia dormir descançado, ainda mesmo que sobre si tivesse grossos cabedaes. Ali havia phisicos, *salorgiões* e boticarios, e nas coisas de prazer era o arraial abundantemente provido. De Sevilha vinham não só armas e mantimentos, como assucares, conservas, agua rosada e outras distilladas, de que os *viçosos homens usavam nos tempos de paz,* e até mesmo havia *rua de mulheres mundanarias no arraial, tamanha, como se acostumava nas grandes cidades.*

A guarda d'esse arraial era vigilante em terra para que ninguem podesse sahir da cidade sem ser visto.

E no mar, cerca de Almada, jaziam sempre duas galés, para que a cidade não recebesse mantimentos pelo rio. Além d'isso outras naus, desde Cata-que-farás até ás portas da Cruz, cercavam pelo rio a cidade que pela terra estava apertada n'um cinto de ferro.

Resistia valentemente. É digno de ler-se o capitulo de Fernão Lopes, em que descreve a heroicidade dos habitantes, a bravura dos soldados, a energia do Mestre de Aviz, e o

enthusiasmo com que a população, quando ouvia repicar os sinos da Sé, corria ás muralhas, com espadas, lanças e pedras, que arremessava contra os castelhanos, cobrindo-os de apupos, brados e risadas de escarneo. Os frades da Trindade distinguiam-se usando das melhores armas que podiam haver ás mãos, e os moços, sem medo, levando pedras fóra dos muros para fazerem a barbacan, cantavam:

«Esta es Lisboa prezada, miralda, y leixada, se quisieredes carnero, qual dieron al Andero, si quisieredes cabrito, qual dieron al Arcebispo.»

Do outro lado, Almada tambem estava pelo Mestre de Aviz.

Ora por este tempo aconteceu que Diogo Lopes Pacheco, velho de oitenta annos, que fugira para Castella depois da tragedia de Ignez de Castro, tendo resolvido vir ajudar o Mestre de Aviz, e sabendo que Lisboa estava cercada, subiu por Cacilhas junto a Almada, com seus trez filhos e trinta homens, que o acompanhavam, querendo entrar na villa, dizendo que lh'a dessem, que fossem seus e que elle lhes faria mercês. Os do conselho da villa recusaram por julgarem que elles fossem castelhanos. O velho pousou com os seus no arrabalde da villa.

Ao cabo de trez ou quatro dias, tendo o Rei de Castella noticia da sua vinda em auxilio do Mestre, mandou de noite, em galés e bateis, passar muita gente. Formou-se uma pequena columna que, pela estrada que vem de Coina, se dirigiu a Almada. Os da villa, tendo noticia d'isto juntaram-se aos homens de Diogo Lopes e seus filhos, e com oitenta homens de cavallo, gente de pé e besteiros sommaram uns quatrocentos e cincoenta.

Os de Castella só de cavallo eram quatrocentos, fóra os muitos besteiros e peões. A manhã era de nevoa cerrada. Apesar da sua superioridade, os castelhanos perderam quarenta homens, e os portuguezes apenas sete.

Os fidalgos de Diogo Lopes fugiram para Cezimbra. O velho foi preso, assim como Affonso Gallo, recebedor da villa.

Então os castelhanos atacaram Almada, e, como não lhe podessem fazer damno, pozeram-lhe cêrco.

Este cêrco foi um horror!

Do lado de terra defendia-se a villa contra os ataques ordenados pelo Rei de Castella.

Do lado do mar não a podiam combater por causa da grande altura a pique sobre o mar.

Outra especie de guerra lhe fizeram mais cruel e efficaz. Tentaram reduzil-a pela fome

e pela sêde. A uma e outra o povo de Almada resistiu heroicamente.

Depois que a esquadra de Castella veiu sobre Lisboa, os moradores de Almada acolheram-se ao castello em dois bateis bailheiros, em que ás vezes levavam mantimentos á cidade, e para que os castelhanos não os tomassem na peleja que se travou, e em que houve uns dezeseis feridos, queimaram-n'os.

A villa ficou cheia de gente, e provida ainda então de mantimentos: pão, vinho, carne e outras coisas que calculavam poder durar seis mezes.

A agua, porém, começava a escassear. Apenas a havia n'uma pequena cisterna, á qual foi posta uma guarda severa que distribuia a cada habitante não mais que *uma canada* por dia. E o calor ia apertando...

E havia dois mezes que a villa estava cercada...

Os seus habitantes faziam sortidas arriscadas, á caça dos castelhanos pelo termo, a Cezimbra e Arrentella. Um dia mataram mais de trinta em um lameiro.

Estas sortidas eram realizadas pela porta da Barroca, que chamavam Mejão frio, e defrontava com o mar.

Os castelhanos, por mandado do seu Rei, tentaram então cavar uma mina para faze-

rem saltar uma alta torre que estava sobre a porta do castello.

Isto foi presentido pelos portuguezes, que se apressaram em augmentar a barbacan ou pequena muralha fóra da alcaçova. Ali foram sahir os sitiantes com a bocca da cava travando-se então rija peleja, em que houve muitos feridos, o que contrariou sobremaneira o Rei D. João de Castella, que resolveu ir elle proprio combater Almada, para onde se dirigiu, com as suas gentes e capitães.

Mandou então construir no campanario da egreja de S. Thiago um *cadafacens* de madeira, d'onde podesse vêr toda a villa e assistir ao combate.

Trepou-se a elle, e ordenou que o logar fosse atacado «com gente d'armas e de pé, e tiros e béstaria, e fundas de demogrillas e outras artilherias de combate!» Durou esse ataque desde a hora da terça até depois do meio dia.

A essa hora o Rei desceu á egreja para comer. Foi a sua salvação, porque os da villa — imaginando que elle ainda se achava sobre o *cadafacens* de madeira — resolveram atirar-lhe um tiro. Esse tiro, que, atirado horas antes, teria morto o Rei de Castella e adeantado, decerto, a victoria do Mestre de Aviz; que teria libertado Almada e Lisboa;

que teria supprimido Aljubarrota e a continuação da epopéa do Mestre e do Condestavel; que teria decidido a sorte dos exercitos e da guerra da independencia, diminuindo o brilho da victoria, mas antecipando a fundação da dynastia de Aviz e alterando a sorte de Castella, esse tiro apenas matou dois homens obscuros, e feriu trez. O Rei já lá não se encontrava. Estava na egreja, jantando. Amargou-lhe porém, decerto, a comida. Ainda tentou o recurso de atirar com uma bombarda do peso de cinco quintaes, mas não tirou resultado do primeiro tiro de pedra, e ao segundo, a machina de guerra inutilisou-se.

Subiu a colera no animo do Rei, e vendo que os de Almada se não queriam entregar, e resistiam aos seus ataques, lavrou ali solemne protesto de nunca preitejar com elles, nem com elles negociar qualquer fórma de capitulação.

Haviam de render-se. Haviam de ser vencidos, e para isso lhes deixava Pero Sarmento e João Rodrigues de Catanheda, com abundancia de gente para o exterminio. E, dadas essas ordens, voltou raivoso ao arraial do lado de cá do Tejo.

O calor ia apertando, e o verão, adeantando-se, queimava a pequena villa de Almada.

Narra então o velho Ferrão Lopes, na sua

linguagem rude e expansiva, as angustias d'aquelle transe. E tão intensamente dramatica é a situação, que a crueza da sua expressão não chega a ser indecorosa.

«Onde sabei, diz elle, que dentro na villa eram uns quarenta cavalleiros afóra bestas de serventia, e quando a agua foi minguada houveram conselho de não darem de beber ás bestas, e foi tanta a sêde d'ellas, que ali, onde mi... os homens, iam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada.»

Foi tal o horror de verem assim os animaes padecer, que ordenaram lançal-os fóra para os não verem morrer, e como receiaram que deitando-os para a villa, os castelhanos se aproveitassem d'elles, lançavam-n'os de cabeça para o mar!

E o calor ia sempre apertando!... E a agua da cisterna a diminuir.

Começaram então a amassar o pão, e a cozer as comidas com o vinho das adegas. Até o proprio peixe tinham de cozer n'esse mesmo vinho, sendo obrigados a comer tudo emquanto quente, pois que depois de esfriar lhes repugnava.

N'isto a cisterna seccou de todo.

Recorreram então, tal era o horror da sêde, a uma agua estagnada e verde, que desde as ultimas chuvas tinha ficado em charcos fóra

dos muros do castello. N'esses charcos, antes do cêrco, as mulheres da villa lavavam as *roupas infundidas e os trapos dos meninos* e agora, desde que ellas não podiam arriscar-se alli, estavam esses pantanos coalhados de cães e gatos, e outros animaes mortos.

Pois era tão grande a sêde d'aquella gente, que para obter essa agua immunda, alguns homens, em cada dia, arriscavam a vida. Como estava fóra dos muros, iam de noite descendo por cordas, a furtal-a; coziam-n'a, e depois de fervida a bebiam e amassavam o pão com ella. Mas os castelhanos em breve deram com isso. E nas noites calidas de julho, os portuguezes, para poderem dar de beber a suas mulheres, e a seus filhos, tinham de sustentar luctas rijas, em que houve muitos feridos de uma parte e de outra.

Mas como o calor apertava sempre, os proprios pantanos seccaram.

Recorreram então á agua do mar, e tentaram recolher em tinas agua doce, lá em baixo, na ribeira. Cavaram na barroca um caminho, e por elle desciam ás occultas.

No primeiro dia sahiu-lhes bem o estratagema, e trouxeram agua á vontade.

Avisados, porém, os castelhanos pozeram guardas áquelle caminho, e quando dezesete portuguezes iam na segunda noite reco-

lher a agua, foram atacados com dardos e settas, por mais de um cento de inimigos.

Mortos trez portuguezes, os outros quatorze, mal feridos, conseguiram ainda assim recolher dois ôdres meios de agua. As tinas, porém, foram quebradas pelos castelhanos.

Era o ultimo recurso!

E o calor ia apertando! Julho meiava-se abrazador. Morria gente de sêde. Algumas mulheres e creanças fugiam de noite para os campos.

Accenderam-se almenáras, fachos sinistros que davam signal a Lisboa da angustia dos habitantes de Almada, que no emtanto heroicamente resistiam, sem quererem render-se.

Bem viam e sentiam os de Lisboa aquelle drama pungente, mas em nada podiam valer a seus irmãos.

Ainda assim, o Mestre de Aviz tentou enviar uma barca com recursos, polvora e armas. Foi tomada pelos castelhanos.

Então, um cavalleiro gascão chamado Mossen Mone, lembrou-se de levar atado com uma corda, o recebedor Affonso Gallo, que fôra preso por occasião das escaramuças em que Diogo Lopes Pacheco tambem tinha sido capturado.

Em frente á muralha disse aos de dentro que se rendessem, que o Rei de Castella lhes

faria mais mercês, e que se não, Affonso Gallo seria morto alli mesmo, á sua vista.

Os de dentro teimaram em que não se renderiam, e com um tiro certeiro deram com o gascão morto. O portuguez ficou vivo.

Novo motivo de queixa para o Rei D. João de Castella, que ao relatarem-lhe o facto, jurou que todos haviam de morrer pela espada.

Julho acabava. O Mestre de Aviz, dentro de Lisboa, affligia-se com as tribulações dos bravos de Almada, mas de modo nenhum podia corresponder-se com elles, e conhecer realmente a sua situação.

Appareceu-lhe então um homem natural de Almada, que viera na frota do Porto e disse que, nadando, levaria o recado do Mestre aos da villa da Outra Banda. Acceitou o Mestre esse offerecimento, e por escripto mandou o seu recado para o informarem das condições em que se achavam.

Atravessou esse homem, de noite, o rio, nadando com valentia, até á Ribeira do Monte. D'ali subiu dissimuladamente pela Barroca, ao Mejão Frio, e fallando aos do castello, estes, conhecendo-o, lhe abriram a porta. Tomado o recado, informaram o mensageiro da sua situação angustiosa.

E aquelle homem, com a simplicidade ingenua dos heroes, ouvida a resposta, de novo

voltou a nado para Lisboa. E assim arriscou n'essa noite mil vezes a vida, não só luctando com as correntes do Tejo, como expondo-se á vingança dos castelhanos, que se aqui ou na outra margem o presentissem, tel-o-hiam logo morto.

Ouvido pelo Mestre o relatorio dos padecimentos dos seus fieis d'além, passados trez dias mandou o mesmo homem, de noite, com recado a Almada, para que, em vista da situação, os seus habitantes preitejassem com o Rei de Castella. E ainda em levar recados e trazer respostas, o heroe, cujo nome ficou ignorado, passou o Tejo seis vezes, a nado, sempre de noite.

Então, de accordo com o Mestre de Aviz, resolveram os de Almada capitular, e para isso mandaram emissarios.

Mas o Rei de Castella, que sabia que todos os dias morria gente á sêde, e esperava que assim elles se rendessem, recusava-se a preitear com elles.

Interveiu então a Rainha D. Beatriz. Confrangia-se porventura o seu coração de mulher com a narrativa dos horrores que alli perto estavam soffrendo mulheres e creanças, e não era talvez insensivel ao seu animo de portugueza, que fôra, a heroicidade com que portuguezes se defendiam tão tenazmente.

Implorou do marido que perdoasse, e entrasse em negociações. Foi afinal concedido que, aos habitantes, se lhes segurassem *corpos e haveres e cada um ficasse em sua casa.*

No dia primeiro de Agosto, o Rei D. João e a Rainha D. Beatriz, sahindo do seu luxuoso arraial de Santos, embarcaram em festivas galés, dirigindo-se á Outra Banda, onde lhes foi entregue a villa e as chaves d'ella.

Almada defendêra-se heroicamente, e capitulava agora com honra, escrevendo mais um capitulo brilhante na historia de Portugal.

Pouco depois ainda a vemos figurar quando Nuno Alvares Pereira, descendo d'Evora, resolveu vir a Almada, sobre Pedro Sarmento, capitão castelhano, que com elle não quizera pelejar.

Veiu pelo castello de Palmella, onde se apresentou e d'onde ao dia seguinte, por desfastio, sahiu a correr monte, matando um porco. Conta-se até que resolveu presentear o seu competidor com este porco.

O caso é que veiu por Azeitão, de noite, e por os guias não serem bem certos e andarem fóra dos caminhos, só chegou a Almada com sol nado. Esperava alli surprehender Pedro Sarmento. Mas este estava em Lisboa. A sua hoste, porém, ficára alli, e por não esperar esta investida, quasi todos dormiam.

Levantaram-se á pressa, e combateram desordenadamente. Fugiam quanto mais podiam, e alguns ainda por vestir, como aquelle João Rodrigues Catanheda, que nem podera envergar o gibão. Singular peleja aquella, em que até alguns capitães se evadiram pelos telhados!

Refere Fernão Lopes que, reunida a sua gente, ordenára Nuno Alvares que todos se collocassem no monte, sobre o mar, para serem vistos de Lisboa, d'onde effectivamente os lobrigaram com grande prazer os cercados na cidade, e com enorme furor o Rei de Castella, e Pedro Sarmento, o fronteiro, que tambem, meio vestido, se metteu em uma galé, dirigindo-se a Almada. Já alli não encontrou Nuno Alvares, que muito descançadamente regressára a Palmella, onde á noite accendeu almenáras para avisar os de Lisboa, que alli se achava. De cá responderam-lhe com muitas tochas no eirado dos Paços, onde o Mestre pousava.

Termina o pittoresco Fernão Lopes, dizendo: «Nuno Alvares apagou seus fogos por cobrar o somno que de antes perdera, onde fique com boas noites; nós tornemos ver esta atribulada Lisboa em que ponto está!!»

Durou ainda um mez o cêrco que o Rei de Castella lhe pozera havia mais de trez.

A peste que dizimava o brilhante arraial, atacou a Rainha, a quem deram duas tramas. No sabbado trez de Setembro, o Rei de Castella, roído de raiva, ordenou que o cêrco fosse levantado e que o fogo consumisse o arraial.

Ardeu durante todo o domingo.

O exercito castelhano arrastou-se, combalido, com a Rainha doente, por Santo Antão, Torres Vedras, até Santarem. Lisboa estava salva!

UM AUTO DE GIL VICENTE — PROCESSO DE VASCO ABUL

Depois da epopéa a farça. A Rainha D. Leonor, mulher de El-Rei D. João II, é uma das mais luminosas figuras da Historia de Portugal.

Bella e elegante na sua mocidade, segundo a pintam as chronicas, a sua estatura moral é de primeira grandeza, e a sua influencia decisiva na sociedade do seculo XVI.

A' sua iniciativa e intelligente impulso deve Portugal a instituição das Misericordias, a introducção da Imprensa, e, por assim dizer, o Theatro nacional.

Foi ella quem, cooperando com D. Beatriz,

sua mãe, appelidada a *Rainha Velha* (1), trouxe ás festas da côrte o poeta Gil Vicente, o iniciador do theatro portuguez.

Em 1502, uma quarta-feira, 8 de junho, representou-se na camara da Rainha D. Maria, que dois dias antes tivera um filho (o futuro D. João III), o monologo do *Vaqueiro,* que se póde considerar a primeira peça dramatica com fórma litteraria representada entre nós.

Depois, vê-se pelas rubricas das obras do poeta, a grande influencia que na sua factura teve a Rainha D. Leonor.

E' perante ella que em 1504 é representado na egreja das Caldas o *Auto de S. Martinho.*

E' por seu mandado que em 1505 se representa nos Paços da Alcaçova em Lisboa, o *Auto dos Quatro Tempos.*

E' em 1506 que em Abrantes, tendo nascido o infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, foi pelo mesmo Gil Vicente feito no serão do Paço um sermão á christianissima Rai-

---

(1) Depois de isto escripto, os estudos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, vieram demonstrar que a designação de *Rainha Velha,* se deve applicar á Rainha D. Leonor e não a sua mãe. Vide *Nota Vicentina II* — Coimbra, 1918.

nha D. Leonor, e a seu mandado o *Auto da Alma.*

E ás representações que a ella directamente não eram dedicadas, ou por seu mandado feitas, assistiu muita vez como protectora que era do poeta, e como principal elemento da animação e brilho dos serões reaes, a cuja organisação já presidia em tempo de seu marido, nos Paços de Santarem, de Setubal, etc. (1)

Nascimentos de Principes, casamentos reaes, recepções e despedidas, eram quasi sempre acompanhadas com alguma representação do Gil, *que fazia os aytos a El-Rei.* E muitas vezes, sem motivo de festa, ou acontecimento publico, e unicamente por desfastio nas continuas mudanças da Côrte, que fugia aos assaltos da peste, tão frequente n'essa épocha, Gil Vicente representava um Auto, ou uma Farça que o seu genio animava com a graça viva das concepções, com o engenho dos argumentos, com a critica mordente dos costumes, com o desenho dos caracteres, com o bem achado das situações.

---

(1) Acerca da influencia d'esta Rainha nos trabalhos de Gil Vicente, leia-se o meu estudo intitulado *A Rainha D. Leonor*, capitulo XLI.

Foi durante um d'aquelles recrudescimentos de peste em Lisboa, que a Rainha D. Leonor, em 1509, se retirou para Almada. E alli, fiel ás suas predilecções, chamou Gil Vicente para lhe representar um auto.

Acudiu elle prompto ao chamamento, e alli mesmo compoz a farça chamada o *Auto da India.*

Diz a rubrica assim: «A' farça seguinte chamam Auto da India».

«Foi fundado sobre que hua mulher, estando já embarcado para a India seu marido, lhe vieram dizer que estava desviado, e que já não ia, e ella, de pezar, está chorando. Foi feita em Almada, representada á muito catholica rainha D. Leonor, era de 1519.»

Esta data está errada na edição de Hamburgo, pois que na edição de 1562 se lê: «Era de MDIX.» E assim deve ser. Em 1510 ainda a Rainha alli estava, quando foi do processo de Vasco Abul, como adeante veremos.

Accresce tambem que n'um dialogo d'esta farça a *Moça* diz:

Trez annos ha
Que partiu Tristão da Cunha.

Ora a partida da armada de Tristão da Cunha para a India, foi em abril de 1506,

o que dá positivamente os trez annos em 1509.

Diz o sr. Theophilo Braga que o poeta dá a entender que esta farça era já conhecida do vulgo por que n'ella se diz: *A' farça seguinte chamam Auto da India.*

Salvo o devido respeito ao douto professor, parece-nos que aquelle dizer não indica senão que ao tempo que o poeta, ajudado por sua filha Paula Vicente, *a Tangedora,* coordenava as suas obras, a esta farça, que já era então muito conhecida, chamavam *Auto da India.* Como se sabe, n'esse periodo inicial do theatro raramente se repetia nas representações a mesma peça. E na rubrica d'esta claramente diz o poeta: *Foi feita em Almada.*

Gil Vicente, em muitos dos typos de seu theatro, é o precursor de Moliére. E' facil o parallelo, já mais de uma vez apresentado, entre os dois genios. Apontam os mesmos ridiculos, como na farça dos *Fisicos,* em que o nosso poeta, com dois seculos de avanço, enche de epigrammas uma classe depois tão caricaturada pelo comediographo francez. Um e outro debicam no clero e na nobreza. E n'esta farça da India, as figuras da Ama e do Marido são perfeitamente de um Moliére do seculo XVI.

Como vimos na rubrica, a anedocta sobre

que a farça assenta, tomada nos costumes portuguezes a que as partidas das armadas para a India tinham dado feições novas, põe em relevo um facto decerto frequente na classe baixa em que elle se passa; e confirmando o proverbio que diz: *les absents ont toujours tort,* aponta com graça e ironia a fragilidade e a perfidia do coração feminino.

Personagens são apenas cinco:

A Ama, que rejubila com a partida do marido para a India.

A Moça—creada acomodaticia, que lhe diz:

Dae-me alviçaras, senhora,
já lá vae de foz em fóra,
(Ama)—*Dou-te uma touca de seda,*
(Moça)—*Ou quando elle vier*
Dae-me do que vos trouxer.

Figuram mais dois galantes, um castelhano e outro portuguez, o Lemos, que, aproveitando a ausencia do marido e a leviandade da mulher, se introduzira na sua habitação, com seu assentimento, e finalmente o marido, que chega bem fóra de proposito e bem pouco desejado, mas ainda a tempo talvez de não ter ardido Troia, e de ouvir de sua mulher os hypocritas protestos de affeição.

N'um dialogo rapido, em versos cheios de

conceitos, e com a genuina graça portugueza, Gil Vicente define promptamente os caracteres dos cinco, e desenvolve a anedocta sem delongas que enfastiem.

A Ama diz á Moça, sua confidente:

Quem se vê moça e formosa,
Esperar pela ira má,
Hi se vae elle a pescar
Meia legoa pelo mar,
Isto bem o sabes tu
Quanto mais a Calecut:
Quem ha tanto de esperar?
....
Para que he envelhecer,
Esperando pelo vento?
Quant'eu por mui necia sento,
A que o contrario fizer.
Partem em Maio d'aqui
Quando o sangue novo atiça...

E ella, moça e formosa, a quem o sangue novo atiça, sente com prazer que pela escada lhe sobe o castelhano, que emphaticamente se declara quando ella lhe pergunta:

(Ama) — *Bem que vinda foi ora esta?*
(Cast.) — *Vengo aqui em busca mia,*
Que me perdi en aquel dia
Que os vi hermosa y honesta.

Continúa o castelhano a alardear o seu sentimento:

Supe que vueso marido
Era ido.
Al diablo que lo doy
El desestrado perdido.
Que mas India que vos,
Que mas piedras preciosas,
Que mas alindadas cosas
Que estardes juntos los dos?

Ella defende-se com requintado *coquettismo* e acaba por lhe conceder uma entrevista ás nove da noite, dizendo-lhe que dê signal com uma pedrinha na janella.

Apenas elle sahe, entra o Lemos, que:

Andava aqui.
Meu namorado perdido,
(Moça) — *Quem? O rascão do sombreiro?*
(Ama) — *Mas antes era escudeiro.*

E o Lemos, que se declara:

Vosso Captivo, senhora,
(Ama) — *Jesu! Tamanha mezura!*
Sou a rainha, por ventura?
(Lem.) — *Mas sois minha imperadora!*

E assim piegas e alambicado, continúa cortejando, quando se ouvem na janella as pe-

drinhas do castelhano. Querem metter o Lemos para a cozinha, o castelhano impacienta-se, e depois de peripecias varias, exclama a moça:

Quantas artes, quanta manha,
Que sabe fazer minha ama,
Um na rua outro na cama...
E logo partiu a armada
Domingo de madrugada,
Não póde muito tardar,
Nova se ha de tornar
Noss'amo pera a pousada.
Tres annos ha
Que partiu Tristão da Cunha.

Volta d'ahi a pouco esbaforida e exclama:

(Moça) —*Ai, Senhora! Venho morta:*
Noss'amo he hoje aqui.
(Ama) — *Má nova venha por ti,*
Perra, excommungada, torta.

E quando depois o marido entra, esperando encontrar n'ella *mulher de recato,* ella descreve-lhe o que soffreu com a ausencia:

Jesu! Eu fiquei finada,
Tres dias não comi nada.
A alma se me queria ir.

Juro-vos que de saudade
Tanto de pão não comia
A triste de mi cada dia,
Doente era uma piedade.

Aonde não ha marido
Cuidae que tudo é tristura,
Não ha prazer nem folgura
Sabei que é viver perdido,
Alembrava-vos eu lá?
(Mar.) — *E como?*
(Ama.)— *Agora, aramá*
Lá ha indias mui formosas;
Lá farieis vós das vossas
E a triste de mi cá,
Encerrada n'esta casa...

Com que conhecimento do coração humano não é lançada esta nota perfida destinada a socegar o confiado marido, e a lisongeiar-lhe a vaidade!

E com estas fallas lá o leva a ir juntamente com ella ver a nau que o trouxéra, e assim, diz Gil Vicente, na rubrica, *fenece esta farça.*

Divertiu ella por certo, distrahiu, e alegrou o escolhido auditorio dos refugiados em Almada, por causa da peste, que ardia defronte em Lisboa. Mas não deixa de ser curioso ver uma Rainha, já a esse tempo tocando nos 52 annos, entregue habitualmente á vida severa e recatada do seu palacio de Enxobregas, e o escol da sociedade que a acompanhava comprazerem-se e folgarem com as aventuras algo libertinas da astuta e leviana mulher do embarcadiço, com a ingenua e cega confiança d'elle, e com os requebros

amorosos dos dois rufiões, tudo expresso em linguagem crua e sem rebuços.

E' que no seculo XVI havia menos convencionalismo. Diziam-se as coisas pelos seus nomes, sem que escandalisasse ouvir o que hoje se chamaria um *palavrão*. Os personagens de Gil Vicente fallam deante da côrte com a liberdade, isenta de circumloquios, com que hoje as regateiras e collarejas da praça da Figueira discutem entre si.

E não só a linguagem era rude, e as pragas, as chufas, as exclamações brutaes eram pronunciadas claramente, como tambem a ideia do pudor era diversa da que hoje impera.

Gil Vicente entrava vestido de Vaqueiro, na camara em que dois dias antes a Rainha D. Maria tinha dado á luz um filho, e referia-se sem euphemismo ao facto physiologico que n'esse quarto se passára.

Os amores dos clerigos, as proezas dos frades rufiões, a interferencia das alcoviteiras, e os infortunios dos mal maridados, eram contados por claro, a Rei, Rainha, Infantes e cortezãos.

Mas não era só Gil Vicente quem tomava estas liberdades nas suas peças.

Nos serões do Paço, onde se discutiam subtilezas d'amor e se versejava sobre as intrigas da côrte, não só as palavras eram cla-

ras, — e as expressões d'então parecem hoje indecorosas, — mas os factos sobre que se faziam apodos e se rimavam coisas de folgar, eram, segundo o criterio d'agora, sujas ou escabrosas.

Quem quizer ler no cancioneiro de Resende as trovas do Brazeiro, as trovas do Conde de Vimioso ao Barão do Alvito, porque vindo com El-Rei de Almeirim, se lhe destemperou o estomago, etc., terá uma idéa da pouca limpeza na linguagem corrente d'esse tempo. E quem lêr as trovas de Fernam da Silveyra a D. Rodrigo de Castro, que beijou uma dama, ou as de D. Joam de Meneses, e varios poetas a outra dama que beijava D. Guiomar de Castro, terá ideia das surprezas d'aquelle D. Rodrigo, e das proezas d'aquella dama de saphica memoria.

Mas o que hoje faria córar muitos que ouvissem taes desmandos n'uma sala, era admittido como fina essencia de espirito em toda aquella épocha, e n'esse serão do paço d'Almada, no anno de 1509.

Onde se aposentava a Rainha D. Leonor, n'essa villa? E onde era representada perante ella e a sua côrte a farça da India?

Palacio com grandeza e magnificencia não havia.

Durante toda a Edade Média a côrte deslo-

cava-se muito frequentemente, e a não ser em Lisboa, Santarem, Cintra, Estremoz, Coimbra, Almeirim, Setubal e Evora, e ainda outras terras onde havia paços verdadeiramente reaes, de resto escolhia-se uma casa boa ou soffrivel para aposentação dos Reis, e a comitiva accomodava-se pelas habitações dos principaes d'essa localidade.

Em Almada não havia paço, mas é de presumir que a Rainha D. Leonor teria ali, herdada de sua mãe a Infanta D. Beatriz, alguma morada de casas pertencentes ao almoxarifado.

E foi n'essas casas, de que hoje não ha vestigios, onde se refugiou da peste, onde hospedou Gil Vicente, e os comediantes, e onde reuniu a sua côrte, para ouvir e se deleitar com as graças da Farça da India.

Foi alli tambem que no anno seguinte se deu o caso que na litteratura ficou com o nome de *Processo de Vasco Abul.*

*

Nos serões do Paço era vulgar debaterem-se entre poetas, ou simples versejadores, algumas questões amorosas, anecdotas pessoaes, casos da Côrte em fórma de pleito judicial, ou processo o que foi para assim dizer o rudimento de uma especie de arte dramatica.

No Cancioneiro de Resende encontram-se varios torneios metricos tratados por esta fórma como a questão do *Cuidar e Suspirar*, esta de Vasco Abul e outras mais.

Quer-se ir procurar a origem d'esta maneira de versejar na intenção que tiveram os juriconsultos da Italia (depois da passagem do papado para Avinhão) de tornarem conhecidas as fórmas do processo, compondo debates entre grandes personagens da antiguidade, que se atacavam e defendiam pelo ministerio dos procuradores e advogados, usando dos recursos das discussões judiciarias.

O processo de Vasco Abul, que se debateu nos serões da Rainha D. Leonor, estando ella ainda em Almada, em 1510, tem esta fórma usada nas discussões dos tribunaes, e n'ella entram varios poetas, como vamos vêr.

O que deu origem a este caso diz-nos uma rubrica do cancioneiro geral que reza assim:

«Anrique da Mota a Vasco Abul, porque «andando uma moça baylando em Alemquer, «deu-lhe, zombando, uma cadeia d'ouro, e «depois a moça não lh'a quiz tornar, e anda«ram sobre isso em demanda, e veo Vasco «Abul falar sobre isso ha raynha, estando «em Almada e haly lhe fez estas trovas.»

Vasco Abul era um cavalleiro que vinha de nobre gente, e parece certo ser aquelle

mesmo Abul que annos antes em 1488, fôra como capitão d'uma caravella na armada da «ida e passagem de D. João de Bemoim» o principe Jalofo, que visitára D. João II. A essa opinião se inclina o erudito escriptor o sr. Anselmo Braamcamp Freire. E a nós parece-nos essa opinião confirmada nos versos:

Andais ledo em grão guisa
Como quem veio da Myna».

Não era portanto d'uma grande mocidade o Vasco Abul, posto que fosse *bem disposto,* isto é, bem parecido ainda, quando, segundo dizem as trovas:

Uma gentil bailadeira
De Alemquer
fermosa, gentil mulher,
me chofrou d'esta maneira:
Por me não parecer feia,
vendo a bailar um dia,
lhe mandei por boa estreia
uma cadeia
que eu no pescoço trazia.
Depois, quando a quizera
recolher,
quizeram-se fazer crer
que eu por sua lh'a dera.

O folião do velhote, vendo a mocetona dançar, e sentindo ferver-lhe o sangue, com

amor, galanteria ou concupiscencia, tira do pescoço uma cadeia d'ouro que valia «cincoenta bons cruzados», cerca de 130$000 réis, e enfia-a no pescoço da rapariga, que das trovas se parece deduzir ser orfã, e que decerto tomaria o offerecimento como declaração de namorado. Ella, segundo a alegação que elle depois offerece:

Bailava bailo vilão
ou mourisca
mas chamo-lh'eu carraquisca,
Mais viva que tardião.

O caso é que elle, acabada a dança, quiz recuperar a sua cadeia, mas a bailadeira recusou-se a dar-lh'a, e começando assim a demanda, o velhote veiu queixar-se á Rainha D. Leonor, a Almada, onde Anrique da Motta, poeta satyrico, e mais outros ajudadores, lhe dirigem trovas n'uma troça que o deixou mal ferido:

«Que buscaes cá n'esta terra?
Com tal sul
Meu senhor Vasco Abul?

E o poeta das trovas figura um dialogo em que o Abul responde defendendo-se. Parece terem-lhe declarado guerra, allega, mas tudo são mexericos ou intrigas que lhe levantaram.

Replica Anrique da Motta:

Vós andais esmorecido,
Eu não sei que vós haveis,

Responde o Abul:

É um caso tão subido
Que duvido
Se vós o entendereis

Motta:

Não cureis de duvidar
E dizei-m'o

Abul:

Não no digo porque temo
Que hão de mim zombar.

E tinha razão de temer que zombassem d'elle, porque este dialogo todo, composição do Motta, revela notavel graça pela facilidade em improvisar. E' uma troça pegada ao cavalleiro e capitão da caravella que depois de, em um impeto de enthusiasmo, ter sido generoso com a ladina bailadeira, se arrepende, e quer voltar atraz, tirando-lhe a cadeia.

Depois, quando quizera
recolher,
Quizeram-me fazer crer
Que eu por sua lh'a dera.

Responde-lhe o Motta:

E vós ficais d'ahi honrado,
Não deveis dizer ahi al,
Que o homem bemcriado
Namorado
O bom é ser liberal.

Mas de liberal e generoso é que Abul não tinha fama, pois no seguimento do processo é sempre apodado pela sua avareza. Dizem-lhe que não crie fama de *escasso* e mais:

Usai liberdade
e quiçá, se vos não ama
Essa dama
amarvos-ha de verdade.
E hi levar boa vida
A vossa casa,
qu'isto é vergonha rasa
Avareza conhecida.

Aperta-o tanto o Motta que o obriga a declarar:

Ataes me por tal maneira
que me pesa,
e não posso achar defesa
que preste, posto que queira
a verdade não me vale,
Por escasso me apregôo,

E acabando em *vilancete,* exclama Anrique da Motta:

> *Todos vós outros, senhores,*
> *Que sabeis aqueste feito,*
> *Sede meus ajudadores.*

Estes ajudadores são varios. Uns, poetas da côrte, outros poetas de profissão, como Gil Vicente, que tambem entra n'este processo. Outros são empregados na casa da Rainha D. Leonor, como João Alvares, o secretario, Sebastião da Costa, o cantor, Branca Alves, crystaleira, e até o *Mestre Gil*, que parece ao sr. Theophilo Braga ser o celebre ourives, auctor da custodia dos Jeronymos, que por muitas vezes tem passado por ser o proprio Gil Vicente do theatro. O sr. Theophilo Braga nos seus recentes estudos affirma ser um primo do poeta que foi *ourives* tambem da Rainha D. Leonor, que tinha o mesmo nome, e que tambem metrificava, como tambem ao poeta não eram estranhas as regras da arte da ourivesaria. E d'aqui nasceu facilmente a confusão. E um dos argumentos do sr. Theophilo Braga para a existencia da dualidade do ourives e do poeta é, n'este processo de Vasco Abul, apparecer uma copla de *Mestre Gil,* ao passo que adeante se lê no cancioneiro e n'este mesmo processo o *parecer de*

Gil Vicente, sem lhe chamar Mestre. Ao sr. Anselmo Braamcamp parece que este *Mestre Gil* será o cirurgião-mór a quem os documentos sempre dão esta designação e que morreu em 1511 (1).

Fechado aqui este parenthesis, que tem o seu interesse, e acceitando que o *Ourives da Rainha* ou o cirurgião-mór tambem fosse trovador com o nome de *Mestre Gil,* vejamos quem são os outros ajudadores. E' Agostinho Giram, é Affonso Fernando Montarroio, é Diogo de Lemos, é Diogo Gonçalves, e Fernão Dias, é finalmente o proprio Gil Vicente,

---

(1) Depois de ter apparecido este artigo publiquei o — *Auto da Festa* — obra desconhecida de Gil Vicente, que fiz anteceder de uma explicação. A proposito d'este livro, escreveu no *Jornal do Comercio,* com o pseudonymo de *Silex,* o erudito escriptor o sr. Anselmo Braamcamp Freire que tão valiosos serviços tem prestado aos estudos historicos, uma serie de artigos intitulados: — *Gil Vicente — Poeta Ourives.*

Aproveito o ensejo para agradecer as lisonjeiras referencias que faz ao meu ensaio.

Agradeço egualmente a fórma como aprecia as minhas conjecturas e hypotheses, ainda mesmo quando d'ellas diverge. Feliz o livro que gera outro livro. N'este caso congratulo-me duplamente, pois a minha publicação fez nascer os artigos que tão brilhantemente demonstram a identificação do Poeta com o Ourives.

que dá o seu parecer com uma arte e uma firmeza que demonstra a sua superioridade sobre os precedentes, a maior parte dos quaes são versejadores de occasião n'este divertimento palaciano, e que não mais figuram entre os poetas do tempo.

Todos estes entraram no processo, por assim dizer, como testemunhas de accusação, e os seus depoimentos teem mais ou menos interesse. Um, porém, o do cantor Sebastião da Costa, é digno de reparo, pois que diz:

Andais ledo, em grão guisa
Como quem veiu da Myna,
Galante, cheio de frisa,
Como vossa gentil divisa
De cruz vermelha mui fina
E pois já se determina
Que percais este collar.
Não vos deve de lembrar.

O facto de dizer: como quem veiu da Myna, isto é de S. Jorge da Mina que fica ao sul do paiz de Jalofos, para onde partira em 1480 a caravella commandada por um Abul, confirma, emquanto nós, a supposição do sr. Anselmo Braamcamp, de que este Abul do processo é o mesmo da viagem, o que faz com que elle em 1510 fosse já proximo dos

sessenta, concordando isso com o verso que Anrique da Motta lhe põe na bocca:

pois que sei e vós sabeis
que sei mais por ser mais velho...

E' impossivel trasladar aqui todo o processo embora curioso. E dos *embargos de Anrique da Motta pera se non entregar o colar a Vasco Abul, ffeito a rraynha dona Lyanor,* apenas transcrevemos o começo que diz:

Senhora,

Bem posso eu com razão
por ser dos orfãos juiz
acceitar a tal acção:
o direito assim o diz
nas Sergas d'Espradiam

Estes ultimos dois versos são notaveis, porque determinam por assim dizer a data do processo, conforme nota o sr. Theophilo Braga, que primeiro o julgou passado em 1493, e que depois se convenceu de que o foi em 1510, pois é d'esse anno a primeira edição das conhecidas—*Sergas d'Esplandiam.* Segue-se o parecer de Gil Vicente, onde facilmente se reconhece *la griffre du lion.*

Começa elle:

Senhora,

Vossa Alteza me perdoe
eu acho muito danado
este feito processado,
em que manda que razoe,
vae a cura tão errada,
vae o feito tão perdido,
vae tão fóra da estrada.
que a moça condenada
Vasc'Abul fica vencido.

Como quem diz que se a sentença obrigasse a moça bailadeira a restituir o collar, quem moralmente ficava vencido e condemnado era Vasco Abul.

E de facto, na réplica, que depois do parecer de Gil Vicente, apresenta Anrique da Motta, acaba por dizer-se:

E tanto que lhe foi dado
não seja aqui mais ouvido,
seja d'aqui degradado
não se chame namorado,
pois d'amor não foi vencido.
Mas eu certo não duvido
por isto que se cá fez,
qu'elle não seja atrevido
em praça nem escondido
a emprestal-o outra vez.

Assim, esse Vasco Abul, nobre e cavalleiro, que commandára uma caravella, e que navegára pelos mares d'Africa até á costa da Mina, é crivado de chufas e de motejos, troçado, alvo da ironia dos poetas, dos cantores, e de crystalleiras, e finalmente escorraçado d'Almada, só porque faltára ás lei da galanteria, tão presadas n'esses seculos de cavallaria, em que o culto da mulher era a lei suprema.

E o pobre Vasco Abul, que merecia talvez pelos seus feitos ter o nome registado entre os dos nossos navegadores, fica apenas conhecido com o processo de Almada, por ter negado um collar de cincoenta cruzados a uma bailadeira d'Alemquer!

O FREI LUIZ DE SOUSA

Agora um drama verdadeiro.

Nos fins do seculo XVI e princípio do XVII, passa-se em Almada o mysterioso e pungente episodio sobre o qual Garrett architectou o mais bello poema em prosa da nossa litteratura, a mais poetica definação da alma portugueza, ao mesmo tempo apaixonada e cavalheirosa repassada de mysticismo e vibrante de amor, accessivel a todas as ideias genero-

sas, namorada e supersticiosa, dilacerada pela fatalidade do destino, energica na resolução do supremo sacrificio.

E porque os personagens existiram, e porque viveram, e se amaram, e os dois principaes se separaram ao cabo de uma união feliz, para irem acabar a existencia, distanciados nas cellas dos seu conventos, o *Frei Luiz de Sousa* tem além do prestigio de symbolisar o genio d'uma nação, o interesse que despertam as scenas vivídas.

Quem não conhece o drama de Garrett não é portuguez.

Inutil portanto recordal-o.

Que ha de realidade n'essa obra?

O episodio fundamental é verdadeiro. Verdadeiros os principaes personagens. Exacto o desenlance. E' de Garrett a escolha da mais artistica e delicada das versões sobre os motivos de separação, a psychologia das figuras, e o sopro de genio que anima o drama.

Pelos annos de 1575 residia em Almada e tinha alli propriedades D. Maria da Silva, mãe de D. Magdalena de Vilhena.

Esta casára com D. João de Portugal, da casa dos condes de Vimioso, por volta de 1568, vivendo com elle dez annos até á partida para Alcacer Kibir.

Ficaram trez filhos, D. Luiz, que veiu a

morrer em Tanger, n'uma escaramuça depois de 1592. Duas meninas, D. Maria de Vilhena e D. Joanna de Portugal, que vieram mais tarde a casar, esta ultima com D. Lopo de Almeida, dos quaes nasceu uma filha que acompanhou sua avó para o convento quando a elle se recolheu. D. João de Portugal desappareceu na batalha. Os documentos officiaes deram-n'o como morto.

D. Magdalena, conta-se, espaçára por alguns annos o segundo casamento com Manuel de Sousa Coutinho, receiando não ser na realidade viuva. Afinal as razões que lhe deram os proprios parentes do primeiro marido convenceram o seu coração, já de ha muito dominado pelo encanto do brilhante cavalleiro Manuel de Sousa. Casaram entre 1584 e 1586. Elle tinha todas as qualidades que seduzem as mulheres. Era bravo e destemido, tentava-o a aventura longinqua. As coisas banaes, passadas pela sua palavra, adquiriam a harmonia que nos embala quando lêmos periodos da *Historia de S. Domingos* e da *Vida do Arcebispo*. Usava no airoso chapéu de aba larga uma pluma branca a la moda, e na imaginação tremulava-lhe a pluma ligeira d'uma phantasia romanesca.

Generoso, valente e poeta, captivou a linda e opulenta viuva.

Alguns auctores teem avançado que essa riqueza tinha em grande parte resolvido o cavalleiro de trinta annos a desposar uma viuva bem mais velha do que elle. Entretanto essa hypothese é destituida de fundamento pela razão de que uma grande parte da fortuna e toda a que vinha do primeiro marido, pertencia aos filhos que d'elle tinham ficado. E Manuel era rico, e cavalleiro, e namorado!... Em que repugna que elle se deixasse apaixonar pela bella e seductora viuva, que além de tudo não era talvez tanto mais velha do que elle?

Tiveram uma filha — a Maria, do drama de Garrett, a que alguns escriptores chamam D. Anna de Noronha.

Em Lisboa viviam os conjuges a S. Roque, na freguezia do Loreto. Mas a sua residencia predilecta era Almada, onde, segundo affirma Barbosa Machado, Manuel commandava um corpo de setecentos infantes e cem cavallos.

A casa que habitavam n'esta villa era na rua Direita, como se vê d'uma escriptura publicada pelo erudito escriptor sr. Sousa Viterbo, na sua Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias.

Qual ella fosse torna-se difficil averiguar. Não só porque o incendio, cavalheirosamente ateiado pelo proprio Manuel, a teria destrui-

do, e as confrontações indicadas na escriptura nada elucidam, como por não haver indicio na rua Direita de reedificação nenhuma que indique ter havido alli habitação nobre.

Percorrida essa rua, apenas uma morada de casas mais importante onde se vêem uns bellos azulejos, permitte á imaginação conjecturar ter sido ali a pousada dos dois protogonistas do drama.

É certo que elles habitavam n'aquella rua e que já então Manuel de Sousa Coutinho cultivava as lettras em prosa e em verso, quando no anno de 1599 a peste grassava em Lisboa.

Resolveram os governadores do Reino, em nome de D. Filippe, vir estabelecer-se em Almada, e para palacio do governo escolheram a casa em que D. Magdalena e D. Manuel residiam.

Foi então que o fogoso cavalleiro e ardente patriota respondeu á importuna intimação incendiando a sua casa, episodio com que Garrett fecha tão brilhantemente o acto do seu drama: «*Illumino a minha casa,* (diz Manuel de Sousa) *para receber os muito poderosos e excellentes senhores governadores d'estes reinos.*»

O facto é verdadeiro. Elle proprio o narra no prologo que em latim escreveu ás obras

de Jayme Falcão: «*In fumum et cineres abiere*».

E é mesmo de crêr que esse atrevido repto atirado aos governadores do Reino, influisse para a sua resolução em se expatriar.

Retirou para Madrid, onde encontrou o acolhimento protector de D. Pedro e D. João de Borja, e d'ahi seguiu para a America.

N'este ponto se afastou da realidade Garrett, no seu drama, que faz succeder immediatamente ao incendio de Almada a catastrophe que decidiu os dois conjuges a tomarem o habito.

Entre um e outro facto mediaram perto de treze annos.

Foi em 1600 que elle partiu para a America, em 1604 que d'ali regressou, e em 1613 que se realisou o divorcio.

O que motivou a sua volta a Portugal? Qual foi a causa da separação?

Diz o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, confirmando a opinião de Barbosa Machado, que o trouxera arrebatadamente á patria a noticia da morte de sua filha.

Outros affirmam que viria por saber que os governadores, que ultrajára, já tinham sido substituidos, e que saudades da familia e da sua Almada, que tanto estremecia, o tinham repatriado. N'esta hypothese, sua filha ainda

viveria, e a sua morte, mais tarde, teria grande influencia na resolução dos paes se recolherem ao convento.

A mysteriosa causa do divorcio, interessante problema de psychologia, que tanto preoccupa os escriptores que d'elle teem tratado, está ainda hoje para resolver.

Seria a morte da filha unica?

Não ha uma data que nos possa guiar. Não há uma citação que nos elucide.

Seria, como se inclina a crêr o sr. Sousa Viterbo, um phenomeno de suggestão, que teria actuado no espirito dos dois, levando-os a esta especie de duplo suicidio?

E' facto que, pouco tempo antes, o Conde e a Condessa de Vimioso se tinham separado, para professar, ella no convento do Sacramento, em Alcantara, que instituira, e elle no convento de S. Paulo, em Almada.

A coincidencia de serem os mesmos conventos em que Manuel de Sousa e D. Magdalena de Vilhena vieram a professar, a amizade e parentesco que existia entre o Vimioso e Manuel de Sousa Coutinho, a inclinação ao mysticismo da alma de D. Magdalena de Vilhena, que foi creada e educada por uma mãe excessivamente devota, n'uma épocha de profundas crenças religiosas, e supersticiosos terrores, que facilmente levariam o seu animo

a procurar abrigo contra as tempestades da vida no convento que a Condessa de Vimioso instituira e onde se recolhera, tudo teria influido no espirito dos dois conjuges, já ambos no começo do inverno da vida, a procurar no claustro paz e tranquillidade.

A apparição do peregrino, facto que aos eruditos repugna e aos poetas seduz, foi o motivo escolhido por Garrett para explicar a subita resolução do divorcio. Tirou-o Garrett da narrativa de Frei Antonio da Encarnação, que, por ser contemporaneo dos acontecimentos, tem em favor da sua versão um grande saldo de probabilidades.

Conta elle que em 1613, estando D. Magdalena de Vilhena em Almada, lhe appareceu um peregrino que vinha da Terra Santa, trazendo novas de um portuguez que ha muitos annos vivia em Jerusalem, e que escapára aos desastres de Alcacer Kibir.

E dando os signaes certos de D. João de Portugal, o primeiro marido, accrescentou que fôra elle quem ali o mandára.

Aterrada com tão fulminante acontecimento, contou a seu segundo marido o que se passára, e o que Frei Jorge seu irmão presenceára.

Elle, então, dizem que respondêra: «Até agora, senhora, vivi em boa fé comvosco; e

creio de vós que na mesma boa fé vivestes comigo; porque fio de vós que não casarieis outra vez se não tivesseis por certa a morte do vosso primeiro marido. O que convém mais é fugir para o sagrado da religião.»

A este episodio, narrado por Frei Antonio da Encarnação, põe muitas reservas o Bispo de Vizeu, o sr. Sousa Viterbo e outros, que se teem occupado do caso, e attribuem a invenção ao espirito de messianismo sebastico que inflammava as imaginações n'essa épocha.

E a phantasia popular, que esperava ver apparecer o *Desejado* e cria que elle não perecêra, facilmente daria como explicação á repentina deliberação dos dois consortes, a chegada d'um mensageiro que trazia novas do cavalleiro de Alcacer-Kibir.

Não havendo provas que invalidem esta versão, e havendo em seu favor o testemunho de um contemporaneo, porque regeital-o?

E porque não fundiremos na alma dos dois heroes d'essa historia os trez motivos de anniquillamento moral?

A morte d'uma filha é a maior dôr humana. E essa dôr ter-lhes-hia quebrado as energias vitaes.

A apparição do peregrino mensageiro do D. João de Portugal, ou elle proprio, como alvitra Garrett, seria para as suas almas a

catastrophe determinante do refugio na casa de Deus.

E o exemplo dos Condes de Vimioso, tão seus intimos, ter-lhes-hia indicado o caminho.

Por isso n'este mesmo anno de 1613, deixando Almada, entraram, ella no convento de Alcantara, levando comsigo uma netasinha de sete annos, que a seguiu na clausura, elle no convento dos dominicanos de Bemfica, onde veiu a escrever as mais harmoniosas paginas da harmoniosa lingua portugueza.

*

Quando depois de dominicano, Frei Luiz de Sousa escreve a sua *Historia de S. Domingos,* ao contar a fundação do convento de S. Paulo em Almada, por Frei Francisco Foreiro, no anno de 1569, e dando d'ella algumas noticias, deixa ainda transparecer n'essas paginas o encanto pela terra que tanto amára, e onde tanto amára. «Sitio, (diz elle do local do convento) que como é no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica como grimpa, sujeito a todos os ventos. Porém paga-se este damno com ser senhor de um tão fermoso e tão bem assombrado horisonte, que confiadamente e sem parecer encarecimento, podemos affirmar que não ha

outro tal em toda a redondeza da terra.» Conta elle depois que por ser de tal modo formoso o panorama de Lisboa que da villa de Almada se disfructa, escolheu D. Filippe II esta villa para gozar da vista da cidade, antes de n'ella entrar.

Em uma noite mandou que lhe crivassem a cidade de Lisboa de luminarias, e tão deslumbrante era o espectaculo, que Frei Luiz de Sousa accrescenta: «estando assim ardendo sem damno toda, ficou devendo mais ás sombras nocturnas que ao resplendor do sol».

Annos depois, diz-se, esteve ali tambem o Duque de Bragança, mas com o intuito de ás occultas vir entender-se com os conjurados que em 1640 o acclamaram Rei com o nome de D. João IV.

Dorme desde então Almada, perto de dois seculos, na Historia de Portugal, até que accorda em 1833, com a entrada de Telles Jordão, que o Duque de Cadaval, governador de Lisboa, para ali mandára com 3:000 homens, defender esse posto avançado, e fazer face ao Duque da Terceira, que vinha com 1:500 homens sobre Lisboa.

A 22 de julho a columna liberal entrava em Setubal, saltava por Azeitão, descia ao valle de Coina, e marchava pelo Seixal e pelo

Alfeite, até á Piedade. Ahi, ao entardecer do dia 23, encontrava as avançadas do Telles Jordão. A guarnição miguelista de Almada, vindo ao seu encontro a Cacilhas, e julgando o inimigo muito superior em numero, aterrorisou-se. O combate, já de noite, foi uma derrota rapida para os miguelistas, que vinham apavorados, atropelar-se no Caes de Cacilhas. No escuro dessa noite houve forte carnificina. Telles Jordão, a cavallo, combatendo, forcejava entrar n'uma falua. Abriram-lhe o craneo com uma cutilada, e arrastaram-n'o, quasi morto, emquanto uma grande parte dos seus fugia pelas trevas da noite, em catraios, faluas e barcos cacilheiros.

Pela madrugada do dia 24, o Duque de Cadaval mandou evacuar Lisboa. Foram avisar d'isto o Duque da Terceira á Outra Banda. O castello d'Almada entregou-se-lhe, e a sua columna atravessou o rio, entrando triumphante na capital.

Hoje a figura em bronze do brilhante Conde de Villa Flôr, Duque da Terceira, alli no caes do Sodré, sobre o pedestal de pedra, com a cabeça levemente inclinada e pensativa, olha com a insistencia immovel das estatuas, para a frente, lá ao longe, a villa de Almada, que se lhe rendeu n'essa linda manhã de julho.

E se porventura no craneo de metal ainda

palpitasse um cerebro, o seu pensamento correndo ao arripio pelo tempo que já passou, iria recordando, n'uma evocação, as scenas tragicas ou festivas, sentimentaes ou guerreiras, de que foi theatro essa Almada de Frei Luiz de Sousa, dos autos de Gil Vicente, do cêrco do seculo XIV, das façanhas dos cruzados inglezes, e das origens da sua fundação arabe.

Sempre noiva

Estas duas palavras, cuja significação é quasi antagonica, trazem-nos á imaginação, assim acolchetadas, a impressão d'algum drama sentimental, em que a habitual expectativa docemente transitoria, d'uma quasi-maridada, se vá protrahindo desoladoramente n'um noivado sem epilogo...

Ha palavras que assim conjunctas, quando designam localidades, monumentos ou ruas, evocam e suggerem vagas historias romanticas, que a nossa memoria relembra, ou a nossa phantasia compõe.

A *Triste-feia,* uma rua alli para o lado das Necessidades, que compaixão faz nascer em nós ao lembrar-nos que decerto o nome lhe veiu d'alguma das suas habitadoras a quem a sorte madrasta recusou formosura!

E essa feialdade, ao ver as outras requestadas, bellas, joviaes e felizes, tel-a-hia, a ella, desherdada do destino, condemnado ao eterno isolamento, e á inconsolavel depressão moral que deu o nome á sua rua!

O becco do *Falla-só.*

Que curiosidade nos dá de saber o que seja esse monologo d'algum morador da viella obscura! Fallaria só por ser mais loquaz do que os visinhos, e os vencer no dar á lingua? Ou seria o seu fallar aquella *munheira* quasi incomprehensivel dos illuminados, que fallam sósinhos, comsigo proprios, ou se dirigem a seres abstractos, a subjectividades que a sua phantasia creou?

E que affinidades teria com o que deu o nome ao becco do *Imaginario?*

E a *Cova da Moura* junto á Pampulha, e abaixo da *Cova da Onça!* Como em nossa imaginação evoca as historias de mouras encantadas, as lendas graciosas ou tetricas de que estão povoados os nossos *legendarios*, os alfarrabios, e as tradições que se perpetuam á lareira!

E o enigmatico *Cata-que-farás,* de que já nos falla Fernão Lopes, que ficava não longe do actual Caes do Sodré, e que uma das nossas municipalidades ineptamente transformou em Travessa do Alecrim?

Cata-que-farás seria porventura um proloquio, uma sentença, um velho rifão equivalente a: *Procura que has de achar — Prosegue que has de conseguir — Trabalha que has de vencer:* conselho dado talvez aos marean-

tes e navegadores, que por alli embarcavam durante toda a épocha aurea das navegações, dos descobrimentos e das conquistas?

Cata-que-farás era decerto na sua ingenuidade rude um energico repellão, uma sacudidella salutar na mandrieira nacional... E os marinheiros que partiam iriam d'alli cantando:

Partimos de Portugal
Catar cura a nosso mal.

Ideias d'outra ordem nos suggere este titulo da *Sempre noiva.*

Ninguem lê este nome que não tenha a impressão d'umas nupcias indefinidamente addiadas...

E' assim chamado um solar nobre situado entre Evora e Arrayolos. Antiquissimo, o pittoresco edificio «conta a sua historia pela justaposição dos seus cunhaes». Assim se exprime o sr. Gabriel Pereira n'um pequeno artigo ha annos publicado nos *Serões,* e em que o erudito e sabio escriptor, rapidamente descreve o monumento, com a sua escadaria nobre, as suas elegantes janellas de marmore branco, as padieiras em arco de ferradura á mourisca, semelhantes a algumas do Paço de Cintra, as chaminés de marmore das salas, os pequenos fogões, a capella ogival encos-

tada á torre, e esta torre que é a parte mais antiga da construcção.

Foi no seculo xv que se edificou o pavimento principal, e foi, desde então, esta a nobre poisada da familia dos Vimiosos.

D. Beatriz de Portugal, a filha do bispo de Evora, D. Affonso, nunca casou.

Seria ella a *Sempre noiva,* e daria por esse facto o nome á residencia, a que ficaria assim ligado um romance de amores infelizes? Ou esta designação nada terá com o celibato algo mysterioso da bella Beatriz?

O instincto poetico do povo, *o quid divinatorium* dos que sonham, tende a attribuir á fidalga habitação do ostentoso Bispo e de seus filhos uma lenda sentimental, e alguns prendem-n'a a um caso amoroso de D. Beatriz.

D'esta ideia pegou o mallogrado escriptor Augusto Filippe Simões, e sobre ella architectou um romance, que não concluiu.

E tambem essa hypothese não desagrada ao sr. Theophilo Braga, que admitte a historia como sendo passada com o hespanhol Gonçalo d'Ayola, como adeante referiremos.

O romance do erudito archeologo d'Evora ficou interrompido, porque no decurso das suas investigações topou decerto com datas

que, por fazerem resaltar um anachronismo, lhe abafaram a inspiração.

E o sr. Gabriel Pereira, o sabio compilador dos Estudos Eborenses, com uma data, a da instituição de vinculo, destruiu parte da lenda.

Poderá porventura a chronologia conciliar-se com essa lenda? Vejamos.

*

No ultimo quartel do seculo xv vivia, ora em Lisboa ora em Evora, n'esse tempo um centro de elegancias e de erudição, D. Affonso de Portugal, filho unico do Marquez de Valença, neto de D. João I, e herdeiro presumptivo da casa de Bragança, por ser o primogenito do primeiro Duque e de sua mulher D. Brites Pereira, filha do Condestavel.

O Marquez de Valença, que tivera este filho de D. Beatriz de Sousa, morreu em 1440 sem legitimar D. Affonso, razão porque não podia herdar o ducado de Bragança.

Mas tendo seu primo o Duque D. Fernando sido degollado na praça de Evora em 1483, entraram n'elle as pretensões a succeder na casa, e porventura no throno a que subiu mais tarde D. Manuel, filho da sua prima co-irmã D. Beatriz.

D. João II, que não via com bons olhos a

ambição do primo Affonso, cortou-lhe as azas obrigando-o a ordenar-se. Obedeceu. Mas como ao tempo da sua ordenação elle tinha dois filhos e uma filha a quem muito queria, estabeleceu-se em Evora (de cuja diocese foi nomeado Bispo) com a sua familia.

Era um bello typo de Principe da Egreja, e quasi Principe da Familia Real.

Conservava-se bem disposto, diz d'elle Filippe Simões, apesar dos seus sessenta annos.

Sómente a gotta, que então começava a apoquental-o, obrigava-o a firmar-se n'um bordão em fórma de T que se nota no seu retrato, ainda hoje existente no cabido d'Evora.

Era de estatura mais que mediana. Os olhos castanhos e rasgados traduziam energia e desassombro. Tinha os beiços vermelhos. E as mãos brancas e pequenas pareciam de mulher. Por ser de seu natural resoluto e livre, e por ser de maneiras cavalheirosas parecia, fóra da cathedral, mais um grande fidalgo do que um antistite sagrado. Dir-se-hia até que não queria parecer Bispo, senão no exercicio das suas funcções. Educado para militar, guardava, das tendencias da mocidade, a altivez do porte. E na sua cadeira de Prelado, com as vestes roçagan-

tes, a mitra deslumbrante cravejada de pedras preciosas, tinha, empunhando o baculo, mais o aspecto de um general, que segura a durindana gloriosa, que o de pastor de ovelhas apascentando com o seu cajado o rebanho.

Não era, contudo, um máu Bispo, e a sua actividade foi proveitosa para a diocese que geriu.

Senhor de vastos conhecimentos adquiridos na Universidade de Salamanca que frequentára, escreveu em latim: o *Tractatus peristilis de indulgentiis* — e o *Tractatus de numismate.*

Foi grande edificador, aliando, nos monumentos que erigiu, o gosto architectonico á piedosa intenção de fundador de conventos. O convento de Santa Catharina de religiosas dominicanas, o do Paraiso, e o das Maltezas são obras suas.

Mas como amador de arte e antiguidades, espirito culto e rico proprietario, a obra em que poz todo o seu amor, o seu engenho, as suas aptidões, foi nas construcções com que enriqueceu e ampliou esta propriedade nos suburbios de Evora.

Augmentou-a com o pavimento principal, adornou a fachada do andar nobre com as lindas janellas geminadas que ainda hoje alli

se vêem recordar os esplendores quatrocentistas; poz-lhe no alto da escada a airosa varanda, ou eirado, em parte coberta com o alpendre sobre columnas de marmore; guarneceu as salas com altos roda-pés de azulejos verdes e brancos; forrou as paredes com preciosas tapeçarias; prodigalisou por todo o edificio objectos de arte, antiguidades, estatuas romanas (de que posteriormente teem apparecido vestigios por aquelles sitios); ladrilhou os pavimentos; adornou de caixotões os altos tectos dos salões e recamaras, e abriu sobre a bella capella ogival, encostada á antiga torre, uma tribuna onde elle, rodeiado de seus filhos, assistia á missa.

Era essa missa um espectaculo pittoresco e *sui generis*.

No corpo da capella, cuja porta deitava para os campos, agglomerava-se o povo que accorria devoto a assistir ao officio divino, e respeitosamente curioso a aproveitar a occasião, que lhe era assim proporcionada, de vêr o Bispo, os seus filhos, os familiares, as dignidades ecclesiasticas, e a sua numerosa creadagem, entre a qual se contavam, além de muitos officiaes d'essa quasi côrte, alguns engenhosos homem de lettras, que deixaram de si memoria.

Foi um d'elles Gregorio Affonso, de quem

ficou no *Cancioneiro geral* uma glosa a este mote:

Quantos mas males poreo
tanto mas vuestro me ves

e tambem uns *Arrenegos,* fórma satyrica de versejar, paremia rimada, muito usada n'esse tempo, da qual o proprio Gil Vicente algumas vezes lançou mão, e da qual usou tambem Ribeiro Chiado nos *Avisos para guardar.*

N'estes *Arrenegos* que *fez Gregorio Affonso creado do Bispo d'Evora* póde encontrar, quem os quizer esmiuçar com attenção, alguns indicios para esboçar o retrato d'esse interessante domestico do poderoso Bispo. Apesar da natural sujeição a que o obrigava o seu estado, não poupava remoques os quaes, embora lançados sem individualisar, attingiam com o seu *franc parler* e por vezes desenvolta linguagem, alguns dos que lhe estavam superiores, e muitos dos vicios do seu tempo. Arrenego, diz elle:

Arrenego dos pastores
que não olham por seu gado
arrenego do gram estado
e a renda quasi nada,
arrenego da pousada
em que ha muito pouca roupa
renego tambem da pouca
devoção que vejo aqui,
renego que nunca li
boas coplas portuguezas.

Renego da gram desordem
que ha nos ecclesiasticos,
arrenego dos phantasticos
e dos fracos regedores.
....

Em outros trechos apontando ridiculos e fraquezas diz elle:

Renego das mui mundanas
depois que já são dos trinta

renego da que se enfeita
tendo o marido cego
arrenego do velhaco
e do peco cortezão
renego do homem vão
e dos mui presuntuosos,
renego dos preguiçosos
e dos cheios de perfumes
renego dos mil costumes...

Estes *Arrenegos* correram impressos talvez ainda em vida do auctor, mas em todo o caso tiveram nomeiada, e entraram no Cancioneiro de Garcia de Resende. Isto revella o gráu de intellectualidade nos creados de D. Affonso, dos quaes outro mais notavel ainda foi Affonso Alvarez, o auctor dos *Autos,* o competidor e emulo de Ribeiro Chiado.

Este Affonso Alvarez, mulato, que ao depois veiu a ser mestre de ler e escrever em

Lisboa, foi, no dizer de Barbosa Machado, um dos mais estimados creados do Bispo de Evora. Se não possuiu o alto engenho de Gil Vicente, assemelha-se-lhe por vezes na fórma, e soube prender nos seus *Autos* o interesse do povo, que ainda ha pouco ouvia representar com agrado, nas granjas e pateos, algumas das suas obras. Da sua contenda poetica com o Chiado tirou o sr. Alberto Pimentel alguns dados para a biographia do depois celebre comediographo, apurando que elle exercêra em Arronches funcções mais humildes que as de creado do Bispo, visto que fôra quasi escravo d'um tal Sequeira; que casára com a filha d'um albardeiro chamado Pedro Rombo; e que, rufião em Lisboa, vivia á custa das regateiras e rameiras da rua de S. Julião.

Pouco se conhece mais da sua vida. Na épocha, porém, a que nos referimos, fazia elle parte da ostentosa côrte de D. Affonso de Portugal que, na sua tribuna do solar a par de Evora, assistia á missa rodeiado de seus filhos.

Eram elles trez.

O primogenito D. Francisco de Portugal foi mais tarde o celebre conde de Vimioso, figura primacial na sua épocha, poeta palaciano, militar combatente e victorioso em Afri-

ca, vedor de Fazenda, e que, por suas qualidades de caracter, e intelligencia conceituosa, foi denominado o *Catão portuguez.*

O segundo era D. Martinho de Portugal que foi depois, em tempos de João III, bispo de Vizeu, embaixador em Roma, Prior do Mosteiro de S. Jorge, junto de Coimbra, arcebispo do Funchal, primaz das Indias, etc.

E a terceira que se entrevia mais adeante no canto da tribuna, curvada no genuflexorio, tendo os cabellos loiros escondidos no véo, era D. Beatriz, a gentil filha do Bispo, que nunca veiu a casar, e que por isso o romancista fez heroina do episodio que teria dado ao palacio, em que ella vivia, que possuiu, e que legou a seu sobrinho, o nome de *Sempre noiva.*

Conjecturou o erudito escriptor que o Bispo D. Affonso, impulsionado por suggestões de El-Rei D. Manoel, prometteu sua filha em casamento a um hespanhol parente do inquisidor D. Diogo Deza, e que viera para Portugal na comitiva da Rainha D. Maria.

D'elle diz Gil Vicente: «andava então na côrte um Gonçalo d'Ayola, castelhano muito fallador, e medrava muito.»

Suppõe o romancista que, n'uma caçada realisada nos campos d'Evora, um toiro atacára a loira Beatriz, que o noivo castelhano

possuido de medo não a defendera, e que, sahindo da espessura d'um arvoredo proximo, um desconhecido, corajoso, arrojado e valente salvára a linda rapariga que (facil é de suppôr) se apaixonára pelo seu mysterioso salvador. Era elle Martim Lourenço, um excentrico, que por sua indole extravagante e condição social não podia aspirar á mão da que tão superior estava em gerarchia.

O romance pára aqui. Mas não é difficil architectar o drama sentimental da nobre heroina que, repugnando-lhe ligar a existencia ao castelhano pouco sympathico, e não podendo casar-se com o apaixonado Martim Lourenço, se votára a um eterno celibato.

Porque interrompeu abruptamente a sua narrativa o distincto archeologo?

Por um escrupulo de erudito que lhe não permittia, nem n'um romance, a sombra de um erro de chronologia.

Consultando provavelmente os manuscriptos referentes á casa de Vimioso, manuscriptos que hoje se encontram na Bibliotheca Publica, onde os vimos e compulsámos na collecção pombalina, e verificando no tomo 196, pag. 1 v., a instituição do vinculo de D. Beatriz ao Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, a 15 de junho de 1531, conven-

ceu-se de que á data em que elle fixára o episodio esta propriedade já se chamaria a *Sempre noiva.*

Effectivamente na Instituição do Morgado lê-se: «*Item* á sua quinta da Sempre noiva que está no termo da cidade de Evora que parte de uma parte com a torre do Dajão herdade do Cabido, e da outra com a herdade que chamam pedra da missa», etc....

Podiamos ainda aventar, em abono da possibilidade do romance e da origem da denominação referida ao celibato de D. Beatriz, a hypothese de ser ella propria quem, traduzindo um estado d'alma, e manifestando uma resolução, um voto de castidade, baptisasse no proprio documento official a propriedade, que depois ficou a seu sobrinho com a denominação de *Sempre noiva,* querendo registrar assim o designio de não casar.

A este tempo já ella não era nova, pois nascêra bastantes annos antes de 1485, data da ordenação de seu pae, e já podia ter tomado a resolução de ficar solteira até á sua morte, que veiu a succeder em 1535. E chamando á sua propriedade a *Sempre noiva* dar-lhe-hia um titulo, de que ella propria se ufanava, e que teria assim uma significação, como a teem os de algumas propriedades e povoações do paiz — *A Bem Canta* — *a Lin-*

da-a-Pastora — *a Linda-a-Velha* — *a Boa Viagem* — a quinta da *Condestablessa*, que foi depois quinta do *Bacalhão*, e por ultimo da *Bacalhôa*, desde a administração de D. Francisca de Noronha. Esta senhora, que deu á propriedade a mais recente appellidação, poderia no seu testamento designar esta quinta pelo nome de *Bacalhôa*, com que pela sua administração fôra baptisada.

Suppondo, porém, que não fosse a linda Beatriz que deu o nome de *Sempre noiva* a esta propriedade, porque lhe veiu elle assim envolto na poesia do mysterio?

Talvez anterior ao seculo XVI, n'esse palacio se tivesse dado já algum episodio, que originasse aquella denominação. Effectivamente n'essa edificação pela qual se apaixonou o architecto allemão Haupt que, na sua obra ácerca da Renascença em Portugal, a descreve largamente, e até apresenta a idéa de uma restauração (tão grande encanto lhe acha pela sinceridade com que o monumento revela a sua evolução architectonica desde a torre da edade média até ao solar quinhentista), esse edificio pela sua antiguidade pode porventura ter abrigado a desolada sentimentalidade d'uma outra *Sempre noiva*, cuja existencia é bem plausivel no nosso romantico Portugal medievo tão fertil em dramas ou

tragedias que enchem os nobiliarios e as chronicas.

Para explicar o nome do solar alentejano dá alguem noticia d'uma aldêa, que em tempo remoto existiria n'aquella localidade com a designação de *Sempre noiva*. E o povo insensivelmente teria transformado este nome, romantisando-o.

Por seu lado o sr. Gabriel Pereira diz que *Sempre noiva* é um nome d'uma planta rustica da familia das polygomeas, chamada pelos latinos *Centinodia* e que um philologo de muita auctoridade diz que *Sempre noiva* pode ser corrupção popular d'esse nome latino. Accrescenta mais que esta planta, conhecida por *Sanguinha* e *Sempre viva*, abunda por aquelles sitios.

Que devemos pensar?

Que é sempre bom que haja poetas que sonhem e nos façam sonhar. E que é bom que haja sabios e eruditos que nos façam aprender.

Retrospectos

O S. João Nepomuceno da ponte de Alcantara

Colossal, em pedra, inclinando sobre o braço esquerdo um crucifixo para o qual olha com devoção, erguia-se sobre a ponte que atravessava o rio de Alcantara, n'um camarim rodeado de grades e ainda até ha poucos annos alumiado á noite por uma lanterna bruxuleante, o S. João Nepomuceno, que foi d'ali arrancado para ir figurar no Museu do Carmo.

Não deixou saudades o lobrego caneiro por onde escorria um regato negro e mal cheiroso, que percorrendo o valle de Alcantara aos pés do cemiterio, parecia arrastar comsigo todas as podridões da cidade dos mortos. Ninguem lamenta a ausencia dos guardas fiscaes que ás portas obrigavam a parar todas as carruagens, abrindo a portinhola, pela qual introduziam um focinho pouco agradavel, uma lanterna indiscreta, e uma corrente de nordeste gelado, que ainda arripia a memoria. Vão desapparecendo as guar-

das da antiga ponte, cahindo os muros da circumvalação, nivelando-se os terrenos, arredondando-se uma larga praça publica, sem que toda essa transformação nos traga ao espirito o confrangimento que deixa sempre a condemnação das velharias, vestigios das épochas que na historia nos interessam, testemunhas d'um passado cuja reconstituição é um problema attrahente.

Mas o S. João Nepomuceno, que não era uma reliquia archeologica, que não assistira mesmo do alto da sua tribuna nem á peleja travada a 5 de agosto de 1580 pelos 4:000 homens de D. Antonio Prior do Crato contra 22:000 do general hespanhol Duque de Alba, nem ás caçadas pittorescas em que os nebris e falcoeiros dos Reis da segunda dynastia atroavam com os seus gritos o valle que se estende até Campolide, o S. João, posto que de data bastante recente em relação á construcção da ponte arabe (al-kantara) que deu o nome ao sitio, faz muita falta alli.

Todos nos costumámos a vel-o olhar benevolamente a multidão que formigava pela ponte. Mulheres das fabricas de tecidos chinelando pela lama com os chales em bico a arrastar; marujos que desciam do quartel da praça d'armas e se espalhavam á noitinha pelos cafés; fadistas guitarrando canções do-

lentes pelas claras noites de verão; regimentos passando marciaes com o retinir metallico dos pratos para render a guarda ás dez da manhã no paço da Ajuda; tipoias de batedores celebres conduzindo *nas horas de estalar* pelas noites quentes de setembro a *caxeirada fina da Baixa* e hespanholas de mantilha negra, ou com chapeus extravagantes, em pandegas monumentaes para o Dá-fundo e feira de Belem; lavadeiras de Barcarena, Linda-a-Pastora, e Laveiras, dormitando sentadas sobre as cargas de roupa que ajoujavam os burros lazarentos; carruagens de ministros correndo ás quintas feiras para a assignatura; luzidos cortejos de casamentos e baptisados de Principes, estendendo lentamente pela calçada do Livramento os grandes côches balouçados, precedidos pelas fardas vermelhas dos batedores, rodeados pelos estribeiros, e capitães das guardas reaes cujos cavallos faziam tremer festivas as plumas elegantes dos cocares, dando por momentos á rua um aspecto de quadro do seculo XVIII; tudo passava aos pés de S. João Nepomuceno. E muito mais viu elle! Os combates de maio e junho de 1809 contra os francezes em que tanto se distinguiu a Leal Legião Lusitana foram dados junto ao Santo, que os poderia contar.

Por elle passou a multidão curiosa, que a 2 de dezembro de 1811, se dirigiu ás praias da torre de Belem e da torre Velha, para vêr a passagem do Tejo pelo *Homem das Botas,* que pelas esquinas de Lisboa tinha sido annunciada na antevespera; e á tardinha ouviu as pragas dos que voltavam jurando vingar-se dos devotos do Santo Milagre, que para mais commodamente transportarem a reliquia n'uma falua para Santarem, tinham inventado aquelle logro em que uma cidade inteira cahiu.

Ouviu os gritos da gentalha que do alto da Pampulha vinha arrastando o cadaver de Agostinho José Freire, e viu passar Passos Manoel, o *Rei de Lisboa,* na manhã da *Belemsada.*

Um dia, ha poucos annos, o Santo de pedra em cujo pedestal se lê, em latim: «A S. João Nepomuceno, novo Thaumaturgo do mundo, dominador da terra, do fogo, da agua, e do ar, e sobretudo aplacador dos mares...», sentiu que o rio de Alcantara pelo valle acima estava sendo abobadado por uma legião de operarios.

Pouco depois uma locomotiva assobiou-lhe pelas costas como um melro gaiato, e o Santo começou a ver os *americanos* despejarem alli ao lado carregações de gente apressada com

medo de perder o comboio. Mais tarde o caneiro em frente foi-se cobrindo, as guardas da ponte cahiram, e em volta do Santo ergueram-se quatro grossos barrotes, destinados a suspenderem-n'o sobre a zorra que o havia de levantar.

Estava condemnado!

Hoje a bella estatua do esculptor João Atonio de Padua, ou antes do seu ajudante e desbastador Pedro Antonio Luques, posta alli por um devoto em 1743, foi-se para o Museu do Carmo, onde não é o seu logar.

O S. João Nepomuceno que sobre a ponte, ou mesmo no centro da nova praça, se destacava bello, e adornava com a sua magestosa elegancia aquelle recinto, vae ter sob as arcarias gothicas das ruinas do templo de Nuno Alvares Pereira uma existencia secundaria, uma situação de intruso, da qual não o podem tirar nem extraordinarios merecimentos artisticos, nem significação archeologica, nem recordações historicas que lhe faltam.

Talvez que o seu pedestal esteja esperando a estatua de algum conselheiro, cujo nome já não pudesse ser dado a nenhuma das ruas de Lisboa.

Logar para gente nova!

Les dieux s'en vont!

Portugal nos Mares [1]

Meu caro Oliveira Martins. — Foi tão recheiada a ultima semana em Lisboa, que eu olhava cada dia para a capa azul do seu livro e para as paginas virginalmente intactas como tinham chegado do Bertrand, com a gulodice de quem guarda um covilhete de doce fino para a hora tranquilla em que é possivel aprecial-o sem interrupções obrigadas, sem perturbações de qualquer especie, mas para quem essa hora vae já tardando. Venci a tentação, e conservei-o assim oito dias, para não o desperdiçar pelo adeantado da noite, ao deitar, intoxicado pelo somno, quando a leitura, ainda do mais bello livro, nos dá apenas a sensação dos objectos esfumados no horisonte pelos longos crepusculos do verão.

---

(1) Publicado a 26 de maio de 1899, quando appareceu o livro de Oliveira Martins, intitulado: *Portugal nos Mares*.

Uma manhã peguei n'elle e parti.

Li-lhe o prologo atravessando o Tejo.

Dizia-me ha tempo o visconde de Castilho que na sua viagem para Zanzibar levára comsigo os *Lusiadas*, e achára uma delicia nova ler durante a derrota muitas das suas passagens *sur place*.

Assim eu, nas aguas do longo estuario que ha trez seculos ainda se coalhava de náus estrangeiras, que a Lisboa vinham commerciar, e dos nossos galeões, de carracas, de bastardas e fustas que voltavam de Africa e dos mares da India, pude cerrar os ouvidos aos rumores proximos, e evocar esse monstro «que sorveu a vontade d'um povo e que tem um pé fincado em Cintra até ao Cabo da Roca, e outro na Arrabida ao Espichel, formando o arco triumphal por onde entra no Tejo a multidão das frotas abarrotadas d'ouro».

E toda a intensa poesia do seu estylo por vezes d'uma nebulosidade prophetica, mas sempre penetrante e deixando um sulco indelevel, invadiu-me. E se todo o seu pessimismo tão superiormente suggestivo porventura salutarmente fecundo, me confrangeu como o diagnostico aterrador ácerca da saude d'um ente querido, impoz-se-me como o unico meio de fazer sentir a muito portuguez mo-

derno essa coisa tão esquecida — a Patria, e de gelar-lhe nos labios o sorriso de desdem que essa palavra faz nascer.

Lendo todo o *Portugal nos Mares* sente-se...

Antes de tudo, duas observações.

Não sou critico, e estou lendo as ultimas paginas do seu livro longe de todo o apparelho de erudição necessario para commentar os sabios capitulos que o formam.

Apenas deante da minha janella se estende a paysagem rica d'este canto do Alemtejo, tão pittoresco, onde todos os verdes n'uma escala infinita de cambiantes cantam um hymno sonoro, desde o claro tapete dos trigaes no primeiro plano, até ao fundo negro e poeirento das oliveiras, subindo a encosta d'além que fecha o horisonte. Na estrada caminham duas carretas puchadas por mulas que se encostam teimosas uma á outra. As cordas que as guiam escondem-se no tampo da carreta, bahu alcatroado que abriga o conductor invisivel. As raparigas da sacha passam alegres, em bandos, com os seus lenços vermelhos, saias amarellas, e os largos chapeus negros, mordidos na aba pela borla garrida. Aqui perto, sobre os ultimos ramos d'um esguio choupo que emerge d'entre os buxos tosquiados do jardim, no alto, bem no

alto, um amplo ninho de cegonhas que n'este momento iniciam os filhos na vida e lhes dão as primeiras noções do universo. Aquellas aves mysteriosas, d'uma melancholia sonhadora, divinisadas pelo respeito superesticioso dos povos orientaes, que no outomno andavam por aqui pensativas, entristecendo o campo, estão agora joviaes, castanholam com os compridos bicos, matraqueiam ruidosas, levantam vôos phantasticos deixando pender as pernas, debruçam para traz os pescoços flexiveis como em saudações ao sol que se espalha, fecundante em toda essa extensão e cahe sobre o escuro dos loureiros, onde logo á noite, já tarde, os rouxinoes hão de cantar. Pela janella entra o aroma balsamico das estevas do monte, e o cheiro fresco dos fenos cortados.

Já vê que tendo deante dos meus olhos em vez do promontorio de Sagres, do extenso oceano que arrastava os portuguezes á navegação movidos pelo murmurio das sereias cantando na vaga espumosa que se parte contra as rochas da Arrabida e de Cintra, dançando da areia loira ao sopro do vento, tendo deante de mim em vez dos caes e das praias em que d'antes se ouvia o ruido dos martellos e o golpe dos machados dos carpinteiros e calafates da Ribeira das Náos,

em vez de tudo o que inspirou o *Portugal nos Mares*, só o campo, este torrão tão fertil em plena primavera, e, escondendo até por detraz d'aquellas arvores, biombo verde que me pára a vista, essa Serra d'Ossa, aqui tão visinha, onde os heroes buscavam em Deus a consolação das amarguras do mundo com sete varas de panno e as contas de bogalho, não estou em condições azadas para fallar do seu livro.

Custa-me, porém, contribuir para o quasi silencio com que infelizmente entre nós são recebidas as obras, que por sua natureza não provocam uma polemica apaixonada de descomposturas fuzilantes. Submergem-se como um diamante cahido n'um lago coalhado de limos, sem que nem mesmo a agua se encrespe em curvas concentricas.

Não o prejudica isso, bem sei, porque os seus livros são apreciados e lidos com avidez, succedem-se as edições dos 26 volumes das suas obras, e a sua personalidade scientifica e litteraria está já agora affirmada na consciencia publica e na opinião dos que estudam. Não é pois na intenção de annunciar o seu livro que escrevo; é só para lhe agradecer as horas boas durante as quaes elle me acompanhou.

Já lhe conhecia alguns capitulos, foram ou-

tros novos para mim. A unidade, porém, que o titulo e o prologo lhe deram, como um fio de seda que atravessando algumas perolas desgarradas as transforma em collar, accrescentou um novo encanto a cada uma d'essas estrophes. Apezar das estatisticas e dos numeros, deixe-me que lhes chame assim.

Porque o Oliveira Martins sendo na verdadeira acepção da palavra o historiador moderno, tem no seu talento as duas feições que o caracterisam. É philosopho e por isso tem a faculdade das generalisações, de considerar os factos, ás vezes em apparencias insignificantes, como elementos de synthese. E' poeta, e tem o poder de encontrar a alma das coisas, de fazer vibrar a nota intima, de evocar vivas as grandes figuras historicas, de caracterisar os periodos notaveis, de colorir os quadros que symbolisam uma epocha, e de encontrar os traços, que completam uma personalidade. Tem tambem do poeta a paixão com que exalça os heroes e canta as epopéas nacionaes, mas que ás vezes o exalta inspirando-lhe as terriveis execuções crueis, quando não injustas.

Obrigado pelo dever profissional a dissecar pacientemente uma a uma as fibras do corpo social portuguez, é tal a sua amargura por o vêr sem forças, cançado e exhausto o seu

organismo pelas sublimes estroinices da mocidade, gasta nas aventuras do descobrimento e conquista de todo um mundo, que no fim de muitos capitulos em que d'elle falla sôa melancholicamente o dobre funebre que annuncia as exequias d'uma raça, e accode ao espirito desolado a ideia da irreparavel desgraça, da ruina sem remedio, do naufragio ultimo da nação.

Mas o sopro do genio que atravessa muitas d'essas paginas, lembra que o povo que as inspirava deve ter ainda em si os elementos essenciaes d'uma individualidade poderosa. Falta-lhe, é certo, ou está latente a faculdade necessaria para caminhar na vida, a rija mola d'aço, o saber querer. Assim como, porém, a medicina moderna applica aos individuos a flôr do *strophantus* que tem a mysteriosa virtude de dar aos doentes da vontade, tão frequentes na nossa civilisação decadente, a energia moral, hão-de porventura acharse na pharmacopêa da sociologia as drogas necessarias para renovar o sangue portuguez.

E nos seus proprios livros e nos seus proprios escriptos o Oliveira Martins as aponta. N'este, tratando do nosso commercio maritimo, e fazendo fallar ao velho Fernão Lopes a linguagem da moderna economia social, indica que as nações que entendem justo e util

fomentar os progressos da sua marinha, ainda hoje põem em pratica as disposições sabias do ultimo monarcha da primeira dynastia, registradas pelo nosso chronista. Entre outras dá á conferencia que compõe o capitulo I as seguintes conclusões:

1.ª Para a vitalidade de um povo geographicamente localisado como o portuguez, a marinha mercante é um instrumento indispensavel.

2.ª Dado o estado de ruina quasi total a que a portugueza chegou, só medidas energicas de protecção a poderão restaurar.

3.ª O typo d'essas medidas está na legislação do rei D. Fernando acommodada ás ideias e usos do seculo, tal como, mais ou menos, reproduzem as disposições proteccionistas das nações maritimas, etc.

No ultimo capitulo intitulado «As pescarias nacionaes», um dos assumptos que mais importa a Portugal, pois essa industria lhe póde dar além do pessoal indispensavel a uma marinha, que é urgente restaurar, a barateza e abundancia de viveres, e remuneradora materia de exportação, são apontados com dedo certeiro os erros que causaram a decadencia da pesca nas nossas costas, e do nosso commercio de peixe; são lembradas algumas providencias tendentes a aproveitar o mar, esse

thesouro que a Providencia nos deu, a proteger os pescadores que ainda o povôam, e de que ha tanto a esperar.

Um dos factos mais curiosos apresentados n'esse capitulo, facto tão pouco conhecido da maioria dos portuguezes, e d'um tão grande alcance para o destino d'aquella industria é o que se encontra nos periodos seguintes: «A grande navegação, porém, arruinando as pescarias da costa portugueza, levou-nos a explorar os mares do norte, onde achamos o bacalhau. A empreza dos Côrte-Reaes, iniciada n'um ponto de vista de descoberta geographica, trouxe comsigo o estabelecimento d'essa pesca d'onde tambem fomos expulsos, ficando-nos em triste compensação o habito de comermos bacalhau de preferencia ao peixe das nossas costas — e de o comermos estrangeiro, desde que deixou de o haver nacional.»

De facto a importação do bacalhau inglez, avaliada em 1672 contos de réis annuaes, é um triste habito perfeitamente evitavel, pois o bacalhau não é um alimento insubstituivel para o pobre — temos peixe salgado, — nem um objecto de luxo, pois ninguem o serve á meza por ostentação.

N'esse capitulo é ainda indicado um ponto de interesse puramente historico, mas que se

prende intimamente com o desenvolvimento passado d'aquella industria em Portugal: refiro-me á prioridade do descobrimento da Terra Nova ou do Bacalhau.

Acceitando a sua affirmação de não ter sido João Vaz Côrte Real o primeiro descobridor em 1463, e embora tenha sido Cabotto no verão de 1496, segundo informa Ramusio, o certo é que da viagem do segundo Côrte Real, abrindo caminho para a India pelos gelos do polo arctico, é que resulta a utilidade do descobrimento, o direito de possessão. Não foi o portuguez o primeiro a vêr, e seria o Cabotto que apenas lá passou sem desembarcar? Mas o que importa o verdadeiro descobrimento é a revelação ao mundo e o seu aproveitamento, pois d'outro modo haveriamos talvez de attribuir a prioridade ás tribus escandinavas que ali se estabeleceram segundo contam as antigas chronicas da Groelandia e da Islandia.

Outra lenda portugueza destroe o seu livro, ou pelo menos para isso contribue: a de Godinho de Eredia, o descobridor encartado da terra d'Oro.

Ahi não só não nos apossámos, como parece que nem mesmo lá chegámos, áquella Australia, miragem seductora dos sonhos de tantos, que vinha na lenda como a terra dos

montes reluzentes d'ouro onde o sol se reflectia.

Se, porém, o seu estudo desfaz a illusão do descobrimento, que o mappa publicado por Major acalentava, não amesquinha a memoria do mestiço filho de Elena, princeza de Supa. Antes o exalta discutindo as suas obras e «não se discute senão aquillo que se aprecia».

Mais uma vez, com este caso, póde responder aos que o accusam de menoscabar as glorias patrias. «Rende-lhes maior e melhor culto estudando-as ou discutindo-as do que todos os que indolentemente preferem limitar-se á preguiça de as aclamar.»

A prova está no modo como até certo ponto explica a acção tão censurada de Fernão de Magalhães em offerecer os seus serviços a Carlos V, que lhe mereceu o celebre verso de Camões.

"Portuguez no feito, mas não na lealdade,,.

A empreza, segundo o plano d'elle, só podia fazer-se por meio do castelhano, conforme as sentenças papaes da divisão do globo. E não podendo ser portugueza, o despeito que o levou a expatriar-se, póde ter explicação dado o caracter do transmontano affirmativo e duro, sem que a isso se chame odiosa-

mente uma deserção, e ao heroe um renegado. Com a força tornada em teima, que é a sua faculdade principal, não cede a convites depois de ter abandonado a patria por um capricho, mas é bom e generoso nos dias tristes de anciedade afflicta, quando n'uma bahia perdida da America remota, no silencio sinistro do mar virgem, tem de abafar a tiro uma revolta dos seus.

Todo este capitulo, e o que falla no Roteiro da India, commentado por Andrade Corvo, são cantos d'uma epopéa, como são paginas das mais interessantes da nossa historia os orçamentos, estatisticas e observações scientificas dos capitulos I e V.

Para que o seu livro cumpra inteiramente a promessa do titulo, faltam-me n'elle, a escola de Sagres, o Infante D. Henrique, e toda a pleiade dos que desvendaram as sombras do mar tenebroso.

Em parte está isto feito, bem o sei, na sua Historia de Portugal.

E o Infante D. Henrique, que desde a obra de Major espera um monumento nacional, tel-o-ha finalmente, em continuação do pedestal de marmore sobre que ha pouco o levantou Antonio Candido, quando o Oliveira Martins tiver escripto esse livro tão digno da sua penna — *Os filhos de D. João I.*

Uma novena em N.ª S.ª da Pena em 1493

Estava El-Rei D. João II em Torres Vedras, no anno de 1493, quando adoeceu gravemente.

Pouco antes recebêra em audiencia solemne aquelle fidalgo francez a quem o chronista chama «Monseor de Leão» e diz ser pessoa «mui principal e de gran maneira».

Trazia elle comsigo um pomposo estado de gentis-homens. E até cozinheiros e cantores de capella trazia, não fallando nas trezentas lanças que vinha offerecer para a guerra de Africa, sem que a isso nada o obrigasse, senão o espirito de aventura, e o prestigio do nome de D. João II.

Fez-lhe El-Rei festivo recebimento e deulhe o titulo de Conde de Gaza, ou Guazava, com que o francez se despediu contente.

Pela mesma fórma recebeu o Embaixador de Napoles que, além dos presentes valiosos que trazia do seu Rei, deliciou a côrte nos serões que então houve, não só no Paço como

nas casas que frequentou, com a sua arte em tocar cravo e orgão.

Foi um verão alegre na Côrte.

O fidalgo francez mandava evolucionar nas ruas e praças da villa os homens de armas, celebrava com os seus capellães e cantores festividades sacras na capella real, e enchia as salas com a elegancia dos seus pagens espirituosos e ladinos.

O napolitano, bello homem, de grande estatura, e peregrinos dotes de perfeito cortezão, fazia vibrar na espineta e no manicordio as melodias suaves das musicas do seu paiz, que iam acariciar a imaginação das cuvilheiras e Damas da Rainha, ao passo que fazia gemer o orgão e perturbava as almas femininas na execução dos canticos sagrados. D. João ouvia-o attento e fazia notar ao seu moço da escrevaninha, Garcia de Resende, grande tocador de guitarra (que ia em trez annos tinha ao seu serviço), o effeito dos accordes, que o dextro musico italiano tirava dos seus instrumentos. E o Rei que, na sua mocidade, fôra «singular dançador em todas las danças», deixava a phantasia pairar em recordações felizes, abafando assim as dôres que, desde o envenenamento da Fonte Coberta, lhe roiam o corpo, e dissipando as preoccupações em que a governação do Reino

trazia o seu animo. Já de ha muito a «menencoria» lhe assombrava a fronte que fôra tão bella, e já nos cabellos da cabeça e da barba começavam a apparecer as cãs. Já de ha muito no seu espirito se repetiam visões, como a d'uma noite, em Santarem, dez annos antes, quando fôra acordado com pancadas que batiam na porta da camara, onde dormia com a Rainha. Despertado, perguntou quem batia. E como ninguem lhe respondesse, ouvindo de novo bater, embrulhou-se n'um roupão, tomou d'uma espada e d'uma adarga, e segurando uma tocha seguiu pelos corredores e desvãos do Paço, em perseguição do ente imaginario que lhe fugia na frente.

O chronista conta esta anecdota como prova do valor de El-Rei. Era elle, certamente, destemido e intrepido. Provára-o bem em Arzila e Toro. Demonstra tambem a sua audacia esta corrida phantastica atravez das trevas dos Paços de Santarem, em seguimento d'um espectro que a sua imaginação creára, mas de cuja realidade não duvidava.

Este caso, porém, revela-nos além do seu valor e audacia, um aspecto frisante da complicada psychologia do Principe Perfeito. Justiceiro na intenção de promover o bem do Estado, cuja administração antepunha a todas

as considerações, e no talante de bem governar, que herdára de seu bisavô D. João I, este Rei que atravessára de cabeça erguida o emaranhado trama das conspirações, que fez rematar com o supplicio do Duque de Bragança, com a execução em effigie do Marquez de Montemór, e mais tarde com a tragedia de Setubal, sentia no espirito ao mesmo tempo o tumultuar dos impulsos de vingança, e os pavores d'uma consciencia profundamente imbuida de crenças religiosas. E o furor com que na noite dos Paços de Santarem atacava o phantasma, que o acordava a meio do somno, revela a ancia de exterminar um remorso. Não o remorso que significa o «morder» do arrependimento; mas o terror da alma, suspeitosa da sua equidade no cumprimento da pesada missão de justiça.

Duas personalidades traduzem bem as faces do caracter d'este monarcha — Antão de Faria, o machiavelico executor dos seus designios politicos; Frei João, o obscuro confessor, refugio seguro da sua consciencia atormentada.

Rei forte «no officio de reinar» preoccupava-o sempre o julgamento dos seus actos no tribunal divino. Instrumento vibrante de religiosidade, a sua indole revela-se em muitos casos como o da mysteriosa boceta onde o

Bispo encontrou, depois da sua morte, em vez dos venenos, que todos julgavam destinados a inimigos, os cilicios com que se mortificava. São ainda uma manifestação do seu fervor religioso as continuas praticas religiosas, entre as quaes o cumprimento d'esta promessa: uma novena em Nossa Senhora da Pena.

No anno de 1493, depois de successivos ataques em que a sua saude ia naufragando, cahiu gravemente doente, e fez a promessa de ir a pé desde Torres Vedras, onde estava, ao mosteiro de Santo Antonio da Castanheira da ordem de S. Francisco. Organisou elle proprio a piedosa romaria na qual se fez acompanhar de muitos fidalgos e pessoas da Côrte. Partiu n'um dia pela manhã, indo jantar a uma quinta distante e pernoitar n'uma aldeia que se chama Aldegavinha. No seguinte dia foi dormir a Cachoeiras, e no terceiro, sempre a pé, chegou ao mosteiro, onde ouviu missa com muita devoção e distribuiu esmolas. Montou ahi a cavallo, e dirigindo-se a Santa Catharina da Carnota, e a São Francisco de Alemquer, encaminhou-se para Cintra.

O outono começava a melancholisar a payzagem. O cortejo que o acompanhava tinha um aspecto grave, bem diverso da galhofeira

alegria d'outras viagens, em que a Côrte, transportando-se de Abrantes para Santarem, ou d'alli para Setubal, caminhava em numerosa comitiva, com o Rei, a Rainha e o Principe á frente, e outras nobres gentes «pelas lezirias, a monte e a caça com muitos banquetes, prazeres e festas».

El-Rei agora ia alquebrado e severo. Elle que fôra tão bom cavalgador de gineta e de brida, tão dextro, tão braceiro e forçoso que cortava com um golpe de espada trez ou quatro tochas juntas, que fôra tão guapo manejador de lanças em justas e torneios, deixava n'esta jornada caminhar o cavallo quasi ao abandono, com o desalento de quem sente o corpo minado pela peçonha, que róe o organismo, e o espirito envenenado pelas hostilidades dos que o rodeiavam. Engordára. O seu corpo, d'antes tão garboso, tomára o aspecto pesado do hydropico, e os olhos com aquellas veias de sangue que o faziam tão temido, alongavam a vista pela serra de Cintra de que se ia approximando, e com piedade os alçava pelos penhascos e rochedos até á ermidinha da Pena, junto da qual elle e a Rainha tinham resolvido completar a promessa feita durante o perigo da doença.

A Rainha D. Leonor, que sahira de Torres

Vedras, quando El-Rei partira para a romaria, esperava-o no Paço de Cintra rodeada das suas Damas. Juntos subiram a rude encosta.

Era o dia 30 de setembro. As arvores do Arrabalde começavam a despir-se das folhas. O sol amarellado do outono doirava os penedos. Os sinos das freguezias de S. Miguel e de Santa Maria tocavam monotonamente. E os frades do convento da Trindade saudavam na passagem a cavalgada, que pelos caminhos ia trepando devagar, cançadamente.

A ermida da Pena, que lá no alto se avistava, não era ainda o pittoresco mosteiro que, annos depois, El-Rei D. Manoel fundou para dezoito frades Jeronymos de Penha Longa. Nem o palacio acastellado de que El-Rei D. Fernando II modernamente fez residencia régia.

Era uma pequena e rude edificação de alvenaria, tendo junto a si a torre quadrada.

Assente sobre as rochas escarpadas onde a tradição diz ter sido encontrada a imagem que ali se venerava, com o titulo de Nossa Senhora da Penha, essa capellinha coroava com elegante simplicidade a serra.

A poesia da lenda envolvia-a n'um nimbo

ligeiro como os nevoeiros que se cardavam entre os rochedos; e as almas crentes, tocadas de devoção pela milagrosa imagem, sentindo-se pela selvatica solidão, e pela altura do logar, mais perto de Deus, traziam ao altar da Senhora as suas preces, e o cumprimento das suas promessas.

Alli iam dizer missa todos os sabbados os priores da Egreja de Santa Maria. Eram estes priores, e os de S. Miguel, sempre pessoas de alta cathegoria. E como n'essa occasião accumulava o beneficio D. João Lopo, bispo de Tanger, foi porventura elle que suggeriu a D. João II aquella romaria.

As casas eram muito pequenas; a comitiva era numerosa. Foi por isso necessario que El-Rei mandasse armar em volta da Ermida, onde se alojou com a Rainha, muitas tendas e barracas em que pousaram durante os onze dias, que durou o exercicio religioso, as Damas, as cuvilheiras e todos os que acompanhavam os Reis.

Eram ellas talvez além da Camareira-Mór, D. Maria de Vilhena, aquella D. Guiomar, esperta e viva a que os «Porquês» de Setubal alludiam dizendo:

"Porque D. Guiomareta
"Nunca tem o rosto quedo?„

talvez tambem D. Izabel Cardoso e Margarida Henriques que eram visadas no outro «porquê»:

"Porque tanto arrebique
"Izabel Cardosa traz?
"Porque é tão mau rapaz
"D. Margarida Anrique?„

e outras mais que, trazendo dos serões do Paço a jovialidade galhofeira e despreoccupada, dariam, juntamente com D. João de Menezes, com Ayres da Silva, com Fernando da Silveira, filho do Barão de Alvito, com Garcia de Resende, que já então trovava e apodava, e outros mais, a nota alegre n'esse original acampamento, em contraste com a sisudez do Bispo, a severidade dos religiosos e a emphatica charlatanice dos physicos que medicavam El-Rei — Mestre Rodrigo, o Doutor Lucena e provavelmente Mestre João, a cuja memoria andam ligadas tantas suspeitas.

Na manhã do dia 1 de outubro começaram as praticas religiosas. Reuniu-se toda a côrte na capellinha onde foi resada missa.

A Rainha D. Leonor, que completára em maio 35 annos, era ainda bella, apesar das doenças, dos desgostos, e das preoccupações.

Não é difficil a quem conhece o retrato authentico que d'ella nos resta no «Panorama de Jerusalem» da Egreja da Madre Deus, imaginal-a de joelhos, tal como o quadro nol-a apresenta, curvada n'um genuflexorio, ouvindo a missa. Apenas, n'esta manhã, as vestes eram menos severas do que as que depois de viuva usou. A atitude e expressão eram as mesmas que vemos no quadro.

D. João II ia nos 38 annos. Ajoelhado, porém, ali, parecia um velho. E a sua voz habitualmente fanhosa, respondendo ás invocações litanicas que seguiram a missa, era tremula de commoção.

Elle, o Homem, o forte, aquelle de quem o Cardeal de Alpedrinha disse — o maior rei que nasceu do melhor dos homens — n'aquelle momento prostrava-se humildemente na ancia de alcançar o perdão de culpas commettidas.

Missas e praticas repetiam-se todos os dias. Terminadas ellas, toda a assembléa se espalhava em grupos esperando as refeições, que o chronista Garcia de Resende diz terem sido «feitas em muita perfeição» e que elle, então moço, folgasão, e dotado de tantos recursos, alegraria com seus chistes, até que o sino de tarde chamasse todos ás «vesperas» na capella onde os Reis já oravam.

A' noite tudo recolhia ás tendas, «onde se agasalhavam muito bem» (diz ainda o chronista), esperando que a chamada para as «matinas» os viesse acordar.

A novena continuava.

El-Rei pelas tardes claras, quando o nevoeiro descerrava, estendia a vista pelo azul do mar, lá ao longe, esse mar que tantos mysterios ainda então encerrava.

E sonhava com as lendas do Prestes João, e com a encantada Atlantida! Pensava que por aquella barra, que n'uma curva tão bem se desenhava, as frotas em que tinham sahido Diogo d'Azambuja e Diogo Cão, lhe haviam trazido as appetecidas noticias das Costas da Guiné; e que havia pouco mais de dois annos Bartholomeu Dias entrára por essas aguas azues, voltando de ter dobrado o Cabo Tormentoso, a que elle Rei puzéra o nome de Bôa Esperança. Formava projectos, que a morte cortou, de expedir por alli a grande frota, e rememorando a gloriosa pleiade dos seus navegadores, que por essa barra tinham entrado com as novas de tantos descobrimentos, sangrava-lhe a alma a lembrança da visita recente do genovez Christovam Colombo, que no regresso da sua viagem arribára a Lisboa em março d'esse anno, com os indios trazidos d'essa Hispaniola, que ia ser

a melhor joia de seus rivaes os Reis catholicos...

A novena terminou em 9 de outubro.

No dia 10, antes de voltarem a Cintra, reuniram-se ainda todos na ermida para uma oração commum.

Rei, Rainha, Prelados, Damas, cortezãos e guerreiros, e pelas escadas exteriores a numerosa creadagem de gorros na mão, entoavam o «Tantum Ergo».

Esse quadro tinha um cunho grandioso e bello.

Era uma synthese da edade média que ia acabando, rude e galante nas maneiras, heroica nas acções, mystica nos sentimentos!...

Curiosidades diplomaticas

Pedido de um contingente portuguez na guerra da Criméa

Ha tempos deparou-se-me no *Times* a seguinte carta assignada por Mr. Theodore Martin, auctor da *Vida do Principe Consorte:*

MEMORIAS DE GREVILLE

Ao editor do «Times»

Senhor: No ultimo volume das *Memorias do sr. Charles Greville* lêem-se os periodos seguintes:

«Ouvi ultimamente pela primeira vez uma anecdota ácerca da guerra da Russia, que me surprehendeu. E' sabido geralmente que procurámos por toda a parte alliados e auxilio necessário contra a Russia, mas é do dominio publico que o nosso governo instou com

o governo portuguez, para tambem entrar na guerra e mandar um contingente á Criméa, e que em virtude da recusa d'este ultimo, o ministerio obrigou a Rainha a appellar pessoalmente para Lavradio, instando com elle para que persuadisse o seu governo a acceder aos nossos desejos; mas que Lavradio observára a Sua Magestade, como já o fizera ao Ministro, que Portugal não tinha motivos de queixa contra a Russia, nem interesse em entrar na guerra; que pelo contrario Portugal devia obrigações ao Imperador da Russia, o que o inhibia de tomar parte no conflicto. Fazer entrar a Rainha pessoalmente n'este caso foi deveras um procedimento inaudito, e contrario a todos os usos e conveniencias.»

Se Mr. Greville se limitasse a affirmar que durante a guerra da Criméa organisámos uma legião allemã, e procurámos, nem sempre com o exito que era de esperar, alliados para cooperarem comnosco, nenhuma objecção se lhe poderia apresentar. Mas só até aqui, e não mais, podem ser acceitas as suas informações sobre o que se passou. Quando trabalhei na obra *A Vida do Principe Consorte* tive occasião de compulsar todos os documentos importantes de natureza, quer publica, quer particular, trocados entre os

governos de Inglaterra e Portugal n'este periodo.

Não tendo encontrado n'elles vestigio do procedimento attribuido ao nosso governo e á Rainha pelo informador de Mr. Greville, nem motivo de suspeitar a existencia de tal procedimento, foi com grande surpreza que li o que acima fica escripto. Tendo posteriormente procedido a averiguações, para verificar a exactidão da minha reminiscencia, posso categoricamente declarar que não tem o minimo fundamento a anecdota referida por Mr. Greville. E julgo ser a affirmativa n'ella feita de bastante gravidade para não deixar de a rectificar devidamente.

Cannes, 1887.

Sou de V. obediente criado, etc.

THEODORE MARTIN.»

Despertou-me curiosidade esta carta, e como n'ella, não só se nega o apello directo da Soberana do Reino Unido ao Conde de Lavradio, como não se indica claramente que o governo inglez pensasse em pedir ao de Portugal um contingente auxiliar para a guerrra da Criméa, tentei tirar a limpo este

caso de bastante interesse para a historia das nossas relações com a Inglaterra.

Já vão passados muitos annos sobre o incidente, o que me auctorisa a não guardar as reservas diplomaticas com que o nosso representante em Londres informava o seu governo, e a dar a publico, sem escrupulos de inconfidencia, alguns periodos da curiosissima correspondencia do Conde de Lavradio.

Hoje, que já está publicada a do Duque de Palmella, dever-se-hia promover a publicação de toda esta correspondencia que, pelo talento e alta situação do seu auctor na côrte de Londres, encerra algumas paginas das mais interessantes da historia contemporanea. (1)

Segue de perto os acontecimentos que occupam a scena politica da Europa, demorando-se nos que mais particularmente nos dizem respeito. Narra minuciosamente os manejos carlistas com o fim de desthronar a Rainha de Hespanha, e de auxiliar o movimento miguelista em Portugal, séria preoc-

---

(1) Seu sobrinho-neto o actual Marquez de Lavradio, está trabalhando no sentido de dar a publico uma auto-biographia do Conde de Lavradio, que encontrou nos papeis de seu tio. N'essa auto-biographia ha, porém, lacunas que é necessario preencher, o que torna o trabalho difficil e melindroso.

cupação do nosso governo, que por mais d'uma vez encarregou o seu ministro de empregar todos os meios ao seu alcance para contraminar as tentativas anti-dynasticas. Expõe os claros e irrefutaveis argumentos com que o Conde de Lavradio defendeu perante o ministerio inglez a occupação do Ambriz. Dá conta das conversas animadas e vivas com Lord Clarendon, conversas em que a par da variada e solida erudição do diplomata portuguez se reconhece o tacto superior com que, no seguimento dos negocios, ora emprega uma legitima indignação opposta a exigencias demasiadas, ora uma franqueza e quasi familiaridade que ajuda e facilita os accôrdos e concessões, ora uma reserva digna e uma resistencia tenaz na defeza dos nossos direitos.

Por vezes a irritação verdadeira ou simulada dos dois interlocutores era tamanha que o Conde declarava estar resolvido a pedir ao seu governo que o substituisse por quem mais habilmente soubesse entender-se com o ministro de Sua Magestade Britannica; outras era tal a cordealidade, que tinham por epilogo um convite para uma caçada no castello do nobre Lord.

Contribuiam muito para facilitar a resolução dos negocios, e para conservar a boa

intelligencia, tão necessaria ás nossas relações com a Inglaterra, a situação excepcional que o Conde de Lavradio soube crear e manter na côrte e nos altos circulos politicos, a predilecção especial da Rainha pela primeira Condessa d'esse titulo, e a consideração que a sociedade lhes demonstrava.

A physionomia do Conde era insinuante, vivo o olhar furando os vidros brilhantes dos seus oculos de oiro, o beiço inferior fino e muito dobrado sobre si, sabendo sublinhar quando necessario o sorriso com uma ponta de ironia que desarmava, ou com uma bonhomia attrahente. Virgulava a conversa com a aspiração do ar entre os dentes e a lingua n'um sybillar caracteristico. A fealdade do seu rosto enquadrado por duas suissas brancas pouco fartas, era espiritualisada pela somma de intelligencia que sem avareza dispendia na conversação.

Os seus officios, sobretudo lidos no conjuncto, e pondo-os em parallelo com os acontecimentos, dão uma idéa exacta da superioridade do seu espirito como homem de Estado.

*

Sobre a guerra da Criméa são abundantes as informações, perspicazes as observações

acerca dos homens que governavam a Europa n'essa agitada épocha. Nem sempre lhe mereciam o melhor conceito pelo seu valor intellectual ou moral, os *actores mediocres* (é d'elle esta expressão) que conduziam as negociações entre as grandes potencias, e, a essa mediocridade attribue as oscillações que se notam nos preliminares da guerra. N'esse periodo não tinha Portugal um interesse directo na resolução d'essas negociações e a acção do nosso Ministro limitava-se a procurar estabelecer em boas condições a neutralidade, unica linha de procedimento que manifestamente nos convinha.

«No caso de se declarar a guerra, escrevia elle a 27 de janeiro de 1854, é indubitavel que Portugal deverá conservar-se neutro, o que poderá ser muito proveitoso para o seu commercio. Mas poderá esta neutralidade conservar-se á vista dos nossos tratados com a Gran-Bretanha? E conservada a desejada neutralidade, como sustentar com bom resultado o principio adoptado por todas as nações, excepto pela Gran-Bretanha, de que a bandeira cobre a carga? Não seria porventura conveniente que todos os governos de potencias maritimas que, durante a guerra que parece estar pendente, se quizerem con-

servar neutros, se entendessem a este respeito? Mas como estabelecer esta intelligencia sem excitar o ciume da Inglaterra? Para todas as potencias maritimas esta questão é muito importante e delicada, mas para nenhuma tanto como para Portugal... Eu tenho-me abstido de manifestar uma opinião a este respeito, mas reconheço a necessidade que ha de tratar de resolver esta questão com a devida circumspecção. Tomo portanto a liberdade de chamar a attenção de V. Ex.ª e do Governo de Sua Magestade sobre as duas seguintes questões:

1.º Deve o Governo de Sua Magestade declarar espontaneamente a sua resolução de se conservar neutro durante a guerra que parece inevitavel entre a Gran-Bretanha, França e Turquia d'uma parte e a Russia da outra?

2.º Resolvido que deva ser feita a mencionada declaração, deverá fazer uma outra sobre os direitos dos neutros, e deverá fazer esta declaração isoladamente ou de accordo com as outras potencias maritimas que já declararam ou que houverem de declarar a sua neutralidade?»

A este officio respondeu o então Ministro dos Negocios Estrangeiros, Visconde d'Athou-

guia, dando instrucções para declarar a neutralidade de Portugal, attitude que com effeito tomou este paiz sem que a Inglaterra lhe estranhasse a resolução.

Correu todo anno de 54, e o nosso ministro foi informando dos episodios da guerra da Criméa, dando conta das activas negociações diplomaticas d'essa phase ultima da questão do Oriente, relatando a par das noticias do theatro da guerra e dos combates dos exercitos das nações occidentaes com os russos, os debates parlamentares e discussões jornalisticas que, ao contrario do que se ia passando na França imperial, tinham por assumpto, sem rebuço, a sciencia militar dos generaes na direcção da campanha e os seus erros estrategicos, a politica seguida pelo gabinete inglez, etc., o que agitava vivamente a opinião publica.

Pondo de lado toda essa parte da correspondencia, apesar do interesse que desperta, limitar-me-hei hoje a investigar o ponto a que se refere o signatario da carta dirigida ao *Times*, e que directamente nos diz respeito, isto é, se Portugal foi convidado a dar um contingente para a guerra, e por que fórma foi feito esse convite.

Nada encontrei que indicasse a intervenção pessoal da Rainha de Inglaterra. Se se dirigiu

ao conde de Lavradio, e se este deu conta d'essa importante circumstancia ao seu governo, fel-o em carta particular, o que não creio, pois que, como diplomata da velha escola, tratava todos os negocios em documentos officiaes, graduando a natureza do assumpto pelas indicações de *ostensivo*, *reservado, confidencial, secretissimo.*

Tenho pois quasi como certo o não ter havido appello directo da Rainha d'Inglaterra como affirma Theodore Martin na sua carta; pelo que respeita porém á intenção manifestada pelo governo inglez de levar o nosso paiz a auxilial-o na continuação das hostilidades, fornece-nos aquella correspondencia informações precisas.

A 26 de dezembro escreve o conde de Lavradio:

«Sabbado suspenderam-se as sessões do Parlamento até 23 de janeiro proximo, depois de approvados e promulgados como Leis os Bills da Milicia e o que permitte a formação e instrucção no territorio Britannico de corpos estrangeiros para servirem na presente guerra conjuntamente com o Exercito inglez. O Bill da Milicia teve pouca opposição, mas o do alistamento de extrangeiros soffreu-a fortissima e era sustentada fóra do Parlamento pela opinião manifestada nos jornaes

de todos os partidos, nas reuniões publicas e particulares...

Resta agora saber onde se fará o recrutamento dos corpos extrangeiros. Disse-se talvez sem muito fundamento, que o governo se havia lembrado de lançar mão dos soldados dos Ducados de Dinamarca que haviam servido na guerra passada contra o governo Dinamarquez. Sou porém informado de que o governo não tinha tido nunca similhante idéa.

Ha fundamento para julgar que Sua Alteza o Duque Reinante de Saxonia Coburg Gotha se encarregará de promover a formação dos corpos extrangeiros, que devem tomar o serviço inglez...

A resolução do governo de Sua Magestade Britannica relativa á formação de corpos extrangeiros, não só foi impopular em Inglaterra, mas desagradou em França e inquietou o governo Austriaco. Ha porém um outro projecto de augmento de força que encontra favor aqui, em França e na Austria e é o de pedir contingentes de tropas á Sardenha, Hespanha e Portugal; e quanto a este ultimo considera-se uma obrigação proveniente dos tratados vigentes; tenho comtudo até agora podido evitar que se me faça a este respeito proposta formal, penso mesmo que nada se

me dirá claramente sem prévia informação de Sir Ricard Pakenham, é mesmo provavel que este será encarregado de fazer directamente a proposta a v. ex.ª se ella houver de se fazer, o que ainda não é certo.

A D. Antonio Gonzalez, Ministro d'Hespanha junto de Sua Magestade Britannica e que ha pouco sahiu d'esta côrte para ir assistir ás côrtes, sei que Lord Claremdon, não official mas confidencial e verbalmente lhe indicou por duas differentes vezes os desejos e intenções que o governo Britannico tinha de pedir ao de Hespanha um certo contingente para o auxiliar na guerra actual. O sr. Gonzalez limitou-se a dizer que não tendo instrucção alguma a este respeito, nada podia responder. Constou-me porém que o Encarregado de Negocios de Hespanha, depois da sahida de Gonzalez de Londres, já recebeu instrucções para responder a qualquer abertura que sobre o assumpto lhe fosse feita.»

Parece porém que o governo hespanhol, sem recusar abertamente, só se prestava a tomar em consideração o pedido debaixo de condições taes que não era provavel a sua acceitação. Ao governo Sardo tinham sido feitas insinuações semelhantes, e d'essas instancias veremos ao deante o resultado.

A Belgica guardava para o caso de uma proposta semelhante a desculpa da neutralidade, condição da sua Independencia.

A Hollanda preparava egual escusa, mas seria obrigada a modificar as suas resoluções segundo a attitude da confederação germanica. Esta conservava-se hesitante em vista das perplexidades do Rei Frederico Guilherme e dos seus conselheiros. Era essencial para a Prussia conservar o seu papel de grande potencia, porque deixaria de ter importancia na Allemanha se a não tivesse na Europa. Esta convicção determinava a sua hesitação entre a nossa alliança e a das nações occidentaes.

Tornou-se pois necessario que o governo portuguez meditasse na resposta que havia de dar ao de Sua Magestade Britannica no caso d'este lhe fazer o convite cuja possibilidade o nosso ministro previa. Pediu portanto este as instrucções necessarias, que não tardaram em lhe ser dadas por despacho de 8 de janeiro de 1855.

Annunciava-lhe o Ministro dos Negocios estrangeiros que até aquella data nenhuma proposta fôra feita ao governo de Sua Magestade, directa ou indirectamente por sir Richard Pakenham. E accrescentava que se lord Clarendon lhe fizesse alguma pergunta sobre a disposição do governo portuguez em

conceder auxilio de tropas, deveria responder que o mesmo governo, em vista das discussões do parlamento Britannico não esperava semelhante proposta, pois só alli se tratára de recrutar tropas estrangeiras nos Estados da Allemanha.

Dizia mais: «Sua Magestade e o seu governo confiam em que v. ex.ª, com a sua reconhecida prudencia e talento, concorrerá por todos os modos para que o governo britannico não exija que Portugal quebre a neutralidade que exactamente tem seguido na actual guerra para com as potencias belligerantes, neutralidade que a propria Inglaterra procurou indicar como precisa da nossa parte quando começaram as hostilidades.»

Respondeu o conde de Lavradio affirmando que seriam seguidas estas instrucções e que tentaria demonstrar a nenhuma obrigação de prestar auxilio. Lembrava porém a conveniencia de, no caso de circumstancias superiores de politica geral levarem Portugal a prestar o dito auxilio, elle affirmar o direito que nos assistia de previamente nos ser assegurado que o governo Britannico se obrigaria a defender Portugal contra qualquer ataque externo proveniente da concessão do dito auxilio, e que além d'isso seria entregue á corôa de Portugal tudo quanto lhe perten-

cia na ilha do Ceilão, bem como *outros territorios* que nos pertenciam.

Mereceu esta suggestão a completa approvação do governo de Sua Magestade em despacho de 27 de janeiro.

Por este tempo era lord Palmerston encarregado de reorganizar o gabinete inglez do qual sahiram lord Aberdeen, lord Russel e o duque de Newacastle. A entrada para o gabinete de velho lord Palmerston, apesar dos seus 71 annos, era favoravelmente vista pela opinião publica, e o nosso ministro dava d'ella conta do modo seguinte:

«Creio mesmo que se fôr possivel obter uma paz segura e honrosa, elle não fará obstaculo algum ás negociações; mas se fôr necessario continuar a guerra, elle a continuará com vigor e melhor direcção do que até agora, ha de procurar estreitar a alliança da Inglarerra com a França, e levar as nações de segunda ordem a sahirem da sua actual neutralidade e seguirem o exemplo da Sardenha. Em breve se esclarecerá esta importantissima materia para Portugal, que tanto carece de conservar a sua neutralidade. Os jornaes Inglezes, Francezes e Belgas teem publicado que existem negociações entre os governos Portuguez e Inglez para a conclusão de uma convenção semelhante á que o

governo Inglez ha pouco negociou com a Sardenha. Em conversação tenho sempre negado semelhantes negociações, abstendo-me de responder aos artigos de jornaes.»

Mais tarde escrevia communicando que tinha motivos para julgar que Lord Clarendon dentro em pouco lhe daria a conhecer verbalmente os desejos que o governo de Sua Magestade Britannica tinha de que o de Portugal seguisse o exemplo do governo Sardo, adherindo á convenção de 10 de abrli de 1854.

E o desagrado que causára a recusa do governo Hespanhol levava-o a crer que essa communicação não tardaria. Não poupava pois esforços para a evitar, preparando por todos os modos o terreno para que no caso de ser chegado a dar uma resposta negativa, esta não levantasse animosidade contra nós.

Houve-se n'este empenho tão habilmente que a 1 de março podia escrever o seguinte ao seu governo:

«O governo de Sua Magestade Britannica, como já pelo paquete anterior tinha indicado a V. Ex.ª, estava resolvido a convidar o governo de Sua Magestade a seguir sem perda de tempo o exemplo do governo Sardo, adherindo á convenção de 10 de abril; antes de

hontem, porêm, de accordo com o governo Francez, resolveu sustar o seu convite e deixar continuar o governo de Sua Magestade a gozar da sua neutralidade, o que me foi communicado extra-officialmente, e que eu, com muita satisfação, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª para ser presente de S. M. El-Rei Regente, estimando haver tido meios de poder concorrer para uma resolução que considero de grande utilidade para o nosso paiz.

A Sir Ricard Pakenham já haviam sido expedidas ordens para fazer o mencionado convite ao governo de Sua Magestade, mas vae-lhe ser, ou já lhe foi expedida nova ordem para sustar ou para retirar a sua communicação.»

É bem de imaginar a satisfação com que pelo governo foram recebidas estas noticias.

Não são por estes apontamentos contestadas as affirmações da carta dirigida ao *Times*, mas fica assim esclarecida a questão, e conhecido do publico mais um serviço de valor prestado ao seu paiz pelo conde do Lavradio.

Duqueza de Palmella

E' socialista! Aquelles para quem a palavra socialismo representa ainda o espectro vermelho, agitado por allucinações morbidas, na empreza do cataclysmo social, abrem os olhos espantados com esta revelação. A Duqueza, que reune em si a aristocracia da raça, do talento e do dinheiro, que tem avós, e é Camareira-Mór; que expõe trabalhos no *Salon*, onde são premiados; que todos os dias janta servida por creados empoados, e sahe governando no seu carro dois puro-sangue! A Duqueza? Socialista! E sorriem julgando que os estou a ludibriar.

*

Um dia do verão passado enviou-me para Cascaes um telegramma convidando-me a examinar a sua ultima obra que ia ser vasada em gesso, e enviada ás fundições de Barbedienne. Guloso de todos os regalos intellectuaes aproveitei com prazer o ensejo, e

por uma tarde quente dos principios de setembro, subi a escada silenciosa do palacio do Rato onde as telas de Gran Vasco mostram as figuras hieraticas, atravessei as salas entre credencias e buffetes sobre os quaes mandarins de louça com o ventre descoberto riam para mim de bocas escancaradas, e chimeras japonezas me olhavam interrogativas; passei o jardim em que os jasmineiros apertados pelo calor distillavam philtros no ar, e subi ao *atelier,* vasta officina povoada de todos os instrumentos e alfaias suggestivas do trabalho. A Duqueza estava ainda ausente.

Corrido o reposteiro pesado sente-se um mundo differente espiritualisado pela arte. O orgão monumental que occupa toda uma parede, penetra-nos a alma da religiosidade histerica de Santa Thereza cujo busto emerge na brancura do marmore olhando em extasis, no vago, o divino esposo; sopra-nos nos sentidos a poesia mystica e sensual da bronzea Sulamita, a noiva dos cantares que a esculptora surprehendeu no momento em que os olhos se cerram e o coração vigia; revelanos o genio do christianismo na sua figura mais ideal — a virgem Mãe — que n'uma estatua colossal occupa o centro do vasto recinto, apresentando nos braços estendidos o

Filho Redemptor a todas as almas em que desabrocha a fôr azul d'uma crença, como uma resposta viva ao sorriso cynico de Diogenes, que eleva a lendaria lampada na posição caracteristica de quem exclama: *Quaero hominem*. E d'esta dualidade significativa que nos revela o mundo antigo revolucionado pela philosophia christã, os olhos cahem, n'um contraste violento, sobre a cabeça graciosa d'uma preta que ri com expressão gaiata. Os dois Gracchos de Guillaume, os quadros de artistas portuguezes, os gessos de estudo, que se alastram sobre as paredes escuras, acompanharam-me na espera que não foi longa. A Duqueza entrou. Vinha da casa fronteira onde distribue diariamente comida a duzentas creanças.

Emquanto despia a sua nova estatua da mortalha humida em que estava envolvida para conservar a ductibilidade do barro, explicava-me a satisfação com que via prosperar cada creança, a quem o regimen da sopa e do oleo de figado de bacalhau tem dado côres rosadas e risos satisfeitos.

E contava-me como o espectaculo d'aquellas duzentas miserias, e de outras muitas a que diariamente assiste, lhe tem levado ao espirito o sentimento das injustiças sociaes.

— Cada pobre, accrescentou ella, tem so-

beja razão de reclamar contra as iniquidades com que o mundo o opprime, e de reivindicar um estado d'ordem mais perfeito.

— Está socialista? perguntei-lhe. A palavra não a espavoriu.

— E como Proudhon, accrescentei.

Então, vendo-a protestar, expliquei que em 1848, sendo este julgado, passara-se entre elle e o juiz que o interrogava o seguinte dialogo: «E' socialista? — Sou; respondeu Proudhon. — Mas o que é então o socialismo? — E' qualquer aspiração á perfectibilidade social. — Mas n'esse caso, diz com razão o juiz, somos todos socialistas. — E' exactamente o que eu penso, concluiu Proudhon.»

— Tambem eu sou socialista assim, atalhou a Duqueza. Mas o socialismo que mais me encanta, e attrahe, é o do Conde Tolstoi, que percorre as «steppes» da Russia atirando com mãos generosas a sua fortuna aos que morrem de fome e de frio nas cabanas afogadas em neve. A quem conhece de perto o soffrimento dos que não teem trabalho, dos que o teem mal remunerado, ou d'aquelles a quem a doença quebra os braços para as luctas da vida, acode-lhe bastas vezes ao espirito as palavras de Bossuet. E tirando da estante uma edição em morroquim das obras o eloquente bispo de Meaux, leu-me o tre-

cho celebre: *Les murmures des pauvres sont justes. Pourquoi cette inegalité de condition? Tous formés d'une même boue, nul moyen de justífier ceci, sinon en disant que Dieu a recommandé les pauvres aux riches et leur a assigné leur vie sur leur superflu.* E' assim que eu comprehendo — accrescentou ella — a missão dos ricos. Elles são no mundo os depositarios dos bens que pertencem aos desherdados. Só a justa distribuição póde trazer a egualdade prégada por S. Paulo.

Fazendo então a approximação das doutrinas socialistas com as maximas do christianismo, contou-me como a interessára o episodio da conferencia entre a condessa de Hatzfeld, a fiel amiga de Lassalle e Monsenhor Ketteler, quando aquella, indo pedir a sua intervenção a favor do casamento do celebre agitador allemão com Mademoiselle Doeniges, o arcebispo de Meyance se declarou seduzido pelas doutrinas socialistas de Lassalle, tão conformes com os sentimentos de caridade christã. E como comprehendêra as manifestações feitas na marcha triumphal do caixão em que o corpo do grande apostolo do socialismo, morto romanescamente n'um duello por amor, era acompanhado, Rheno abaixo, pela Condessa lacrimosa, entre as bençãos dos socialistas catholicos.

A Duqueza nunca leu (e ainda bem para a arte!) as obras dos economistas, nem as de Karl Marx, Schäffle ou de Bakounine. Nunca estudou os problemas das relações entre o capital e o trabalho, da organisação das cooperativas, o da abolição do salario, e não segue attenta os progressos da ideia socialista na Allemanha, nem na Inglaterra onde lavra tão violenta até mesmo entre o alto clero, que sob a presidencia de lord Wemyss e inspirada por H. Spencer se formou ha pouco a liga para a defeza da propriedade. Não ouve o som rouco da voz terrivel, que de quasi toda a Europa reclama, cada vez com menos furia, mas mais cheia de força, a anniquilação da ordem existente.

Mas da sua vasta e variada leitura, da sua convivencia intellectual com todos os que se occupam da questão social, e sobre tudo do impulso do seu coração altruista nasceu-lhe a convicção de que o concurso das boas vontades, hade crear n'um futuro, menos remoto do que o de cinco seculos, que o sabio Rodbertus indica para o triumpho do socialismo, um estado de cousas mais conforme com a ideia do bem, uma sociedade em que as desegualdades sejam menos pungentes do que na actual. A sciencia, acredita a Duqueza, hade concorrer poderosamente para esse

ideal, e é o seu progresso no caminhar constante para a perfeição que ella quiz traduzir na estatua do Genio — *fiat lux* — que n'esse momento me descobria palpitante ainda do trabalho da modelação. Mostrando-me esse corpo d'adolescente em cuja cabeça flammeja a chamma da inspiração, e cujo olhar procura com ardor nas trevas do desconhecido, que um facho na mão direita vae alumiando, a ideia que esclarece, a theoria que explica o mundo material, o facto que resolve o problema da historia, a invenção que ajuda a medicina a diminuir as dôres da misera humanidade; a figura da esculptora destacava-se junto ao plintho em que o «genio da sciencia» parecia querer voar na ancia de progredir, e significava ella propria superiormente o «genio da arte», na sua manifestação mais bella — a aspiração para o bem.

Trez etapas

Em Roma, na Roma requintada da decadencia onde as elegantes patricias, devotadas por capricho mundano ás modas athenienses, só em grego fallavam, e n'essa lingua trocavam entre si as frivolas impressões sobre os casos do Circo; onde nos *porticos* as bellas e afamadas Tuccias, as Appulias e as Thymeleas, aconchegando as pregas dos seus *peplums* preciosos, e deixando entrever as custosas joias nos dedos dos pés, cuidadosamente tratados, papagueavam, affectando esquecer o latim, sobre as futilidades da moda atheniense, e se extasiavam com os encantos do actor Bathylo, que desempenhava com paixão o papel de Leda; n'essa cidade dos Cesares em que uma sarda, como nos conta Juvenal, era comprada por seis mil sesterceos para a mesa de Crispinus, o depravado, e em que o ultimo dos Flavios, Imperador e glutão, a quem fôra offerecido um pargo monumental, reunia os conselheiros d'Estado para decidirem acerca do prato ou travessa em que esse peixe devia ser ser-

vido; n'esse fulgurante centro das delicias custosas em que o vaidoso Roscius creára uma aristocracia do prazer, todas as opulencias deslumbradoras tinham por fundo a grande massa dos miseraveis e famintos.

Ao passo que o opulento Licinus amontôa em sua casa as riquezas estonteantes, as estatuas, os moveis incrustrados, os marfins trabalhados, e que para defender esses thesouros contra incendios e ladrões circunda os seus muros de reservatorios de agua e emprega cada noite uma legião de escravos vigilantes; ao paço que Trypherus estabelece n'uma das ruas concorridas do bairro de Suburra uma escola de trinchantes cujos discipulos são disputados para irem nos banquetes luxuosos cortar um faisão de Seithis, ou um cabrito de Getulia, emquanto as musicas gemem arrastadas e as provocantes gaditanas movimentam com vagarosas ondulações d'ancas as lascivas dansas da sua patria; ao passo que as cidades de doido prazer, Sybaris, Rodhes e Mileto com as suas corôas de flores, os risos alegres, os labios, das suas cortesãs humidos de vinho e de beijos veem assentar arraiaes nas sete colinas da velha Roma, e a innundação do oiro, de que falla Juvenal, corrompe as almas; lá nos bairros infimos e miseraveis da capital

do mundo move-se uma população de famintos e desherdados, formigueiro humano composto de escravos, de ilotas, de ociosos abjectos, a plebe abastardada da decadencia, já não a plebe para quem se tinham feito as leis agrarias e pelas quaes tinham morrido os Gracchos, mas aquella que no *Forum* se contenta com a farinha que lhe atiram á fome, e os espectaculos com que lhe saciam a sede de prazer.

Atque duas tantum res anxius optat: Panem et circenses.

Com pão e jogos de circo a classe rica de Roma callava os urros dos esfaimados.

Farinha, mandava-a trazer dos confins do Imperio. Feras da Libia, fecunda em animaes selvagens. Gladiadores sustentava-os o Estado á sua custa, como manada de toiros da Lezira.

E victimas humanas não faltavam, arrebanhavam-se na *seita recente* aos milhares.

Magna est fornacula.

*

Roma cahiu! A humanidade ficou a mesma nas suas desegualdades sociaes. Os mais fracos são vencidos.

E nas diversas vicissitudes da humani-

dade, ha sempre d'um lado a fome que grita ou geme, e do outro a opulencia, que desbarata o superfluo.

A par da lucta do homem contra o homem, *Homo, hominis lupus,* tem havido porém sempre o esforço para attenuar e adoçar a miseria dos vencidos.

Em Roma atiravam com desprezo o pão ás guelas dos famintos.

Logo depois a voz suave de Christo preconisando o amor universal, instituia a *esmola*, o obulo consolador para o pobre, doce á consciencia de quem o dá, agradavel ao Deus em nome de quem o divino Mestre prégava.

E pela Edade Média adeante ás portas dos conventos, nas estrebarias dos castellos senhoreaes, e nas fartas cozinhas dos ricos homens, a turba dos mendigos, a multidão dos aleijados, a legião dos ociosos trazia a gamella ou marmita que mergulhava gulosa no abundante caldeirão da caridade.

*

Assim como do christianismo nasceu o direito moderno, assim á portaria conventual succedeu a *cozinha economica*.

E como a humanidade, eterna creança, não só se sustenta de pão, mas tambem vive de

palavras e illusões, tirou d'esta transformação um motivo para orgulho e satisfação de amor proprio em que se embala embevecida.

Quando ao meio dia as fabricas de tabaco de Xabregas, e as de fiação do bairro d'Alcantara vomitam pelas largas portas a sua população trabalhadora, cada uma d'aquellas typicas figuras de operarias tão nossas conhecidas, com o seu vestido de chita, o chale em bico cahido pelas costas, lenço de seda ou de lã atado sob o queixo, dedos encardidos pelas tintas dos tecidos, ou pelo trabalho dos tabacos, voz levemente rouca, *franc-parler* e replica prompta; e cada um dos operarios homens, com a sua blusa azul, *bonnet* de seda ou chapéo de feltro, olhar intelligente e bom, e cerebro ligeiramente namorado de reivindicações sociaes, cada um d'esses entes humanos, vae, conscio de um direito, e não supplicante d'um beneficio, entregar parte d'um salario ganho com o seu trabalho em troca do sustento forte e são que a cozinha lhe fornece sem caracter humilhante para a sua dignidade.

Por esta fórma a iniciadora das Cozinhas Economicas entre nós soube fundar uma instituição que tem o duplo caracter da fraternidade christã e do altruismo moderno.

Bem haja.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Trez obras: Arabescos — Mulheres e creanças — A vida do Duque de Palmella

I

ARABESCOS (1)

Ha um par de annos, n'um verão em que Lisboa torrava debaixo d'um calor tropical, Cintra era como sempre um paraizo, e *o Douche* um cantinho dos escolhidos do Ceu.

N'essa manhã contava-se entre os escolhidos C. M. (2) uma das mais brilhantes organisações intellectuaes que conhecemos.

Tinha-se retoiçado como um pardal na presa circundada d'um ripado vermelho e branco, esfregára bem a calva nascente com umas gottas de quina de E. Pinaud, e preparava-se

---

(1) A parte d'este artigo que se refere aos *Arabescos* e *Mulheres e creanças,* foi publicado em 1880.

(2) Carlos Mayer.

para ir almoçar no Victor, cada vez mais firme na convicção que ainda hoje o acompanha; de que ha dois unicos logares supportaveis na bola terrestre — Paris com o *boulevard* — Cintra com *o Douche.*

Nós, que n'esse tempo pouco o conheciamos, não pensámos sequer em lhe dar um abraço amigo, e ouvir um paradoxo iriado e extravagante como só elle os sabe atirar aos intellectos desprevenidos.

Para outro estavam reservados os dois dedos de conversa que M. concede sempre entre o banho e o almoço. Era um rapaz alto, vestido de flanella branca. Nada mais nos lembra d'elle senão que trazia um livro debaixo do braço; um livro brochado em oitavo com uma capa de côr das amendoas do Baltresqui, e d'um aspecto attrahente que alguns livros e algumas pessoas teem.

O rapaz da flanella branca que vinha descendo e o M. que subia encontraram-se e trocaram duas palavras; e M. por um movimento de natural curiosidade pegou no livro com um ar interrogativo:

— Livro novo?

— E' verdade!

— *Uma primavera de mulher,* poema por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Foi a primeira vez que ouvimos este nome.

N'esse anno foi elle repetido de bôcca em bôcca, como uma revelação para as lettras portuguezas, e no nosso pequeno mundo litterario fizeram continencia todas as cohortes em torno do *vulto da musa de Pinteus,* e fizeram d'ella alvo e assumpto de poesias encomiasticas e phrases laudatorias, mais ou menos emphaticas, que teriam sido o bastante para ridicularisar um nome e uma obra, que não fossem na realidade a manifestação d'um notavel talento.

Porque o *enfant prodige* de Pinteus revelava-o exuberantemente n'aquelle poema, que não tentamos agora avaliar, nem como obra d'arte isolada, nem como a aurora brilhantissima da escriptora que começava.

Fóra mesmo do mundo litterario este livro foi muito lido, foi muito discutido; e, caso notavel, a parte feminina dos seus leitores esqueceu um natural rancorsito que sente sempre para com a superioridade qualquer d'uma mulher, e deixou-se emballar na musica suavissima d'algumas d'aquellas estrophes; commoveu-se com as lagrimas de Beatriz, o vulto melancolico de sublime abnegação; indignou-se com a vingança leviana de Vasco.

De novo se levantou a questão eterna da mulher escriptora, e nas salas, nos botequins, em todas as conversas, debatia-se com ve-

lhos argumentos a emancipação da mulher, a egualdade da intelligencia dos sexos, a desegualdade de educação, o predominio despotico do homem no destino da mulher; citavam-se Stael, George Sand, Girardin, apresentavam-se as opiniões intransigentes de Legouvé a respeito das mulheres escriptoras, falava-se na antiguidade com todas as mulheres celebres; recordavam-se as opiniões pouco galantes dos padres da Egreja, que como S. Jeronymo chamava ás mulheres: ignorantes e cabeçudas, ou que como S. Maximo, Santo Anastacio aiamita, S. Boaventura e Santo Ignacio respondem a esta pergunta:

Quid est mulier? com esta resposta: *a porta do diabo, caminho da iniquidade, mecha d'estopa, naufragio do homem, animal perfido, leque do diabo,* etc., etc.

O nome da auctora da *Primavera* recordava um nome muito conhecido na vida doirada de Lisboa. E faziam-se reviver anecdotas excentricas repassadas d'um certo ar cavalheiroso com que José Vaz de Carvalho sabia fazer perdoar a sua estroinice elegante: de como elle desafiára a platéa de S. Carlos atirando-lhe um masso de bilhetes de visita, indo depois esperar á porta um a um os espectadores que se afastavam cautelosos; de

como se batêra em duellos varios: com o Athayde de Leiria, em que os dois adversarios ficaram como mortos no campo; com um hespanhol adventicio á *bout portant* com duas pistolas, uma das quaes descarregada. José Vaz, a quem a sorte favoreceu, depois de esperar a bala do adversario, atirou para o ar. E ainda outros.

Suprema consagração d'um livro!

Era o assumpto de mil commentarios.

Quem o leu conserva de certo ainda as recordações da descripção cheia de frescura d'uma casita branca com que abre o livro, do quadro magistral da morte do pae de Beatriz, da scena commovedoramente melancholica do cemiterio. E n'esse tempo tudo isto se sentia muito mais, porque então o aroma penetrante do romantismo ainda embebedava as imaginações como dois goles de *haschis*.

Hoje, que é raro já o enthusiasmo, que para muitos já passou de moda Alfredo de Musset, Theophile Gautier e outros do *gilet rouge*, que Zola atira a primeira pedra a Victor Hugo, e que a critica scientifica prescreve com supremo desdem a *arte pela arte* — a leitura d'um idylio apaixonado não commove a multidão couraçada contra o sentimento.

O livro, porém, de que fallamos deixa-nos a impressão agradavel d'uma musica suave

que ouvimos ha muito tempo, e que não se confunde no espirito com a recordação de muitas leituras piegas, que hoje forcejamos por varrer completamente da memoria.

Seis annos depois da publicação d'este livro, e quando já se perguntava vagamente se teria emmudecido o rouxinol de Pinteus, começaram a apparecer no *Diario Popular* uns folhetins assignados por Valentina de Lucena, pseudonymo que principiou a intrigar vivamente, como um dominó mysterioso e cheio d'espirito no baile de mascaras da vida portugueza, onde todos se conhecem.

Por mais que em volta d'esse dominó se agrupassem os curiosos, a vêr se pela côr dos olhos, pelo tamanho da mão, pelo modo de andar, pela maneira de sorrir, por algum annel, pelo timbre da voz, podia adivinhar-se o verdadeiro nome de Valentina de Lucena, esse nome conservava-se sempre um mysterio, mysterio apimentado pela desenvoltura de espirito, certeza de mão no descarregar dos epigrammas, na graça leve e cheia de *humour,* no espalhar das ironias, no pensamento levantado e vistas largas, fazendo por vezes suspeitar o pulso viril d'um pensador, outras não deixando duvida alguma de que o *point de Venise* delicadissimo com que era rendilhada a phrase, e bordado o assumpto

devia ser tecido pela mão esguia e branca d'uma senhora. Que só ellas sabem manejar os leques d'Alençon, dobar as meadas em que tantos se prendem, ou rendilhar os periodos como eram os d'esses folhetins!

Nenhum dos vultos da scena portugueza, na politica, na litteratura, nas artes, na sciencia, passava por diante do binoculo de Valentina sem um dito ou uma ironia; ditos que intrigavam, ironias que picavam sem ferir.

Fontes Pereira de Mello, Ramalho Ortigão, o duque de Loulé, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, Julio Cesar Machado, Eduardo Vidal, Biester, Melicio, Alberto Pimentel, e muitos outros, tiveram uma phrase que lhes lisongeava o merito, ou aguilhoava um pequenino ridiculo.

Alguns respondiam; e era então que *Valentina* legitimava o seu nome entrando no combate destemida como uma *amazona*.

Estes folhetins despertaram uma certa vida litteraria, cheia de incidentes curiosos, muitos dos quaes já esqueceram.

Eduardo Vidal, que hoje emmudeceu, mas que por tanto tempo teimou em provar que era d'um lyrismo que chegava á doçura, sem comtudo consentir que os outros lh'o dissessem, por varias vezes deu aos seus folhetins um tom de polemica, em que entre a ameni-

dade da castigada prosa de que usa, deixava transparecer um tudo nada de despeito mal contido.

Guerra Junqueiro, exclama um dia, depois de ter lido umas paginas da brilhante escriptora:

O' sublime creança, ó meiga Valentina,
Quando tu de manhã, vês pastar na campina
Entre o roseo nevoeiro o Pegaso selvagem,
Atrevida e gentil como um pequeno pagem
Corres; sem medo algum bates-lhe sobre a anca,
Lanças á crina solta a mão nervosa e branca
E rindo sem fazer o mais pequeno esforço
Dás um salto elegante, e poisas-lhe no dorso.

Gomes Leal, dirigiu-lhe dois sonetos de guerra, cavalheirosamente respondidos por outros de Gonçalves Crespo.

Claudio José Nunes, um nome hoje esquecido, mas que teve o seu quarto de hora de celebridade, publicára um volume de poesias do qual Valentina disse:

«Os seus versos são primorosamente feitos a martello. São correctos, mas são duros, não teem um defeito mas falta-lhes a harmonia e a flexibilidade, insignificancias que Deus deu aos pintasilgos e que não quiz dar aos philosophos.................................

....

philosophos de cujas bocas chovem continuamente palavrões que a gente ouve e diz que entende... por condescendencia.»

E tinha razão: n'esse livro, filho aliás d'um talento que infelizmente já desappareceu, sentia-se a bigorna em que tinham sido feitos aquelles versos, por entre cujas nebulosidades se confundiam os grandes problemas sociaes com a politica de campanario.

O poeta, porém, enverga a cota de malha, e chrismado com o nome de Lucio de Valintêna, enche-se de ironias e coleras indignadas, e sae a quebrar lanças pelo seu livro, dizendo: «Se a poesia é um luxo inutil de harmonias, quando simples ejaculação de uma subjectividade enfermiça, desabrocha largamente em fructos praticos, quando responde a uma necessidade geral da alma dos povos.»

Esta era a ideia principal, em volta da qual appareciam os argumentos usados n'estes casos para provar que uma estrophe de Barbier vale mais que um volume de Alfred de Musset.

O folhetim com que Valentina respondeu a este é um modelo de bom humor na resposta, severo e senhoril na réplica.

Esta lucta entre a escola da poesia social, limitada nos estreitos horisontes que lhe marcava o poeta das *Scenas Contemporaneas,* e

a escola do bom gosto em geral, interessou vivamente a galeria, que olhava espantada este estranho combate.

Em Coimbra, no quarto lendario de Gonçalves Crespo, onde nasceu uma geração litteraria, que tem já dado tanto de si, n'esse quarto onde se passava a melhor parte da vida intellectual d'esse tempo, os folhetins de Valentina tinham um enorme exito. Liam-se em voz alta, questionavam-se, applaudiam-se, criticavam-se, eram um dos mil assumptos das palestras pittorescas d'aquelle cenaculo, cujas memorias ainda hão de fazer a fama d'um narrador, a fortuna d'um editor, e as delicias do publico, que já teve o antegosto da historia anecdotica d'essa vida na bem trabalhada biographia que Bento Moreno fez do auctor das *Miniaturas*, e no espirituoso folhetim que Bernardo Pindella publicou sobre os *Contos de Aldeia*, de Alberto Braga, um conversador impagavel, que conservou o espirito sempre vivo com que alegrava os hospedes do quarto de Crespo.

Quando o primeiro folhetim sobre as *Scenas Contemporaneas* chegou alli, além da questão palpitante, tão cheia de interesse para todos, trazia um periodo que aguçava a curiosidade dos redactores da *Folha*. O folhetim acabava com esta phrase:

«Declaro portanto que n'esta hora em que escrevo, prefiro uma gota de orvalho a um diamante, um sorriso de Heine a um ranger de dentes do propheta... Gomes Leal .....
.... e os gorgeios d'um rouxinol muito mansinho que eu conheço aos alexandrinos trovejantes do sr. Claudio José Nunes.»

Não podemos affirmar que lá dentro e bem fundo, a consciencia de cada um d'esses rapazes todos poetas e dos melhores, n'uma leve interrogativa não perguntasse a si proprio se o epitheto de rouxinol não lhe era applicado, e bem merecido; o que sabemos é que aquella declaração de Valentina augmentou ainda mais o interesse, com que os seus folhetins eram lidos no cenaculo.

Gonçalves Crespo, quando as interrogações choviam, deixava apparecer, de envolta com o seu fino sorriso cheio de ironia bondosa, um ar de mysterio, que só foi explicado quando, pouco depois, uma critica admiravelmente trabalhada e cheia de admiração da brilhante escriptora sobre as *Miniaturas*, resolveu o casamento litterario d'aquelles dois espiritos de eleição, os quaes tão bem se uniram que podem hoje demonstrar com a felicidade serena da sua vida a falsidade do mentiroso proverbio: Dois rouxinoes não fazem ninho.

A união das duas individualidades e a sua influencia reciproca, é um estudo litterario que tenta, mas que não cabe na modesta intenção d'esta noticia.

Gonçalves Crespo, que no seu primeiro e unico livro tomou um logar eminente e nunca contestado na nossa litteratura, trata agora nas suas poesias, de uma belleza intangivel na fórma, episodios historicos que tomam aspectos imprevistos, illuminados pela claridade estranha do seu talento original.

Maria Amalia Vaz de Carvalho assentou melhor o seu estylo, apurou mais o gosto artistico na escolha de assumptos, e ella, que já tinha feito dois nomes litterarios na *Primavera de mulher* e nos folhetins de Valentina, dá-nos uma terceira manifestação da sua personalidade como auctora de livros, que sahem magicamente da sua penna, ao mesmo tempo que escreve folhetins para o Brazil, e artigos para todas as Revistas portuguezas.

São dois os volumes ultimamente apparecidos com trez mezes de intervallo.

O que primeiramente nos chama a curiosidade n'um livro é o nome do auctor, o indice e o titulo.

O livro de que tratamos chama-se *Arabescos*. Se tivessemos a fortuna de o escrever

chamar-lhe-hiamos *Notas e perfis* o subtitulo, que vale mais que o de arabescos.

Não que esta simples palavra não nos traga immediatamente ao espirito um mundo quasi de phantasia adoravelmente bello. Alhambra e os ultimos Abencerrages; as largas escadarias de marmore pelas quaes parece ainda ouvir-se ao longe o som das guzlas e as vozes das houris; os estuques vermelhos e doirados arredondando-se em arcarias mouriscas sobre columnas de marmore branco, os banhos das favoritas onde se escuta correr o «crystal derretido, diamante humido que em Granada se chama agua»; a cadencia arrastada da musica arabe donde nasceram as *jotas, os tangos,* as *malagueñas,* os *fandangos,* a poesia da Andaluzia, a mais arabe das provincias hespanholas, todo esse mundo emfim sensual e voluptuoso creado por um povo rico, intelligente, amigo das artes e tendo por ideal um paraiso povoado por mulheres.

A religião, porém, d'esse povo prohibia-lhe, não sei porquê, a introducção nos seus desenhos da figura humana, o mais fecundo manancial das artes plasticas; e a phantasia ardente do arabe, privada da reproducção do corpo humano, contorceu-se em curvas caprichosas esmaltadas de côres vivas, iriadas de luz, rutilantes de ouro, palpitantes de sol,

ardentes de colorido, que são o caracteristico dos estuques de Alhambra, e dos tecidos de Argel.

No arabesco portanto não póde apparecer a figura humana, e n'este livro encontramos magistralmente desenhados quatro perfis que são por si quatro symbolos de epochas notaveis da historia. Miguel Angelo e Savonarola, dois gigantes da Renascença, o mais colossal esforço da humanidade, Goethe a expressão artistica da metaphysica allemã, Renan o idealismo sentimental, a aurora da philosophia critica franceza.

Estas figuras são executadas n'este livro com a felicidade com que Gustave Doré interpretou Cervantes, ou Daniel Vierge interpretou Michelet.

Já existiam na historia, mas passou sobre ellas um sopro sagrado que as collocou, palpitantes de vida, diante dos nossos olhos embevecidos, levados pela força do talento, que tem tal poder que dá aos assumptos exgotados aspectos novos e inesperados, que attrahem magneticamente o interesse.

Em arte nada é velho.

O talento renova tudo; desde o amor que existe, ha muito tempo, até Miguel Angelo e Savonarola, Goethe e Renan de quem já se tem dito muito.

Como conseguiu isto a auctora do livro? Collocou cada um no meio que os formou, e em que elles influiram; e alumiou o quadro com um suavissimo raio de luar — um nome de mulher — que acompanha os nomes d'esses homens dando-lhes vida e ajudando-nos a comprehendel-os.

Que bem nos leva a sentir Miguel Angelo, o espectaculo grandiosamente commovedor do seu immenso amor por Victoria Colonna! Como entramos bem na intimidade de Goethe, assistindo ao adoravel episodio do culto de Bettina, a primavera que orvalhou tão deliciosamente o inverno do marmoreo semi-deus!

Lendo estes dois capitulos do livro um em seguida ao outro, lembrou-nos entrar pela historia dentro a fazer como George Sand aos dramas de *boulevard.*

A eminente escriptora assistia uma noite n'um theatro de segunda ordem a um drama extraordinariamente enfadonho. Alguem que a visitava estranhou o seu animo para ouvir todos os cinco actos desde a exposição á catastrophe final.

—São-me muito uteis estas noites, respondeu George Sand. Faço uma enorme gymnastica de espirito porque vou mentalmente transformando o drama mau, que estou ouvindo, n'um drama bom que podia fazer.

Seguindo este processo, como desejariamos casar a fria, a pedante, a secca marqueza de Pescara que nunca teve para Miguel Angelo de envolta com as citações latinas uma palavra meiga que lhe refrescasse a alma, com o semi-deus de Weimar que só aproveitou o fragantissimo espirito de Bettina como elemento de paixão aproveitavel para uma especulação litteraria.

Dois egoistas que se mereciam!

Comtudo a aparição na vida de Miguel Angelo do vulto intelligente da formosissima viuva do heroe de Marignan, que espantava a Italia da Renascença com o gemer sonoro e litterario das suas saudades, dá um novo interesse á figura do gigante, cujo coração de cincoenta annos faz explosão ao contacto d'essa mulher, que reunia todas as superioridades do seu tempo; o nascimento, a fortuna, o talento, a formosura; d'essa mulher que elle tornou a sua musa inspiradora, e que fez conhecer ao mundo Miguel Angelo poeta, nos sonetos immortaes onde perpassa a alma colossal, que anima a grandiosa figura do Moysés, e a concepção titanica do Juizo Final.

É do encontro d'estas duas extraordinarias personalidades, Miguel Angelo e Victoria Colonna, que a auctora dos *Arabescos* fez um

quadro intensamente colorido pelas tintas abundantes do seu estylo opulento, tendo-nos antes preparado o espirito para melhor avaliarmos com o desenho, no fundo, a traços largos do meio em que elles viveram — a Italia da Resnascença.

Quem é que nunca sentiu percorrer-lhe a espinha, o estremecimento electrico das fundas commoções ao lêr o esplendido accordar da humanidade nos seculos XV e XVI?

A sciencia, a religião e a arte rasgam os véos da edade média, e abalam as arcarias gothicas das velhas cathedraes; Vasco da Gama, Colombo, Copernico e Galileu descobrem a terra e o céo; Vesale e Servet estudam a anatomia do corpo humano até então prohibida como uma irreverencia; Luthero, Calvino, Rabelais abrem poderosamente o dominio da razão, libertando-a do circulo de ferro da escolastica; Montaigne, Shakspeare, Cervantes, penetram nos escuros arcanos do mundo moral; descobre-se a imprensa, a voz da humanidade; acha-se a bussola, a luz que vae descobrir novos mundos; a Italia surge radiosa, ebria de paganismo como a vara milagrosa de Raphael, um grego: de Angelo e Vinci, dois prophetas.

E' principalmente da Renascença da arte italiana que se occupa o livro de que trata-

mos e que resumimos n'um periodo que nos parece capital: «As fórmas inflexiveis e hieraticas da arte byzantina sumiram-se na sombra d'onde haviam surgido; as figuras dolorosas e soffredoras, em que o rude ascetismo imprimira a sua garra esterilisadora, desappareceram e afogaram-se; a natureza deixou de ser a grande inimiga; o corpo humano, o bello animal vigoroso, robusto, bem proporcionado e modelado ostentou a sua nudez esplendida, a vida deixou de ser a phase transitoria, a expiação terrivel, imposta a alma nos umbraes da eternidade gloriosa; o prazer deixou de ser a tentação demoniaca a que todos tinham de fugir, ou pela qual todos tinham de perder-se; o homem libertou-se das cadeias que o prendiam ao poste inglorio do martyrio, e, possante, arrebatado, ebrio de paixões violentas, arrojou-se com bravio impulso á conquista de todos os gosos, e á expansão de todas as forças vitaes!»

E accrescenta mais longe: «Nunca houve época em que o nivel moral tanto descesse e tanto subisse o nivel intellectual das multidões.»

Esta phrase tomada ao pé da lettra podia ser assumpto de questões interminaveis. Bastaria oppôr-lhe as considerações de Michelet,

que avaliando a influencia moral da Renascença exclama: «Começou aqui um mundo de humanidade e sympathia universal. O homem é emfim o irmão do mundo. Da nova era póde dizer-se — *Deu-nos mais bondade.*

É este o verdadeiro sentido da Renascença: ternura, bondade pela natureza. O nosso grande doutor Rabelais teve tal horror ao sangue que nunca receitou uma sangria; os medicos Agripa e Wiez defenderam os feiticeiros. Chatillon defendeu Servet e fundou-se a grande lei de tolerancia. Vinci comprava passaros para lhes abrir a gaiola e gosar o espectaculo das alegrias da liberdade. A Margarida das Margaridas recolhendo em seu seio os que não tem ninho fundou em Paris o primeiro asylo para orfãos abandonados.»

Aquella phrase comtudo é profundamente verdadeira a respeito da Italia dos Medicis e dos Borgias.

Como vemos descripta com habilidade nos ultimos capitulos d'este livro a Côrte esplendida de Florença onde Cosme, Lourenço e Juliano reunem tudo quanto se possa sonhar de bello e de intelligente. Os maravilhosos palacios em cujas salas se juntam os nomes mais celebres de toda a Italia em philosophia e na arte, onde Marcilo Ficino, Christovam Landino, Pico de Mirandola questionam acer-

ca do espiritualismo de Platão e de Aristoteles; onde Policiano recita todos os versos modernos e resuscita o gosto da poesia classica latina, onde Leonardo de Vinci espalha a chuva de oiro do seu brilhante espirito encyclopedico; as galerias onde se agrupam as estatuas da antiga Grecia e em cujas paredes se espalham os frescos dos mestres modernos; as festas deslumbrantes e os banquetes pagãos onde jorram os vinhos e se entôam canções de amor; os phantasticos jardins illuminados em cujas alamedas rumorosas passa uma aragem impregnada de sensualismo romano.

E a politica dos Medicis fazia-se n'este deslumbramento, no meio do qual se ouve a voz indignada, prophetica, justiceira, implacavel de Savonarola, (que a auctora dos *Arabescos* com um raro engenho dramatico faz apparecer precedida pela romantica lenda de um amor infeliz pela formosa florentina filha dos Strozi), e que, forte na sua desgraça, se enclausura, para mais tarde vir publicamente fulminar com a sua eloquencia arrebatada, com as rajadas da sua colera, com o seu illusionismo apaixonado, a Italia immoral, dissolvente de paganismo.

A figura do apostolo está magistralmente tratada na sua personalidade melancholica e sombria; perfeitamente estudada a impres-

são immediata da sua voz no povo de Florença que o ouvia tremendo de commoção na egreja de S. Marcos, e a influencia mediata das suas predicas no estado social; religiosamente como um precursor de Luthero, politicamente como o fundador da democracia theocratica de Florença; a sua victoria sobre os Medicis, e a sua lucta com os Borgias que o anniquilam. Entre as duas scenas do drama italiano tão profundamente agitado, em que se revelam os personagens *shaskspearianos* — Miguel Angelo e Savonarola, cuja fogueira illumina o sorriso satanico de Alexandre X, collocou a auctora, um estudo suave de espirito, que se intitula — *Um episodio da vida de Goethe.*

É um estudo encantadoramente trabalhado á Taine, em que a critica litteraria, servindo-se dos processos positivos da investigação scientifica, analysa a obra do auctor e os seus actos, em presença da influencia de todas as circumstancias que formam o seu meio, raça, temperamento, clima, estado social, religioso, politico, economico, etc.

É o que vêmos nos trez primeiros capitulos d'este trabalho, em que a magestosa e serenamente olympica figura de Goethe nos apparece levantada sobre a Allemanha, que elle consubstancia e que governa intellectual-

mente. Vêmol-o superior a todas as paixões, frio perante todos os acontecimentos, indifferente a todas as luctas, mas por isso mesmo conservando a suprema belleza plastica que encantava a côrte brilhante de Saxe Weimar; a inalteravel serenidade de espirito que permittia escrever as *Affinidades electivas,* um romance frio, emquanto o Tyrol, perto d'elle, se convulsionava politicamente. Vemos esse Wolfang, o marmoreo semi-deus que passa nove annos perto de sua mãe sem ir vêl-a; que parece não ter alma, mas que faz vibrar tão profundamente a alma germanica, a qual começa a estontear com o Werther e faz cahir n'um deslumbramento ao lêr o apocalyptico symbolismo do Fausto; Goethe, que levanta no seu caminho triumphal paixões como só as póde haver na Allemanha das loiras mulheres sonhadoras, para as quaes elle tem um sorriso de benevolente superioridade com que as attrahe, para n'ellas estudar os elementos que, fundidos na forja potente do seu cerebro, se tranformam nas *Margaridas*, nas *Carlotas,* nas *Iphigenias.*

A casa em que elle habitava tinha o ar solemne e frio da sua alma.

«É nesta casa que dá calafrios (exclama a auctora do livro) e que por ventura os sente, com a alvura e a elegancia dos seus por-

ticos italianos á luz baça do sol septentrional, e onde estuda, sereno, alheio ás perturbações externas, com o olhar olympico, fito no sol, como o das aguias, o soberano intellectual da Allemanha e da Europa, que por uma tarde de maio de 1770 penetra risonha, buliçosa, entre o medo e o enthusiasmo, entre a curiosidade e a ternura, a mais adoravel de todas as figuras feminis, que envolvem como uma grinalda de flôres animadas o marmoreo pedestal do Jupiter germanico.»

Esta figura extraxagante e adoravel de Bettina Brentano, que se não fosse historicamente verdadeira, julgariamos uma concepção phantasista d'algum poeta ultra-germanico, só podia ser tratada e comprehendida, como o é superiormente n'este livro, por um espirito feminino, que sabe avaliar toda a candura, toda a honestidade, todo o perfume suavemente casto d'aquella mulher, que caminha quarenta leguas vestida de homem na almofada d'uma carruagem, para vir, louca de paixão e morta de cansaço, atirar-se ao regaço do velho Goethe, em cujos hombros adormece a sua ideal cabeça de vinte annos.

A alma d'esta creança tem um aroma estranho de flôr selvagem, que nos dá sensações desconhecidas.

O retrato que d'ella nos faz a auctora dos *Arabescos,* é apanhado em flagrante cheio de vida, palpitante de enthusiasmo. E depois de lêr essas bellas paginas, já não estranhamos tanto a paixão idolatra da neta da musa de Nieland; da irmã de Clemente Brentano, um poeta, da excentrica rapariga cujo temperamento italiano germanisado por sua mãe, passa a infancia no convivio pantheista da natureza, que ella adora, e a mocidade a escutar o echo da lenda romantica de Goethe. E achamos quasi natural todo esse romance abundante de contrastes e originalidades.

Ha uma scena profundamente commovedora, entre todas as que se referem ás relações de Goethe com Bettina, ás d'esta com o vulto suavemente sympathico da mãe do poeta, a *Senhora Conselheira Goethe;* do encontro d'este com madame de Stael, etc., falamos da adoração que Bettina inspira ao velho, surdo, melancolico, infeliz e genial Beethoven, o giganteo talento de quem a auctora diz: «um homem talvez superior a Goethe pelo genio, incontestavelmente superior pelo coração».

Quem teve já a suprema ventura de ouvir as harmonias do Mestre, quem tem a faculdade divina de saber ouvir musica de Beethoven, musica que abala o sentimento, e

eleva o espirito á comprehensão d'um mundo superiormente bello, tem de se curvar reverente deante do vulto de Bettina, a formosa e intelligente rapariga, cuja apparição amansa as tristezas irritadas d'aquelle titan infeliz, e lhe inspira uma paixão tão ardente entre os gelos da sua velhice, que o faz escrever: «Meu Deus! se como Goethe eu pudesse ter vivido dois annos na intimidade do seu espirito, que bellas e grandes coisas eu não haveria creado! Um musico é tambem um poeta: dois olhos como os seus podem transportal-o a um mais alto mundo...» E assigna-se: «O teu mais fiel amigo, o teu irmão surdo.»

Deante da grandeza d'esta alma infeliz, e da gelida serenidade de Goethe rodeado de adorações, não podemos deixar de exclamar tambem: Porque é que Bettina não preferiu entre os dois, Beethoven, o sublime, a Goethe, o egoista!

Não se limita a estes trez quadros o livro de que fallamos. Como formam porém a sua parte principal, deixaremos para mais tarde (não porque nos falte hoje a vontade, mas porque nos não sobra o espaço) os estudos sobre *Renan e a Academia, D. Sebastião* e *O Riso,* trez diamantes de tão boa agua como os outros escriptos, com a mesma sonoridade de

periodos, que tanto encanta em todos os trabalhos da auctora dos *Arabescos*.

Diz Castilho que a melhor prosa é aquella onde se encontra o maior numero de versos. E aponta exemplos nos classicos portuguezes. Se o grande trabalhador da nossa lingua applicasse esta lei á prosa da escriptora, que elle tanto admirou como poetisa, encontraria decerto na cadencia d'esses periodos harmonias *mayerbeerianas*, que só o metro pode explicar.

Deixando pois com saudades os *Arabescos*, falemos rapidamente do novo livro em que a febril actividade litteraria de Maria Amalia Vaz de Carvalho nos revela uma nova face do seu pluripotente talento.

Esse livro chama-se:

II

MULHERES E CREANÇAS

Se existe hoje um dogma universalmente acceite por todos os obreiros intellectuaes, de todas as crenças, escolas e politicas, um dogma para cuja solidez todos teem trabalhado por diversos meios, no pulpito, no livro, no

theatro, esse dogma é incontestavelmente — a utilidade da boa constituição da familia.

Podem em religião ser uns catholicos, outros livre-pensadores, em philosophia dogmaticos ou positivistas, em politica monarchicos, republicanos ou indifferentes, podem escrever *La Femme, L'amour* como Michelet, ou *L'éducation* como Mgr. Dupanloup, ser apologistas de A. Comte e Littré, ou admiradores de Joseph de Maistre e do Conde de Segur, fazer representar o *Demi-monde* e *Mr. Alphonse,* publicar *L'homme-femme, La question du Divorce, Les femmes qui tuent et les femmes qui votent* como Alexandre Dumas, ou escrever *Famille et divorce* como o padre Vidieu, e prégar *l'indissolubilité* como o padre Didon; escrever na Allemanha como Froebel, na Italia como Pestalozi, na Inglaterra como Spencer, em França como E. Bourget, todos proclamam a familia bem constituida como a base melhor das sociedades vigorosas.

O *burburinho,* discordante talvez, mas levantado n'um fim commum, da voz de todos estes homens, mostra-nos bem claro a importancia do problema, de cuja solução depende a educação das gerações d'amanhã. E por terem sido as ultimas ouvem-se ainda echoando pela Europa as vozes de Dumas,

estridentes como o aço d'uma espada, a de Didon apaixonada como o planger d'um cantico, a de Naquet positiva como o rodar d'uma machina, a de Paul Féval confusa como o toque d'um sino quebrado.

Os echos porém d'esta lucta mostram bem evidentemente a diversidade de opiniões, revelam bem o estado ainda moral e intellectualmente anarchico da familia, e as incertezas que d'ahi vêm aos systemas de educação.

Na Europa uma grande parte das familias tem uma constituição se não moral, pelo menos intellectualmente inharmonica. Isto provém da desigualdade de educação do homem e da mulher. A discussão d'esta these, hoje tão debatida em França e nos Estados-Unidos, se por vezes tem acarretado o ridiculo sobre as pretensões demasiadamente sofregas e impacientes das Louise Michel, cidadã Cadolle, Aubertine e outras, tem em compensação mostrado claramente que a bem entendida educação intellectual da mulher é o mais favoravel elemento para a boa organisação da sociedade.

Facil seria hoje demonstrar esta asserção e a possibilidade do facto, isto é, que a mulher é capaz da cultura intellectual necessaria para nivelar a sua razão com o movimento de

ideias do seu tempo, facil seria refutar uma opinião contraria que apresenta como principal argumento o facto de sobre 54:000 privilegios de invenção, pedidos desde 1701 até 1856, só seis terem sido pedidos por mulheres.

Emile Girardin, cuja experiencia de muitos annos tem sido adquirida no contacto de espiritos superiores, respondendo ha pouco a A. Dumas, demonstrava brilhantemente a faculdade quasi sobrenatural da mulher, para se transformar radicalmente d'um momento para o outro.

Effectivamente não é raro vêr qualquer costureira ou qualquer operaria, nascida e educada no meio mais selvagem e vulgar, transformar-se em quinze dias n'uma deliciosa peccadora, que sabe recostar-se languidamente n'uma *victoria* elegante, que sabe vestir-se com uma distincção superior, que nos falla do ultimo livro, que se interessa pela ultima noticia da politica europeia, que ás vezes se encontra repentinamente n'um palco, interpretando as obras primas dos genios da humanidade.

Esta intuição facil, que produz a mulher brilhante, sendo applicada a uma cultura solidamente intellectual, póde dar a mulher util, e o destino de uma sociedade depende, em

grande parte, da comprehensão que as mulheres teem da sua missão.

Todo o trabalho n'este sentido é mais um passo no caminho do progresso, e é assim que deve ser considerado o livro que se intitula *Mulheres e Creanças.*

Este livro é todo dedicado ao assumpto que o titulo indica: ao estudo da mulher, das suas virtudes, dos seus defeitos, da sua influencia no meio social, da influencia do meio no destino d'ella, na intimidade como dona da casa e como mãe.

Constitue para nós a parte mais litteraria e artistica d'este volume os cinco primeiros capitulos que abrem com um estudo da mulher portugueza desenhada nas situações distinctas, em que esta ordinariamente se encontra: a mulher do povo, a da classe média e que sôbe pelo casamento a uma esphera superior, e a que nasce n'esta classe. O estudo da classe média é um quadro surprehendente de verdade, de colorido, de observação que nos pinta a companheira ignorante, inconsciente, mas dedicada e sublime nas horas amargas do trabalho do marido e do pae, porém vaidosa, altiva e d'uma perniciosa influencia na sociedade e na familia, quando elle venceu e se elevou acima dos seus eguaes.

N'um livro escripto por uma senhora a res-

peito do seu sexo era de esperar, ou o grito revolucionario para quebrar as cadeias da pseudo-oppressão, o conhecido *ritornello* das *bas bleus,* das philosophas e das *petroleiras intellectuaes;* ou então a parcialidade opposta cheia de desdem, ou de odio cruel contra a inferioridade feminina.

Nem uma nem outra preoccupação.

«Têm-me dito por varias vezes (escreve a auctora), que eu sou feroz para com o sexo a que pertenço, que accuso com muita injustiça as mulheres de todos os males. Ora eu, pelo contrario, estou convencida de que o meu orgulho, de que a minha vaidade feminil me levam a dar ás mulheres uma importancia que mais ninguem lhes quer reconhecer. Eu digo que d'ellas provêem todos os males, porque estou convencida, talvez sem razão, que d'ellas podem provir todos os bens.»

Ora o objectivo d'este livro é effectivamente este: fazer que da mulher provenham todos os bens.

O processo empregado para isso não é pesado e maçudo como sermão de moralista de convento, é uma moral doirada que se engole como um livro de Droz; nem o resultado desejado é fazer da mulher uma puritana virtuosa semsabor e desagradavel. Para a educação feminina são n'este livro reclamadas,

mas como ornatos decorativos, as graciosas futilidades, que hoje constituem a parte principal das educações.

Essas graciosas frivolidades são absolutamente necessarias na mulher, que sem ellas faria d'esta vida uma charneca arida, do homem um animal cheio de tédio.

É por isso que um inimitavel escriptor francez exclama: *L'estime et l'amitié sont en ménage chose respectable et douce, comme le pain quotidien; mais un rien de confiture sur la tartine ne gatera rien, avouez-le!*

Mulheres e Creanças é o primeiro de uma serie de livros sobre educação, de que o segundo é um estudo, hoje quasi completo, sobre os educadores de todos os tempos.

Quem no futuro emprehender um trabalho identico, accrescentará com justiça a essa lista gloriosa o nome illustre de Maria Amalia Vaz de Carvalho.

III

A VIDA DO DUQUE DE PALMELLA

Na monographia que D. Carolina Michaelis de Vasconcellos publicou ha annos sobre Sá de Miranda, *exhaustive work*, que é hoje um

dos monumentos da nossa litteratura, apparece, no fim do volume, um mappa genealogico da familia do poeta.

Entre os nomes illustres, taes como os do 1.º conde de Penaguião, aquelle sobre cujo manuscripto se fez a 1.ª edição de *El-Rei Seleuco* de Camões, dos condes de Linhares, dos Senhores de Cantanhede, e outros que pendem d'essa arvore de costados, producto opimo do torrão portuguez, cujos ramos frondosos se estendem atravez do tempo até nós, figura o nome de Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Se a distincta escriptora não tivesse no proprio merecimento motivo sufficiente para se envaidecer, e dizer como os generaes de Napoleão: *nous sommes nos ancêtres,* este parentesco com o poeta, nobre de raça e de estirpe gloriosa, dar-lhe-hia só por si orgulho, lisongeando-a pela prosapia.

Mas se lá nos Campos Elysios, onde as sombras dos grandes mortos passeiam discreteando, eruditas, requintadas, intellectuaes, sobre os problemas do espirito, interessadas aindapela comedia humana de cuja scena desappareceram; se n'essa região onde Garrett surprehendeu a figura de Pombal, sacudindo a annelada cabelleira e assestando a lendaria luneta, curioso de saber o seguimento do des-

tino dos vinhedos do Ribatejo; se alli Sá de Miranda, o cultor dos *vilancetes, cantigas* e *redondilhas* olhar para a terra que tanto illustrou, elle é que terá decerto que se orgulhar com um sorriso desvanecido para a neta que, seculos depois, veiu illuminar com o seu talento este cantinho occidental do mundo. E, caminhando entre as sombras dos grandes homens cujo convivio lhe é habitual, irá por certo procurar junto dos estadistas, dos sabios, dos artistas, e dos finos espiritos que viveram no seculo XVIII, o perfil ironicamente espirituoso do Duque de Palmella e o felicitará, congratulando-se, por serem as suas duas prestigiosas netas, a do Duque e a de Sá de Miranda, quem o levam pela mão á estrada luminosa da immortalidade, uma arrancando com amor filial, e com patriotico empenho, do esquecimento dos archivos os documentos que dormiam, outra gravando no bronze da historia com a penna a sua figura de grande patriota e do mais sagaz diplomata da nossa epocha constitucional.

E Sá de Miranda nos Campos Elysios, orgulhoso da neta, como é costume ser-se dos avós, fará notar ao feliz D. Pedro, ao heroe da Corinna, ao querido da Duqueza de Mouchy-Noailles e de tantas outras, a elle que foi sempre o favorito da sorte objectivada

n'uma fórma feminina, dando-lhe até o destino a missão de ajudar a collocar no throno uma Rainha, fará notar que a sua apresentação á posteridade seja feita por mãos femininas, bem femininas na delicadeza dos traços moraes, porém viris e masculas na pintura do seu papel historico. É que esse monumento, mais duradouro que os de marmore, intitulado *A Vida do Duque de Palmella*, de que já estão publicados dois volumes, se honra o nome do estadista fixando de vez o seu logar na galeria dos grandes homens, honra tambem a penna que o levantou e o paiz a que ella pertence.

E d'ora em deante, a par dos nomes dos historiadores como A. Herculano e Oliveira Martins apparece o nome de Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Herculano tem a profundeza do pensamento, a critica lucida do philosopho, a vasta erudição do sabio. O seu methodo marca uma epocha no progresso das sciencias historicas, e a integridade do seu caracter moral e scientifico fixou os seus trabalhos na consciencia da nação e na de todos os que estudam a historia de Portugal.

E' o pensador.

Oliveira Martins tem o condão de dar vida á Historia, dispõe da faculdade rara de ani-

mar as figuras, sente e faz sentir a poesia das coisas e dos factos, resume as epochas em syntheses symbolicas e, dando á alma portugueza o sentimento de si propria, entra nas profundezas d'essa alma, faz soar as suas notas melancholicas, vibrar as suas aspirações generosas, pinta o desanimo com que esmorece em superstições e desalentos, o vigor com que resurge em ideias cavalheirosas, e o terror do mar tenebroso, que attrahe, que devora, e que immortalisa.

É o psycologo da nação. É um poeta da historia portugueza.

Maria Amalia Vaz de Carvalho, depois de tentear com a penna, já superior em outros ramos de litteratura, um estudo sobre a Marqueza de Alorna, traçou agora com mão segura o quadro completo d'uma epocha, e das mais difficeis de descrever, deduzindo-a das precedentes, fazendo a genealogica das ideias, marcando o nivel da intellectualidade, ligando e comparando o estado social da vida portugueza ao do resto das sociedades na Europa, estudando as qualidades, os defeitos e os ridiculos do nosso organismo, e fazendo com esse estudo o fundo proprio da tela para d'elle destacar a figura principal do seu trabalho, em toda a superioridade do talento e do coração. Do talento, mostrando a acção e

a influencia do Duque de Palmella nos acontecimentos do seu tempo, e nas sociedades em que viveu, a habilidade com que se serve dos factos, a perspicacia com que aproveita as circumstancias, a argucia com que convence os homens, o poder de seducção com que captiva as mulheres. Do coração, apresentando um Duque de Palmella intimo, que melhor explica o homem publico, e, o que constitue uma das mais felizes qualidades d'esse trabalho, utilisando em parte a autobiographia, em parte a correspondencia familiar que, por não ser destinada á publicidade, leva o espirito do leitor á convicção da sinceridade do patriotismo do Duque, o qual nas suas mais intimas confidencias ás irmãs e á mulher as informa das esperanças e dos desalentos no proseguimento da sua missão de homem de Estado. N'esses dois volumes, em que ha figuras e scenas esboçadas com arte, e um plano de estudo concebido com criterio scientifico, firma-se um trabalho de historiador. E esse historiador tem a solidez do pensamento, e a poesia da arte.

*

Maria Amalia Vaz de Carvalho não se dedica só aos trabalhos historicos. Com a mesma

penna que serenamente enche as paginas do livro, e com o mesmo espirito com que tranquillamente estuda os numerosos documentos que é necessario lêr, registar, apurar, com essa mesma penna e essa mesma intelligencia escreve febrilmente cinco chronicas mensaes para os jornaes do Brazil, porque lhe é necessario sempre, e ha muitos annos consecutivos, fazer do seu cerebro oiro para viver. Pois a par da fecundidade d'esse cerebro que tem produzido sempre, desde as sonoras e longinquas notas da *Primavera de Mulher* até aos recentes estudos sobre Ibsen, a par d'esta actividade litteraria, que lembra ás vezes o tormento de Balzac, encontra ainda ensejo para manter pontual a sua correspondencia particular, para cumprir os deveres de sociedade e para receber os numerosos romeiros da sua pequena sala de Santa Catharina, que são muitos dos homens notaveis do seu tempo.

Desde que as exigencias da vida a obrigaram, e ao marido Gonçalves Crespo, cujos versos *serão lidos emquanto houver lingua portugueza,* a abandonar Pinteus, onde, ao contrario do proverbio, dois rouxinoes tinham feito ninho, desde então em Santa Catharina, d'onde elle prematuramente desappareceu, a romaria tem sido sempre constante de ami-

gos sinceros, de admiradores devotos, de epicuristas intellectuaes, de sybaritas do espirito, em busca de impressões na alma.

É que alli ha o conforto moral, a palavra acolhedora e hospitaleira, e aquella arte sem artificio, que era o segredo das mulheres que nos seculos XVII e XVIII tiveram um salão em França, com que influiam no mundo.

Era alli que Cazal Ribeiro nas suas férias de Ministro em Madrid vinha declamar versos hespanhoes, referir sessões da Academia de Historia, casos da sociedade madrilena. E Antonio de Serpa, enrolando e desenrolando o cordão da luneta no dedo indicador, discreteava sobre os homens do seu tempo e respondia com bondosa ironia, quasi de antepassado já, ás espirituosas investidas, aos brilhantes tiroteios de Carlos Lobo d'Avila, reluzente de talento e polvilhante de graça.

Alli Oliveira Martins ia discutir theorias sociaes, e confidenciar o plano dos seus livros sempre delineados com impeccavel nitidez de trabalho.

Alli Ramalho Ortigão, exhuberante de saude physica, intellectual e moral, tem dado em leituras a impressão do seu colorante talento, descriptivo e das suas faculdades criticas.

Alli Sanchez de Moguel tem por vezes palrado em hespanhol sobre assumptos portu-

guezes, que trata na sua cadeira de professor.

Alli Sousa Martins, mais do que em qualquer outra parte, quebrava em estrellas fulgurantes o sol do seu prodigioso espirito, que elle espalhava com a prodigalidade d'um millionario.

Alli Sousa Monteiro tem lido alguns dos seus perfeitissimos poemas, dos seus cinzelados sonetos, dos seus eruditos estudos.

Alli Eça de Queiroz em noites concorridas encantava as senhoras com as suas paradoxaes phantasias, ou, nas de maior intimidade, lia trechos dos seus romances, que representava ao mesmo tempo com a voz e o gesto.

Alli João da Camara recitou, com voz que era musica, peças theatraes, algumas em prosa, que se diriam feitas de versos.

Alli Antonio Candido, cuja palavra eloquente tem lampejos na tribuna da Camara, e conceitos profundos na Academia, amolda a voz á conversa e interessa com a fluencia do seu espirito, tão superiormente dotado, a sociedade, que o ouve, captiva e presa do seu dizer.

Alli o Conde de Ficalho, na sua multipla e prestigiosa personalidade de sabio, de mundano, de homem de lettras e de erudito, en-

controu a atmosphera propria para a leitura d'um capitulo do seu *Pero da Covilhã*.

Alli D. Antonio de Lancastre, que a par da profunda sciencia medica e superior tacto clinico tem a agudeza de vista com que autopsía almas tão facilmente como disseca musculos, e faz diagnosticos psychicos tão claros como os physiologicos; alli traz elle por vezes á conversa um conceito subtil, uma phrase lapidar, uma ironia incisiva que define espirituosamente uma situação, ou synthetisa um feixe de ideias.

....

E se estas paginas não tivessem um limite, que prazer não seria ir recordando as noites de Santa Catharina em que Barros Gomes, Eduardo Burnay, Christovão Ayres, Cyrillo Machado, Eduardo Prado, Luiz d'Almeida, Teixeira de Queiroz e tantos outros, concorreram com o seu espirito para tornar aquella pequena sala uma das poucas que fica na historia das ideias do nosso tempo.

*

Santa Catharina nunca foi propriamente um *salão* no sentido que a França dá a esta palavra. Nunca houve nem da parte de quem

recebia, nem dos que alli têm concorrido, a pretensão de influir na politica, na philosophia, nas lettras, de erigir essas reuniões em cenaculo, ou tornar essa sala uma instituição social.

E se da desenfastiada conversa d'essa sociedade quem lá vae se desprende, como alguem disse do *hotel* de Rambouillet *et de ses entretiens, d'oú l'on sortait comme des repas de Platon l'âme, nourrie et fortifiée,* nunca houve alli como nos famosos salões da celebre Marqueza, da sua filha Julie d'Angennes, e no de M.elle de Scudéry o espirito de preciosismo, cuja imitação mereceu os epigrammas de Moliére.

Nunca Maria Amalia teve tambem a *affectação* d'uma Madame de Brionne que, desprezando homenagens litterarias, e ostentando um desdem de *grande dame* pelo *perfume do verso*, não se dedignava fornecer aos convidados dos seus jantares, o acepipe d'um conto lido por Marmontel, que marejava de lagrimas os olhos languorosos dos mais sensiveis ouvintes. O tom litterario que por vezes tem reinado na sala de Maria Amalia Vaz de Carvalho não é a pedantesca e doutrinaria atmosphera que afasta com tédio os que não estão iniciados, e faz sorrir os que têm a superioridade de se es-

quivarem a assembléas de sabichões e sabichonas.

Alli, se a alta figura intellectual da dona da casa leva por vezes os espiritos a assumptos intellectuaes, e se, *dans l'ivresse du verbe:*

On part tout amoureux soûlé du vin des mots
Au pays chimerique on dansent les Idées,

tambem é certo que no correr da conversa, não é raro ouvir a um dos assistentes a receita para melhor temperar uma caldeirada, a indicação do mais seguro mercador de panno crú, ou o caso do dia, e a anecdota mundana contada sem arrebiques nem intenções litterarias. E é até de admirar como o grande espirito de Maria Amalia, cujo talento tem sido occupado nos mais complicados problemas do pensamento humano, e tantas ideias tem agitado nos seus numerosos livros, se compraz e tem por ambição conhecer os segredos do governo da casa, ou os do ponto de *crochet.*

Seja porém, n'estes assumptos comesinhos, que com ella se converse, ou então se lhe escute a opinião, sempre apresentada por uma fórma original e pittoresca, o que é certo, é que no dialogo que ella sabe fazer viver, pelo modo como exprime ideias e pelo

segredo de *saber escutar* com o olhar penetrante e intelligente, se lhe sente a par do grande espirito um grande coração, e de junto d'ella se sahe *comme des repas de Platon l'âme nourrie et fortifiée.*

Antonio Candido

Quando ha tempo fui visitar o decano dos nossos diplomatas (1) no hotel Durand, onde em cada fim de outomno se hospeda, e quando ao cumprir esse dever social, recebia o prazer sempre bemvindo de sentir no seu espirito a frescura e acuidade de conceitos, que o devolver dos annos não emmurchece, e a experiencia da vida pelo contrario revigora, a conversa orientou-se naturalmente no sentido da apreciação dos factos que n'esse periodo mais preoccupavam a opinião publica em Portugal.

Curioso de saber a impressão que esses acontecimentos teriam produzido no meio especial onde a sua actividade se emprega, e a sua observação se applica, e de conhecer a proporção que, á sua vista affeita a olhar de longe o viver de Portugal, esses factos, e os que mais affectam o nosso organismo

---

(1) Miguel Martins D'Antas, Embaixador em Roma.

social teriam tomado, expuz-lhe as apprehensões pessimistas com que mais ou menos todo o portuguez vive acabrunhado, repeti-lhe os threnos propheticos dos Jeremias cá da terra, as lamurias dos Heraclitos do nosso soalheiro, e ao passo que lhe ia indicando os pontos que á minha vista tambem se afiguravam negros, no seu sorriso ia-se desenhando aquelle traço consolador com que os medicos perspicazes sabem tranquillisar os doentes imaginativos, e, depois de me referir o que sobre o assumpto da actualidade pensava, terminou n'um theorema optimista que, embora de apparencia paradoxal, é comtudo na sua essencia verdadeiro.

«... porque, acredite o meu amigo, se a nossa patria não é hoje o Portugal do começo do seculo XVI, pode entretanto considerar-se o paiz mais feliz da Europa, o paiz mais feliz do mundo.

É senão, veja. A Hespanha perde as colonias n'uma guerra desgraçada, e a sua politica inteira não dá uma previsão risonha para o começo do novo reinado.

A França encontra-se a braços com uma crise social e economica, e vê-se obrigada a dispender esforços consideraveis, e energias poderosas, no intento de conservar uma alliança, que contrabalance o peso da triplice.

A Belgica sente o cancro socialista roer-lhe a prosperidade economica, ameaçar-lhe o futuro industrial, e atrophiar-lhe a expansão colonial.

A Allemanha tem de gastar metade da sua força vital na manutenção d'um exercito, que lhe assegure a paz interna sempre ameaçada por mil reivindicações sociaes ou politicas, que mantenha em respeito malquerenças de vizinhos, e que lhe fortaleça o poderio que a sua ambição tende a conquistar em Africa e no Oriente.

A Inglaterra, no auge da sua fortuna, na plena expansão do seu dominio, o maior que a historia regista no mundo, mais consideravel que a dominação romana, mais effectivo que o de Carlos Magno, sente essa mesma exhuberancia ameaçar-lhe a saude social, e o imperialismo provocar-lhe em Africa uma guerra que lhe suga uma porção preciosa do seu sangue.

Á Russia com o movimento revolucionario latente, e a questão do Oriente; á Italia com a questão religiosa e a crise economica; á Austria com a sua paz interna apenas dependente da vida tão precaria do velho Imperador; a todas não faltam motivos de preoccupação, emquanto Portugal conserva intactas as suas colonias depois de ter organisado com exito

brilhante algumas expedições que lhe consolidaram o seu dominio e augmentaram o seu prestigio; goza de bem estar economico e as suas industrias progridem; a vida do operario é relativamente feliz e por isso as reivindicações sociaes não teem razão de ser; as suas relações externas são pacificas e cordeaes; e no interior não ha qualquer fermento que envenene as origens do seu organismo; os partidos politicos embora malsinados e increpados cumprem a sua missão constitucional, e são dirigidos por dois homens que se impõem ao respeito do paiz e á consideração dos governos estrangeiros; a dymnastia está assegurada por fórma que esse elemento essencial na vida d'uma nação, cujas tradições são monarchicas, dá garantias auspiciosas... creia o meu amigo, Portugal é uma nação feliz.»

Fez-me bem ouvir essas impressões na bocca d'um velho, tonificou-me essa aspersão de optimismo, refrescou-me esse burrifo de satisfação nascida na experiencia que dá a vida e a observação á distancia.

E embora eu não seja por indole um desconsolado, aquelle criterio fortificou-me e ajudou-me a demonstrar a outros, que o são, as condições da vida e prosperidade que possuimos, não só em comparação com alheios

males, mas em absoluto, para a evolução biologica da nossa existencia social.

Um dos elementos mais preciosos d'essa vida é a actividade intellectual em todos os ramos do pensamento. E não seria difficil por uma simples resenha das publicações apparecidas nos ultimos dez annos, demonstrar que na litteratura, na historia, nas sciencias sociaes, politicas e naturaes, a nossa vida cerebral não se atrazou no *record* com os outros centros cultos da Europa; que entre os homens de valor do nosso tempo possuimos, e honramo-nos com personalidades que se distinguem e se destacam entre as mais illustres.

Dos nossos contemporaneos uma individualidade que, sem duvida, tem um logar de honra reservado na gloriosa galeria, é a de Antonio Candido.

*

Se de um canto a outro de Portugal, se desde a mais remota aldeia sertaneja até ao mais culto salão de Lisboa se disser «o grande orador portuguez» é inutil nomeal-o, que a todos os espiritos accode o nome de Antonio Candido. É que nas occasiões em que a sua palavra, sempre inspirada nos mais altos ideaes, e aquecida pelas mais nobres paixões,

vibra ardente, e echôa em periodos sonoros, sente-se correr sobre as assembléas, que o escutam, o fremito mysterioso, a onda magnetica, que transmitte aos auditorios o arrepio das espiritualidades superiores, a corrente electrica das ideias que se communicam, o *quid* que atravessa todos os cerebros, e faz estremecer todos os corações.

Comprehende-se a fabula de Orpheu com que a mythologia poeticamente symbolisou o poder da eloquencia, percebe-se como ao magico som da cithara encantada todas as forças da natureza se curvavam submissas, cediam inermes, ou se determinavam, impellidas por uma força occulta, que as dominava.

Ouvindo Antonio Candido comprehende-se o phenomeno tão conhecido na psychologia das multidões hypnotisadas pelo verbo humano, sente-se como a Grecia, o povo mais intellectualmente esthetico que tem existido, se deixava arrastar ás guerras da Macedonia pela eloquencia demosthenica, e como a alma do Lacio impressionada com as orações de Cicero, cuja palavra representa a mais pura expressão da latinidade, e cujo espirito synthetisa todo o poder da dialetica no *forum*, se deixa subjugar pelas violentas diatribes no Senado contra Catilina, e contra Antonio nas suas assombrosas *Philipicas*.

A eloquencia é um dom que encanta, é uma força que domina, e o orador um ser privilegiado. Como porém na nossa vida rotineira o exercicio da palavra é muitas vezes limitado pelas circumstancias, minguada seria a funcção social do homem eloquente, se os seus recursos intellectuaes estivessem apenas circumscriptos á faculdade de fallar.

Antonio Candido, porém, não é só o orador, que hoje na Peninsula não tem equivalente.

Professor, jurisconsulto, escriptor, estadista, elle tem deixado um sulco luminoso em todos os campos que o seu talento tem lavrado. Em todos o seu merecimento está assignalado por monumentos, consagrados por testemunhos publicos, e o que mais vale ainda é que no sentimento dos seus contemporaneos, n'esse tribunal tão severo e ás vezes tão terrivel, que é a consciencia publica, elle tem o respeito que impõe o caracter impolluto e um coração da mais fina tempera.

Da sua superior competencia como professor são padrões desde que se doutorou em 1878 as suas memoraveis licções de Direito Publico e Direito Administrativo. Do seu merito academico dizem os echos dos discursos proferidos na Academia Real das Sciencias, entre os quaes resahe o elogio de El-Rei D. Luiz em 1890.

A sua carreira politica está assignalada por triumphos desde a primeira eleição a deputado em 1880, até que, tendo sido ministro do Reino em 1891, agora no presente anno foi chamado ao mais alto tribunal politico, sendo nomeado Conselheiro d'Estado.

Em 1896 foi nomeado Procurador Geral da Corôa, e se o exercicio d'este elevado cargo é por sua indole velado aos olhares da multidão, nem por isso os seus serviços deixam de assignalar-se por uma fórma notavel. Mas o que não é reservado e bem alto attesta o grande valor intellectual de Antonio Candido é a longa lista das suas publicações d'entre as quaes avultam:

Principios e questões de Philosophia politica, 2 volumes; *Orações funebres*, 1 volume; *Discursos e conferencias,* 1 volume; *Discursos parlamentares,* 1 volume; *O 4.º centenario do Descobrimento do Brazil,* discurso proferido no Porto em 1900; e outros ainda que se acham no prelo.

Seria tarefa lisonjeira, embora de grande folego, e difficil desempenho, fazer a critica litteraria e philosophica de cada uma d'estas obras, e, traçando a curva luminosa do espirito do seu auctor no horisonte intellectual da nossa epocha, unificar as obras de Antonio Candido n'uma synthese que evidenciasse a

sua influencia no meio social, no meio em que vive.

E seria tambem interessante estudar, n'esta cadeia interminavel que é o pensamento humano, a parte que tiveram na formação da philosophia as influencias dos grandes espiritos com que o seu foi educado; o methodo de Descartes, o positivismo de Comte, o racionalismo da escola allemã personalisada nas quatro fortes columnas que se chamam Kant, Fichte, Shelling e Hegel, a obra de Herbert Spencer na sua Estatica Social e nos seus dez volumes de *Systema de philosophia,* a critica historica de Taine, a consoladora theoria de Darwin, e o sopro agitador de ideias que vem dos encyclopedistas até aos nossos dias.

Essa tarefa, porém, não cabe nem nos estreitos limites d'este artigo, nem talvez nos bicos ainda mais estreitos da minha penna.

Assim como o retrato, que estas linhas acompanham (1), fixa apenas um momento da sua vida physica, e um estado passageiro da sua physionomia expressiva, assim este artigo não pode ser o retrato fiel da sua alta

---

(1) No jornal em que este artigo foi em tempo publicado.

estatura moral, nem o estudo perfeito da sua intellectualidade complexa.

Testemunha da sua vida, apreciador das suas qualidades, admirador do seu talento, visto que a faculdade de admirar não exclue em mim o criterio justo que avalia do merito, sem a venda da amizade que cega, nem as lentes que avolumam o objecto observado, eu posso sem ser accusado de exagero vaticinar que a personalidade de Antonio Candido, assim como representa já uma gloria do nosso paiz, tem uma missão superior a cumprir no futuro da patria portugueza, a que o seu coração tanto quer.

Conde de Ficalho

Entre os espiritos cultos do meu tempo, um dos mais privilegiadamente dotados pela natureza, foi sem duvida o do Conde de Ficalho.

A classificação dos homens de valor pode fazer-se separando-os em: *nonotypicos e polytypicos.*

Os primeiros são os que, seguindo de preferencia uma ideia, possuindo-se de um sentimento, abraçando uma crença, dedicando-se a um movimento social, olham só a direito para deante de si, não distinguem os cambiantes da alma humana, teem a intransigencia no crêr e o impulso violento na acção. São os heroes e os precursores; são os especialistas na sciencia e os evangelisadores da fé; são os sectarios, os santos, os martyres.

Os outros abraçam no seu conjuncto o mundo do pensamento. Na sua retina facetada reflectem-se todas as imagens circum-

jacentes; a sua sensibilidade é um instrumento delicado em que vibram todas as correntes da harmonia universal; avaliam com independente criterio os motivos da religiosidade nas raças humanas; olham com serena e intelligente curiosidade todos os esforços dos partidos sociaes que aspiram ao intangivel bem-estar. São os encyclopedistas, os artistas, os sabios generalisadores, os homens de estado, os diplomatas.

A este segundo grupo pertencia a personalidade tão completa do Conde de Ficalho, que além d'isso era entre os *polytypicos,* um pluriforme.

E de facto em sciencia era egualmente notavel na clara exposição das licções na sua cadeira da Escola Polytechnica; nos escriptos a um tempo instructivos e encantadoramente agradaveis da *Flora dos Lusiadas,* das *Plantas Uteis,* do *Garcia da Horta,* do *Portugal Agricola,* etc.; na resolução dos problemas economicos que foram assumpto dos seus discursos; na superior comprehensão da critica historica de que resultou o seu *Pero da Covilhã;* no conhecimento profundo das ideias geographicas e scientificas dos seculos XV e XVI; finalmente nas investigações historicas, ethnographicas e philologicas com que enriqueceu este seu tão querido jornal, *A Tradi-*

ção, que hoje lhe honra a memoria. Em bellas lettras ler-se-hão sempre com prazer, emquanto se ler portuguez, não só os seus contos, modelos no genero, como tambem muitos dos artigos espalhados em jornaes e revistas, e que decerto mais tarde serão reunidos em volume.

Versos, posto que os não publicasse, ouvi-lhe alguns e de excellente fabrico. Seduzido pela musa elegantemente sentimental de Musset, e attrahido pela extranha poesia de Baudelaire, os seus versos, com o sabor portuguez, tinham o perfume acidulado das *Flôres do mal* e a dolente cadencia das *Noites.*

O sentimento da natureza traduzia-o elle em paysagens que Silva Porto applaudia, e em desenhos que as leitoras da *Revista Contemporanea* admiravam, assignadas pelo seu nome de Francisco de Mello.

E, nas palestras da intimidade dos amigos, entre os esfusiantes paradoxos de Eça de Queiroz, e a profunda e encantadora licção de Oliveira Martins, a maneira do seu talento — verdadeiro poder moderador — dera-lhe pelo expontaneo consenso do grupo, e sem preceder eleição, a presidencia dos *Vencidos da Vida.*

*

Não me cumpre tracejar aqui em tamanho natural o retrato do homem notavel que acaba de desapparecer de entre nós, nem o podia fazer pelos motivos melindrosos que já expuz, a quem tão amavelmente me convidou para o retratar nas paginas da sua bella revista *Brazil-Portugal*.

Estas linhas são apenas um tributo e uma homenagem.

Seria, porém, incompleta se não commemorasse uma particularidade do caracter do Conde de Ficalho.

Quem o via passar na rua um quasi nada altivo na sua superioridade, ou reparasse no modo como n'uma sala respondia indifferente a lisonjas balofas ou adulações banaes, quem notasse o seu apparente desinteresse e o desdem com que apreciava manifestações de expansiva cordealidade meridional, julgaria por certo que elle era um frio, um egoista, e que o seu poderoso cerebro concentrára toda a actividade n'uma vida intellectual, roubando o calor ao coração.

Pura illusão!

Se lhe repugnava prodigalisar demonstrações de affectuosidade artificial, reservava

comtudo a amizade de bom quilate para aquelles a quem n'uma rigorosa selecção escolhêra.

E se Portugal lamenta hoje a perda d'um dos seus homens de talento mais notaveis, os amigos soffrem com a falta do grande coração que d'entre elles desappareceu.

Sousa Martins

O poeta da medicina

Entre as epochas remotas em que, no Egypto, na Assyria, na Persia, e ainda mesmo n'este canto da Peninsula occupado pelos Turdetanos, o doente era exposto á porta da sua habitação, na rua e nas estradas, para que aquelles que passavam lhe dessem conselho ou remedio; e o dia de hoje em que o enfermo, mesmo o miseravel mais infimo dos bairros excentricos de Londres, é tratado n'um sumptuoso hospital pelas summidades medicas mais altamente cotadas no mundo da sciencia, e confortado pelas mais elegantes mulheres da aristocracia ingleza, as quaes, filiadas nas associações de enfermeiras, exercem, com o uniforme das *nurses,* esse caridoso *sport* de passarem mezes da sua vida entre os horrores das operações cirurgicas, e a sinistra atmosphera das febres infecciosas; quantos têm sido os esforços da sociedade e do individuo para minorar o soffrimento

d'esse ente, ainda hoje tão ignorado e mysterioso — o animal humano!

E, desde os sacerdotes de Hermes, a mais antiga divindade medica dos Egypcios, desde os adoradores de Esculapio, que teve um dos seus templos alli onde hoje está a Egreja da Magdalena em Lisboa; desde os discipulos de Asclepiades de Prusa que classificaram as molestias em «strictas», «laxas» e «mixtas»; desde os cultores da Theosophia «astrologos» ou «magos» que, seguindo Zoroastro, explicavam os phenomenos naturaes pela influencia dos espiritos bons e máos; desde os Essenios e Cabalistas, em cujas cerimonias entravam palavras e figuras chaldaicas, persicas e phenicias; e desde o charlatão inconsciente meio feiticeiro meio sacerdote que, invocando os poderes sobrenaturaes de qualquer divindade, ou socorrendo-se do conhecimento das forças occultas da natureza, ministrava ao doente supersticioso e ingenuo, o amuleto, o talisman, a droga, ou ella fôsse a «rosa cão» que curava a hydrophobia, ou o famoso «licôr das cem hervas» cujas virtudes eram infalliveis, ou plantas medicinaes que os druidas sacerdotes de Bel faziam crescer, ou o *gui* que elles semeavam no tronco da arvore sagrada, ou os ovos de serpentes entrelaçadas, ou as «dormideiras» de que se extrahia

o opio, as beldroegas recommendadas nas inflammações da «uvula», o funcho que aplacava as nauseas, e a triaga celebre inventada por Andromaco, medico de Nero; desde o escravo forro da Roma culta, da bruxa da edade média, e de todos os *Diafoirus* da galeria de Molière, até o medico moderno, que possuindo toda a sciencia do seu tempo conhece as infinitas modalidades do corpo humano nas suas manifestações pathologicas, e sobretudo sabe quanto é grande o mundo que ignora, e presente o insondavel abysmo da ignorancia humana; desde que ha humanidade, que o mesmo é dizer desde que ha soffrimento; e desde que começou a tentativa de o diminuir; como é variavel a escala dos seres empregados no ataque da dôr e da doença!

É Esculapio que, tendo vivido uns quinze seculos antes de Christo, e sendo já antigo quando Homero o cantava, a tradição mythologica nebulosamente divinisou. É Hippocrates o lendario sabio de que proveiu a seita dos «Dogmaticos». É Celso o autor dos oito livros, o qual desprezou as praticas supersticiosas. É Julia Saturnia, a excellente medica natural de Merida, que floresceu no seculo primeiro de Christo.

É Galeno, o sabio de Pergamo, que foi

medico de Marco Aurelio. São os «archiatras» não só «palatinos» destinados á côrte e patriciado romano, mas tambem os «archiatras populares», como quem diz cirurgião d'aldeia, espalhados pelas terras do vasto imperio. É Abrun, o celebre nestoriano, que primeiro descreveu as «bexigas», e os Baktischwab tão queridos e apreciados na Côrte dos kalifas e na escola de Bagdad. É o celebre Ali, chamado o Magico, e Avicenna o prodigio, que aos 18 annos possuiu toda a sciencia, cujas curas o tornaram celebre, e cuja influencia prevaleceu longo tempo na medicina entre nós, sendo ainda ha pouco mais de um seculo objecto de uma cadeira na Universidade de Coimbra.

E' o «judeu» que, physico, astrologo ou alchimista atravessa a historia de Portugal tratando nas epidemias de peste, explicando, entre mestre e propheta, a influencia da conjuncção dos planetas, propinando venenos ou destruindo o seu effeito, e distillando no laboratorio as hervas de virtudes maravilhosas.

É mestre Guedelha o astrologo de D. Duarte. É Garcia da Horta o sabio auctor dos *Simples.*

Na Côrte é o Physico-mór, nas aldeias o modesto sangrador, ou o proveitoso «Endireita».

E de toda essa vasta galeria em que na historia da humanidade figura o medico, apparece-nos com vicissitudes varias no conceito dos homens a quem elle vae dando a illusão de saude, ou uma segurança subjectiva de protecção sobrenatural.

N'alguns povos é adorado, deificam-n'o elevando-lhe templos. N'outro é o escravo desprezivel encarregado de praticar as operações cirurgicas. Aqui é sacerdote respeitado, intermediario entre a divindade e a humanidade doente, para dar allivio e conforto. Além é o mercenario a quem se paga, se cura, a quem se castiga ou se mata, se deixa morrer o doente. Elevam-lhe estatuas, como Trajano as elevou a C. Celso, ou degradam-n'os ao ponto de os baixarem á condição de ministrarem os perfumes nos voluptuosos banhos e thermas de Roma na decadencia. A legislação romana concede louros e privilegios aos medicos, o codigo wisigothico não lhes permitte sequer sangrar mulher «ingenua» senão em presença de algum parente, vizinho ou escravo de probidade. E modernamente, depois que o seculo XVIII os caricaturisou vestidos com o traje classico, de seringa em punho e ôcas palavras latinas proferidas com solemnidade balofa, o seculo XIX quasi sem transição, e unicamente em resultado da re-

volução operada nas sciencias naturaes pelos Bichats, pelos Claude Bernard, e outros; colloca-os no pedestal da consideração publica; eleva estatuas a Jenner, o inventor da vaccina, consagra monumentos a Pasteur, que sem ser medico deu á medicina um tão poderoso impulso; prodigalisa manifestações a Kock, o descobridor do famoso bacilo; e entre nós funde em bronze a figura de Sousa Martins que, a par de Manoel Bento, foi quem mais brilhantemente personificou o clinico moderno.

Nas sociedades de hoje, a influencia social do medico só se póde comparar á poderosa força do director de consciencias nos seculos de preponderancia theologica.

E de facto, ao respeito que o valor scientifico lhe dá nos espiritos cultos e nas collectividades sabias em que exerce uma supremacia incontestavel, corresponde nas familias o affecto e quasi culto por aquelle que traz allivio ás dôres, conforto aos desequilibrios psychicos produzidos pela nevrose moderna, saúde aos filhos debilitados, energia ás mães desalentadas, força aos paes para ganharem o pão quotidiano.

Emquanto outros sabios naturalistas accumulam nos seus laboratorios elementos para o progressivo caminhar da sciencia humana,

e vão descerrando com a sua vista aguda e os seus dedos delicados os segredos insondaveis da natureza, este, juntando mais um ponto nas innumeras applicações de electricidade; aquelle penetrando com a luz as profundezas do mar onde a vida de seres ignorados revela novas manifestações; est'outro sondando com instrumentos aperfeiçoados as regiões siderias no intuito de descobrir novos planetas ou verificar os erros de calculo na gravitação universal; e ainda outro juntando uma nova theoria para a explicação dos multiplos problemas das sciencias; o medico, o investigador do animal humano, estudando esse ente ainda tão mysteriosamente envolvido em terriveis interrogações, observa-o e segue-o na sua evolução desde que elle adquire esse «quid» a que se chama «a vida», e se desenvolve na actividade do crescimento, e se manifesta nos seus desequilibrios psychicos, que são os brilhantes clarões de genio, ou sinistros relampagos de loucura, até que é invadido pelos germens morbidos que activam a ruina e conduzem o organismo ao seu termo fatal — a morte.

N'essa tarefa de estudo do animal homem, e na lucta com a natureza para o eximir ao padecimento e á dôr, os medicos, uns mais dedicados ás especulações puramente doutri-

narias de gabinete, de theatro anatomico, de enfermaria; outros mais entregues á quotidiana actividade da applicação dos principios e observações na consulta e tratamento de doentes; estes ainda divididos entre os especialistas e os polyclinicos, manifestam-se em curiosas variedades e typos cuja descripção seduziria quem com mais vagar, e outras intenções differentes das que inspiram estas linhas, quizesse reunir n'um album as physionomias das individualidades medicas da nossa edade, e quizesse registar os traços dos Principes da sciencia moderna.

Que variedade de typos! O principiante, ainda influenciado pelas theorias da eschola, avido de celebridade, e de casos sensacionaes que o ponham em relevo, presentindo em cada doente o clarim que o evidenceie; o curioso, que tem por unica ambição a observação da doença interessante, e para quem o doente é antes que tudo o exemplar pathologico que lhe manifesta um caso curioso; o altruista, que impressionado pelo soffrimento alheio tenta servir-se dos conhecimentos adquiridos, e da porfiada experiencia para minorar a dôr; o mercenario, que em cada cliente procura apenas o meio de adquirir fortuna; o sabio consagrado pela fama, que no fundo do seu gabinete se divinisa

para a numerosa clientela, a qual espera soffredora e paciente na ante-camara do deus a palavra que lhe cae dos labios n'um diagnostico vago e n'um conselho fugitivo; o professor, que pontifica solemne e cathedratico perante os discipulos com dogmatismo de *magister* incontestavel; o consultor das vaporosas queixas femininas, que funda toda a sua therapeutica na satisfação dos caprichos, e tem a palavra propria e o conselho adequado para cada caso de consciencia morbida e de pathologia moral; o clinico de aguda intelligencia, que possuindo um cabedal avultado de saber, e aquelle forte poder moral que impressiona as almas e arrasta as vontades, tem na sua idiosyncrasia a *vis curantur,* que nas edades historicas produzia os milagres, sabe applicar o remedio opportuno e inspira a confiança salutar. Este é para o doente o sabio que cura e o amigo que consola, e os seus recursos de pharmacia vão, desde o caustico mordente, até á palavra animadora inspirada na psychologia atormentada do paciente.

*

D'esta ultima especie de que por fortuna ainda restam á humanidade exemplares per-

feitos, um dos mais perfeitos foi sem duvida Sousa Martins.

Da mesma fórma que não existe em todo o arsenal dos processos artisticos a maneira de traduzir com verdade a superficie movediça do mar remexido em ondas pela força magnetica da lua, ou as aguas dos pequenos lagos encrespados pelo nordeste, e que, nem o pincel, nem o lapis, nem o escopro, nem a machina photographica podem retratar as convulsões do oceano, ou revelar as graciosas ondulações dos paúes; assim, tambem é impossivel á penna do escriptor formular em palavras a physionomia intellectual de Sousa Martins, cujo talento tinha não só a profundeza das vagas e a vastidão do pélago, agitado pelo iman da sciencia em busca da inachavel verdade, mas tambem o voluptuoso balancear dos golphos ondulantes da Italia e da Grecia, onde se embalam as aspirações tremulantes da Arte na sua anciosa procura do Bello!

Se se torna impossivel fixar e definir a complexa individualidade cerebral e affectiva de Sousa Martins, este livro (1) dará comtudo

---

(1) O livro *In memoriam,* consagrado a Sousa Martins.

alguns dos traços caracteristicos da sua tão bella personalidade.

Outros, no decurso d'estas paginas darão com pennas experimentadas uma ideia do valor scientifico do mestre.

Eu tentaria, se podesse, revelar uma das faces do pluriforme crystal, que foi a sua alma.

Sousa Martins era um poeta. Não na significação restricta que se liga commummente a esta palavra. Nem versejador, nem escravo do metro, do rythmo, da rima, da tyrannia dos endecassylabos, ou dos alexandrinos, posto que não passasse despercebida ao seu ouvido attento a belleza musical da palavra, na sua manifestação mais sonora, que é o verso.

De uma vez, lembra-me até, que, escutando uma poesia, que lhe estava lendo Sousa Monteiro, um dos seus dilectos amigos, elle lhe notou com singular perspicacia artistica, além da felicidade da concepção d'esse trecho, uma desconhecida cadencia, que lhe dava uma sensação nova e agradavel nas estrophes.

Effectivamente o illustre auctor dos *Poemas* e dos *Sonetos*, lia-lhe, sem o prevenir, uma poesia em que a sua experimentada technica introduzira um rythmo novo. E, á

aguda e intelligente attenção de Sousa Martins, não escapára a parnasiana intenção do poeta.

Outras vezes em casa de Gonçalves Crespo, onde o mestre improvisára umas prelecções semanaes de biologia, que, se fossem dadas á estampa fariam a reputação d'um professor, não era raro, ao findar a licção, que o pequeno auditorio escutára, deslumbrado pela palavra refulgente com que Sousa Martins a animára, vel-o reclamar a féria do seu trabalho, que elle exigia lhe fosse paga ou pela leitura d'um artigo scintillante de graça de Valentina de Lucena, ou pela recitação d'uma das lapidares poesias do auctor dos *Nocturnos* então a sahirem do prélo.

O seu espirito vivo saboreava, com paladar de verdadeiro sybarita intellectual, as sonoridades dos periodos nervosos de Maria Amalia Vaz de Carvalho, e as impeccaveis estrophes do poeta das *Miniaturas*. Então, na physionomia expressiva reflectia-se-lhe a impressão d'arte que só faz vibrar as naturezas de eleição, e a sua palavra traduzia em conceitos ricos de imagens a critica segura, com que o seu temperamento sublinhava as bellezas do trecho escutado.

A palavra de Sousa Martins era sempre imaginosa, e na prodigalidade com que es-

palhava talento, já na cadeira do professor, já nas palestras academicas, já na tribuna de orador, já nas conversas familiares havia o calor e o pittoresco, a vibração e a graça, que inspira o artista namorado da fórma. N'elle a profundeza do pensador casava-se com a phantasia alada do poeta.

A «poesia das coisas» que mais o seduzia não era, porém, a que resalta dos sentimentalismos romanticos, dos amorosos devaneios das almas ingenuas, das mysticas cogitações dos ascetas e dos monges, dos arrôbos apaixonados das virgens sacrificadas pela fatalidade, da tristeza morbida dos temperamentos depauperados. Detestava a pieguice, aborrecia o convencionalismo assucarado, a sensebilidade affectada.

O que de preferencia attrahia o seu espirito era a poesia do horrivel, a belleza macabra dos corpos que se decompõem, o virus a corroer o organismo vivo, a pustula a invadir a carne sã.

Para alguns o «sexto sentido da arte» manifesta-se principalmente na impressão intensa nascida d'uma paysagem, n'um pôr de sol nos soutos da Beira; no correr do Mondego entre os choupaes de Coimbra á hora a que em tempos idos os sinos de Santa Clara e das Therezinhas soavam as «tristes», e as raparigas

iam ao Caes biblicamente encher os cantaros; na alegria das romarias minhotas e dos arraiaes saloios; na serenidade arabe da leziria ribatejana, á hora em que as manadas ruminam lentamente e o campino espalha o fumo do cigarro pela atmosphera socegada n'um quietismo fatalista; no bater cadenciado da onda sobre os rochedos da remota praia; ou na faina maritima das campanhas de pesca, da Povoa ou da Figueira.

A outros encanta-os a pintura das batalhas, da carnificina nos combates, das scenas do *Terror* em que os *sans culottes* passeiam na ponta dos chuços as cabeças das lindas mulheres empoadas; do espectaculo no circo romano onde as feras dilaceram os corpos brancos das virgens christãs, e em que o gladiador se estorce nas convulsões d'uma agonia, que o povo romano applaude. Outros ainda admiram a licção de anatomia de Rembrandt, em que figura o sabio professor flamengo rodeado dos seus discipulos attentos na dissecação d'um cadaver.

Sousa Martins, sem deixar de sentir as bellezas da natureza e os processos intencionaes da arte nas manifestações suaves ou violentas, era seduzido principalmente pelo espectaculo dos complicados meios de acção da natureza na sua evolução physiologica, e

na devastação pathologica. A mysteriosa transformação da cellula na gestação do individuo; a incomprehendida formação do animal e a differenciação dos sexos; o crescimento dos orgãos e a sua adaptação ás necessidades da vida; a transmissão, atravez dos nervos, do fluido que se transforma em força, em movimento, em actos de volição ou manifestações do pensamento; o attrahente problema da localisação das faculdades, eram para elle motivos de voluptuosidades intellectuaes, d'um requintado goso d'arte, d'um influxo de verdadeira poesia nascido nas manifestações do organismo entre esses dois periodos — o apparecimento da vida — e a morte.

Um dia, ainda muito novo, trabalhava elle no seu laboratorio emquanto a Mãe e a Irmã recebiam n'um gabinete proximo a visita d'uma amiga querida. A fragil parede separava dois polos de actividade animica. D'este lado as simples preoccupações affectivas, lá dentro, o sabio ainda no periodo das surprezas, procurando com a attenção absorvida a applicação das theorias, a resolução dos problemas especulativos.

De subito abre-se a porta do laboratorio, e a figura angulosa de Sousa Martins, com a sua desproporcionada cabeça de emmara-

nhada trunfa, emergindo dos hombros, de onde pendia em pregas a blusa do operador, apparece trazendo na mão um prato de faiança onde se arredondava uma massa levemente acinzentada, formada de pertuberancias, sulcada de ravinas.

Era um cerebro que acabava de extrahir da respectiva caixa craneana, e em cujas circumvoluções encontrára a mancha que indica a perturbação mental, a lesão na terceira prega do lado esquerdo, cujo apparecimento coincide com a impossibilidade de pronunciar algumas palavras da oração.

Ás trez senhoras, ligeiramente arrepiadas com tão extravagante apparição, explicava elle então enlevado, como é bello e curioso um cerebro, e como n'aquelle se tinham gerado pensamentos, como tinha talvez faltado pouco (quem sabe se apenas a deslocação d'uma cellula?) para fazer do seu possuidor um sabio, um heroe, um poeta, um criminoso, ou um santo!

Quem possue a capacidade de sentir toda a belleza da figura de Hamlet perguntando ao coveiro do cemiterio de Elsenor, quanto tempo leva a terra a corromper um cadaver:

How long will a man lie i'the earth ere he rot?

e sabe apreciar a grandeza das palavras do hysterico Principe de Dinamarca soerguendo com a mão o craneo de Yorick, o bobo do Rei *(Allas! poor Yorick!)* em cujos ossos procura os beiços de que sahiam facecias alegres, e de que recebêra beijos em creança, comprehenderá de certo toda a poesia com que o talento de Sousa Martins illuminava n'aquelle momento essa massa encephalica —um cerebro humano, o maravilhoso cadinho onde se fórma o mundo das ideias!

N'outro dia, já elle era então o clinico famoso e o medico celebre, tinha a sua antecamara repleta de clientella. Note-se que a sua consulta era gratuita e a ella comparecia qualquer obscuro anonymo, seguro de encontrar attenção e conselho.

Procurando Sousa Martins, no intuito de conversar, eu ia ás vezes encontral-o ainda em plena consulta, que se prolongava.

N'essa tarde cruzei-me no corredor com uma mulher gorda. A côr levemente terrosa, o andar arrastado, o seu aspecto geral indicavam n'ella desde logo uma doença adeantada.

Entrei no gabinete do mestre.

Morava então alli á Moeda, n'um terceiro andar, para onde se subia por uma escada escura, que tinha tambem uma porta para a calçada da Bica.

O gabinete era simples: a mesa a que o Doutor se encostava para interrogar os seus doentes, um armario com livros e um banco comprido para a observação de algum caso que exigisse ser visto na posição horizontal. N'uma prateleira alguns «bocaes» e retortas, frascos contendo liquidos de pharmacia. E nas paredes os retratos em gravura de Pasteur, de Darwin e de Littré.

A sua physionomia, d'uma fealdade tão espirituosamente attrahente, tinha n'essa occasião uma radiação de quem acaba de assistir a um espectaculo absorvente.

— Viu — disse-me elle, antes de me perguntar como eu estava,—essa mulher que acaba de sahir? Que bello exemplar! Que lindo specimen!

— De quê? interroguei eu.

— Do cancro! E' o mais perfeito modelo da decomposição do organismo que póde vêr-se andar a passeiar a sua ruina por essa Lisboa!

E, na sua linguagem imaginosa, esse caso tomava as proporções d'um poema, mais interessante e cheio de inesperado que os de Edgar Pöe, aquelle de quem Rollinat o poeta das *Nevroses* dizia:

Edgar Pöe fut démon, ne voulant pas être Ange.
Au lieu du Rossignol, il chanta le Corbeau;

Et dans le diamant du Mal et de l'Etrange
Il cisela son rêve éffroyablement beau,

....

Devant son oeil de lynx le problème s'éclaire:
—Oh comme je comprends l'amour de Baudelaire
Pour ce grand ténebreux qu'on lit en frissonant.

Sousa Martins, porém, nada tinha de «tenebroso» nem a sua phrase era «macabra». Essa phrase, se por vezes dava o arrepio, era apenas o que resulta da impressão do talento na explicação dos desvios morbidos do organismo atacado pela doença.

E o que o seduzia n'esses exemplares pathologicos era o processo da decomposição, a chimica da putrefacção, a acção victoriosa do micro-organismo destruidor invadindo o corpo são, e de modo algum o padecer do doente. Para alguns esse soffrimento é indifferente. Para a grande maioria a dôr alheia é até mesmo um motivo de prazer.

Embora esta affirmação tenha um aspecto paradoxal, ella é incontestavelmente verdadeira.

E de facto a maior parte do prazer humano é nascido da dôr, ou do soffrimento alheio.

A vida alimenta-se da morte. O prazer alimenta-se da dôr. A vida é sempre uma lucta.

O maior gozo é vencer o adversario, e o espectaculo do combate universal fórma a essencia do deleite humano.

Na maioria dos divertimentos ou espectaculos publicos, a que o homem assiste, fornecem-lhe, para o distrahir, os diversos aspectos da dôr. Nero ou Heliogabalo assistindo do alto da tribuna do Colyseu á matança, á carnificina, á pugna, á carreira em que os conductores das quadrigas se despedaçavam, symbolisam a humanidade soffrega de saborear o padecimento e a tortura.

O proprio Santo Agostinho (e depois foi um grande doutor da Egreja!) confessa que, levado um dia ao Circo na famosa cidade africana, se arrependêra logo da sua fraqueza, e fechára os olhos, resolvido a não vêr os horrores d'aquelle acto. A breve trecho, irresistivelmente entreabre um, e até ao fim não póde mais fechal-o, absorvido, como se achou, pela empolgante scena.

A creança ri e goza quando arranca as azas á mosca que captiva, e delicia-se com as ancias do rato que é martyrisado pelo rapazio. Um dos prazeres populares é vêr o pintasilgo, a quem cegam com um ferro em braza para melhor gorgear, fazer esforços do alto do seu poleiro para trazer a si um dedal com agua que lhe mitigue a sêde.

E a gente culta, a fina flôr da humanidade, eu e tu leitor que me estás lendo, temos procurado um dos maiores gozos intellectuaes na audição da tragedia, em que a fatalidade arrasta os destinos, em que se traduzem nos versos sonoros as mais angustiosas situações; ou do drama em que nos deixamos commover pela illusão das mais dilacerantes paixões humanas. Na propria comedia e na farça o que desopila a multidão hilariante é a inferioridade dos personagens ridiculos, embaraçados nas redes da propria estupidez. E quando na arena do circo o palhaço, o *clown*, o *auguste* fingem cahir desastradamente, ou aparentam levar grande bordoada dos companheiros, é então que o publico, moços e velhos, mais ri e mais irresistivelmente applaude.

Na vida real o bobo, o corcunda, o moderno «caturra» são entidades inconscientemente fornecidas á ferocidade do egoismo humano para ter o sentimento da superioridade, e vêr estorcerem-se entes mesquinhos com os esgares da sua impotencia.

Para que amontoar exemplos? Se até em muitas naturezas a dôr propria, os soffrimentos do proprio corpo, os tormentos da propria alma são motivos da requintada delicia!

Os flagelladores, os «masochistas», os asce-

tas, os martyres e em geral todos os «algophilos», isto é, os amantes da dôr, procuram no sacrificio originado ou em ideias levantadas, ou em baixos instinctos, motivos de prazeres intensos.

É por isso que, pela natural reacção inspirada n'um sentimento de justiça, tão vulgar nas multidões, (mesmo quando ellas são compostas de individuos injustos), na humanidade é venerado o altruista, a alma caridosa que se dedica ao bem alheio, aquelle que, inspirado ou n'um ideal divino, ou na simples voz da propria consciencia, encontra a satisfação intima no allivio dos padecimentos da miseravel humanidade.

Sousa Martins pertencia a este numero.

Prodigo do talento, espalhando sem contar o seu capital de ideias, atirando despreoccupadamente pelas janellas fóra a poeira d'oiro do seu espirito, elle era tambem prodigo dos bens da fortuna, e, sem pensar no dia de ámanhã, gastava quanto tinha na unica intenção de praticar o bem.

Na culminancia da sua situação social nunca abandonou a clinica dos pobres.

E não era raro que, percorrendo a pé as estreitas viellas dos bairros operarios onde a carruagem não podia entrar, penetrando pelas immundas habitações onde as familias

gemem minadas pela doença, extenuadas pela miseria, tendo que receitar remedios custosos a quem não possuia os magros dez réis para attenuar a fome, elle deixasse, de mistura com a receita, grande parte dos vencimentos ganhos na clinica dos ricos que pagavam generosamente os seus soccorros.

Dissipador do seu talento, não deixa uma obra concreta indicadora do que esse talento valia.

Perdulario da fortuna, não soube amontoar riquezas.

Mas no espirito dos admiradores a memoria do seu genio ficou tão fresca, que a tradição a vae já levando n'uma quasi lenda ás gerações de ámanhã.

E no coração dos que soccorreu ficou um germen de gratidão, que lhe ha de perpetuar a memoria.

E é n'esses dois aspectos do seu caracter — o interesse do espirito pelo pittoresco das doenças, — o impulso do coração no allivio das miserias, — que mais formosamente se destaca a figura de Sousa Martins — Poeta da Medicina.

O Duque de Loulé

Figura proeminente na sua epocha, Loulé foi grande na galeria dos homens publicos; nobre entre os da nobre pleiade, — Terceira, Saldanha, Palmella, — e outros com que a aristocracia de sangue contribuiu no seculo XIX para a implantação e consolidação do regimen liberal; e o mais bello homem do seu tempo.

Descendente dos senhores de Biscaya — quasi reis — dos Rolins, provenientes d'aquelles a quem Affonso Henriques dera Azambuja, e por sua mãe um Menezes dos Marialvas, era o mais lindo typo d'essa raça apurada, não com o significado com que o *calão* moderno abastardou a palavra adjectivando-a e synonymisando-a com a de *rufião* ou *fadista,* mas Marialvas com M maiusculo, dos guerreiros cavalleirosos que se batiam no Alemtejo com bravura, e que curveteavam no picadeiro de Belem com a gran-cruz de Christo a tiracollo, e na cabeça o elegante tricorne emplumado.

Adolescente, Loulé ouvira ainda os ultimos echos do *serenins* nas salas de Queluz; escutára commovido a voz da Infanta D. Anna de Jesus, que depois foi sua mulher; e mais tarde, nos campos de batalha, brilhante official ás ordens do seu cunhado, sentira o clangor das trombetas e o estrondo das descargas nas luctas pela liberdade.

Parece á primeira vista um paradoxo affirmar (e a muitos d'aquelles que julgam incompativeis as duas qualidades de nobreza de raça e amôr de liberdade, custar-lhes-ha a comprehender o phenomeno) que o Duque de Loulé fôsse durante largos annos o chefe incontestado d'um partido liberal, o partido liberal por excellencia.

Elle, que nascêra e fôra educado na côrte; que em 1830 fôra o enlevo dos salões de Paris; que ainda em nossos dias vimos no desempenho do seu officio de Estribeiro-mór da Casa Real, montando, erecto e desempenado na sella de velludo verde, um soberbo cavallo d'Alter á roda direita do coche, onde era conduzido o cadaver da Imperatriz Viuva, desde o seu palacio ás Janellas Verdes até S. Vicente de Fóra; elle, que n'esse dia, com o seu busto ainda airoso na farda rutilante de bordados, com a sua cabeça que não parecia embranquecida pelo tempo mas polvilhada

como as de seus avós do seculo XVIII, com a sua physionomia d'uma impassibilidade olympica, mixto de magestade, de indifferença, de abstracção e de leve desdem, com o seu olhar soberanamente amortecido, assim alliava a distincção mollemente aristocratica do cortezão á viril e aprumada altivez dos barões feudaes de que provinha; e que atravessando as ruas apinhadas, de Lisboa, era n'essa tarde saudado como a mais linda estampa d'um homem de raça; elle, que todos os annos, a 6 de novembro, seu anniversario, recebia a visita do Rei, esse homem era o chefe do partido historico, que vinha da Revolução de Setembro.

Mas se era *setembrista,* se era patuléa, nunca fôra *pé fresco.* Representava e traduzia fielmente o *whig* aristocrata inglez que ama a liberdade — *poder de fazer o bem,* e o povo — a grande massa da nação que necessita guiada e encaminhada pelos que sabem governar.

E governar era para o Duque de Loulé uma religião.

Não um motivo de ambição, pois que nem honrarias nem proventos da politica podia auferir, mas um encargo, que a sua situação e o seu patriotismo lhe impunham.

Não disputava á navalha a posse do poder,

que só lhe trazia dissabores e desgostos, a elle, rico, vivendo no conforto de uma existencia luxuosa; mas acceitava o mando como um Rei herda o sceptro.

A sua psychologia politica, romanticamente e metaphysicamente democratica, era, como a sua figura, nobre e bella.

E se na sua physionomia o principal caracteristico era a proverbial serenidade, fria, altiva, quasi desdenhosa, no seu caracter o traço principal era a integridade.

«A tradição de honradez e virtude (diz um historiador), constante no partido dos Passos, do Sá da Bandeira, deve contar-se por uma das forças mais energicas com que o setembrismo bateu em 36 os cartistas, e dez annos depois os cabralistas. E essa tradição, ainda viva depois da Regeneração, era tambem ainda uma das melhores, senão a melhor arma do partido historico personalisado no seu chefe, o duque de pedra, frio, mudo, impassivel, mas sem uma nodoa e com um ar de superioridade soberana que vencia...»

Essa impassibilidade, que se tornou lendaria, deu origem a muitas anecdotas, que accentuam o aspecto da sua personalidade.

Contava-se, por exemplo, que estando uma noite trabalhando no seu gabinete do pateo do Thorel, viera um criado informal-o de que

a casa estava a arder. Sem se alterar, sem levantar a cabeça nem o olhar dos papeis que lia, recommendou ao servidor que o avisasse na occasião em que o fogo chegasse á sala contigua. Foi depois d'esse incendio, que devorou toda a casa, que elle mudou a sua residencia para a Quinta da Praia, em Belem, actual habitação do seu filho, o Duque de Loulé, e que já fôra residencia do seu avó, o Marquez de Marialva, tão pittorescamente descripta por o inglez Bekford.

D'outra vez, atacado no parlamento, quando presidente do conselho, pelos mais vigorosos caudilhos da opposição, que se esforçavam por o obrigar a sahir da sua impassibilidade empregando a ironia, o sarcasmo, a accusação, quasi o insulto, o Duque ouvia indifferente, sereno...

Pronunciada, por um dos oradores, uma phrase mais violenta e aspera, o Duque de Loulé levanta os olhos para a presidencia e pede a palavra. Estupefacta a opposição regosija-se, e o orador, satisfeito por ter conseguido que o *fleugmatico* Loulé sahisse da sua torre de marfim... desiste da palavra e cala-se.

Então o Duque levantando-se... limita-se a mandar para a mesa uns documentos completamente alheios ao debate.

Dizia-se tambem que levando-lhe certo individuo um artigo, em que a pessoa do Duque era diffamada, e allegando o *maître chanteur* em sua defeza a miseria que o obrigava a publicar o artigo que, dizia elle, lhe fôra remettido para o dar á publicidade, se não lhe pagassem uma somma importante, o Duque, sem se impacientar, negou-lhe terminantemente as libras exigidas. Insistindo o *cavalheiro de industria,* e rogando-lhe que lêsse o manuscripto para se convencer do horror das accusações, e do que de escandaloso ali se dizia, Loulé, levemente ironico, informou-o de quanto lhe era difficil lêr lettra de mão, e convidou-o a ir sem demora publicar no jornal o seu arrazoado, onde no dia seguinte leria facilmente em lettra redonda a *terrivel* diatribe.

É sabida tambem e reconhecida a coragem com que procedeu por occasião dos acontecimentos causados pela morte de D. Pedro V, e dos Infantes.

A plebe amotinára-se e multiplicavam-se as calumnias sobre *a gente do Paço.* E, assim como já em tempo o tinham accusado de querer pôr seu filho no throno chegando a mandar cunhar moeda com a effige de *um D. Pedro V* que tinha vagas semelhanças a um tempo com o Principe Real (que depois

foi Rei) e com o actual Duque de Loulé (que tambem se chama Pedro), agora accusavam-n'o de envenenador da Familia Real para herdar elle proprio a corôa de Portugal.

Nas ruas havia tumultos.

O Conde da Ponte fôra apedrejado e ferido perigosamente.

N'essa tarde, ao passar o Duque de Loulé n'uma praça, choveram sobre elle injurias, e foram arremesados projecteis contra a sua carruagem.

Então o Duque, com a coragem fria dos fortes, com a serenidade e nobreza de quem não teme, abre a portinhola, apeia-se, encara a turba bravia e, com aquella voz abarytonadamente vellada, que era um dos encantos da sua personalidade, exclama:

«—Que me querem? Vão para casa e soceguem.»

E a multidão, entre envergonhada e arrependida, escoou-se, dispersou-se, emquanto pela rua proxima se afastava ao trote miudinho das mulas de Alter o *coupé* tão conhecido, tendo na almofada os dois creados com os galões prateados da Casa Real; e interiormente, no fundo do estôfo azul escuro, se destacava a cabeça, já n'esse tempo a alvejar, do Duque que seguia sereno...

Essa carruagem via-a eu parar por vezes á porta da casa de meu pae.

E pela nossa escada subia vagarosamente a figura de Loulé, quasi sempre na intenção de organisar algum gabinete, de completar alguma combinação politica.

N'algumas d'essas visitas, (de uma das quaes, em 1865, sahiu com o nome de meu pae para a pasta do Reino), encontrava-se com Vicente Ferrer, que nas suas vindas á capital nunca deixava de accorrer a esta casa, com Ayres de Gouvêa, ainda então secular elegante envergando casaca de bom córte, e cofiando o bigode cuidadosamente tratado, com Alexandre Herculano, que por vezes descia de Ajuda para vir desenfadar-se a Santo Amaro, ou aqui passava de caminho da Livraria Bertrand para a sua thebaida, e outros...

Herculano, ao saber que meu pae, de quem era muito amigo, ia entrar para o Ministerio, dirigiu-lhe uma carta, que é um modelo de humorismo rude, mas que algumas palavras cruamente naturalistas, e o farto azedume contra os politicos, me impedem de publicar.

Das visitas que o Duque de Loulé fazia aqui a casa, e das poucas que eu a sua casa fiz ainda creança, guardo a recordação que

em nós deixam os factos agradaveis (n'essa edade, em que a memoria fresca os conserva no melhor canto do seu armazem), um ligeiro afago na cabeça, um sorriso bondoso, um olhar benevolo e sympathico e com a sua voz um pouco arrastada uma phrase amavel do velho para o rapazote...

Vi-o pela ultima vez, então eu já estudante na Universidade de Coimbra, e elle tendo ido assistir á sagração do actual Bispo Conde.

E tenho presente bem nitida a sua figura aprumada, de farda, segurando o jarro de prata, durante o Lavabo perante o novo Prelado.

Nunca mais o vi. Pouco depois morria.

Se ás vezes a politica burgueza do seu tempo, ou por desconhecer a sua nobre personalidade o alcunhou de mediocre, ou por inveja do poder que, com a amizade de D. Pedro V, e depois a estima de El-Rei D. Luiz lhe advinha, o cognominou de *Rei de Sião;* se pelo seu temperamento frio, indifferente, stoico, não foi popular na acepção estrondosa da palavra, foi comtudo sempre merecedor do respeito publico, porque foi honrado, serio, fiel e bom.

O *quid poeticum* que lhe dava o seu nascimento, a sua belleza, o seu romantico casamento, o seu aristocratico desdem, a sua

grandeza simples fizeram-n'o entrar na região da lenda.

E, chefe de um grande partido que prestou ao paiz relevantes serviços, e cuja direcção successivamente recahiu nos seus dilectos collaboradores, Anselmo Braamcamp e José Luciano de Castro, o Duque de Loulé deixou de si a mais invejavel memoria consagrada no Elogio funebre que d'elle fez a voz mais eloquente do seu tempo, a voz de Antonio Candido.

INDICE